



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

JULIA RAFAELA SILVA DA SILVA

O FLAGELADO É O FLAGELO? Migração cearense e epidemias de varíola em Belém
(1877-1915)

BELÉM-PA

2024

JULIA RAFAELA SILVA DA SILVA

O FLAGELADO É O FLAGELO? Migração cearense e epidemias de varíola em Belém
(1877-1915)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPHIST-UFPA) como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: População, família e migração na Amazônia

Orientador: Prof. Dr. Antonio Otaviano Vieira Júnior

BELÉM-PA

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586f Silva da Silva, Julia Rafaela.

O flagelado é o flagelo? : migração cearense e epidemias de
variola em Belém (1877-1915) / Julia Rafaela Silva da Silva. —
2024.

146 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. Antonio Otaviano Vieira Junior
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação
em História, Belém, 2024.

1. varíola. 2. migração. 3. cearenses. I. Título.

CDD 981.05

JULIA RAFAELA SILVA DA SILVA

O FLAGELADO É O FLAGELO? Migração cearense e epidemias de varíola em Belém
(1877-1915)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPHIST-UFPA) como parte dos requisitos parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Otaviano Vieira Júnior

Data da aprovação: __/__/____

Conceito: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antonio Otaviano Vieira Júnior – Orientador
Presidente / PPHIST-UFPA

Prof. Dr. Nelson Rodrigues Sanjad
Examinador interno / PPHIST-UFPA

Prof. Dr. Luis Reznik
Examinador Externo / UERJ

Dedico este trabalho aos meus pais, Conceição Souza e Jairo Silva e ao meu irmão, Jairo Junior.

AGRADECIMENTOS

A construção dessa dissertação é fruto do apoio, atenção, carinho e amizade de algumas pessoas que estão comigo há muito tempo ou que encontrei na caminhada da escrita dessa pesquisa e que me incentivaram e apoiaram ao longo desses anos para que eu pudesse concluir este trabalho.

Agradeço inicialmente ao meu orientador professor, Antonio Otaviano, pela orientação cuidadosa e eficiente, indicando os melhores caminhos para a tessitura dessa dissertação. Igualmente agradeço aos professores Nelson Sanjad e Franciane Lacerda, que estavam presentes em minha qualificação e fizeram valiosos apontamentos para que minha pesquisa pudesse seguir. Também agradeço à professora Magda Ricci, que ministrou a disciplina de Teoria da História com muito êxito e foi fundamental para ampliar o amadurecimento teórico da minha pesquisa.

O ingresso no Mestrado em História da Universidade Federal do Pará possibilitou muito mais que uma formação acadêmica, mas o contato com pessoas que se tornaram verdadeiros amigos, os quais foram fundamentais para que o processo da pesquisa fosse menos solitário. Dessa forma, não posso deixar de agradecer à Silviane Farias, Gabriel Borges, José Vieira, Juliana e, em especial, ao meu amigo Diego Silva, o qual esteve ao meu lado me apoiando, me incentivando e ainda dividiu comigo toda a ansiedade da seleção de doutorado, na qual felizmente fomos aprovados no ano de 2023 enquanto eu ainda finalizava esta dissertação.

Para além dos espaços da universidade, também sempre pude contar com excelentes amigos que, muitas vezes, acreditaram em mim mais do que eu mesma. Aos amigos que estavam ao meu lado, não posso deixar de mostrar minha enorme gratidão. Portanto, agradeço à Alessandra Sampaio, Raquel Costa, Sidney Pery, Leonardo Coelho e Natália Correa.

Durante a escrita deste trabalho, também dividi meu tempo com a sala de aula na rede privada de ensino, espaço que possibilitou amizades que foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Por isso, meu muito obrigada à Luene Bastos, Fernando Martins e Gabriel Azevedo. Especialmente agradeço à minha amiga e comadre Giordana Ferreira, a qual considero como uma irmã e sempre que olho a vejo torcendo por mim e me apoiando. Também agradeço ao meu afilhado Peter, que desde que nasceu proporciona alegria para a minha vida. Assim como agradeço aos pais da Giordana, tia Marília e tio Ubirajara, que sempre fizeram eu me sentir em casa.

Sobretudo, este trabalho foi possível graças ao apoio e amor dos meus pais, pois em cada passo dado eles estavam torcendo por mim e se orgulhando de cada etapa conquistada.

Agradeço ao meu pai, Jairo Silva, por todo o amor e carinho, pela felicidade e orgulho que demonstra sentir por eu ter seguido do mesmo ofício que ele. Hoje, além de partilharmos o amor de pai e filha, também compartilhamos as alegrias e dificuldades da profissão que temos em comum.

Agradeço à minha mãe, Conceição Souza, por todo o suporte, amor, carinho e dedicação para que eu pudesse chegar até aqui. Este trabalho é uma forma de retribuir por tudo que minha mãe abdicou para que eu tivesse mais oportunidades do que ela teve. Nesse mesmo espaço agradeço à minha avó Iracy (*in memoriam*), a qual faleceu precocemente e não pude conhecer, mas sei que ela me guia em cada passo dado. Também não posso deixar de mencionar minha bisavó Francisca Lima (*in memoriam*), que faleceu aos 96 anos em 2022, deixando muita saudade e boas lembranças. Certamente minha história está relacionada à força dessas três mulheres cearenses.

Agradeço aos meus irmãos, Yasmin e Joaquim, simplesmente por existirem e tornaram a vida mais feliz e bonita. Por fim, agradeço ao meu irmão Jairo Junior, meu melhor amigo e quem me faz compreender diariamente o verdadeiro significado do amor. Sou muito grata ao meu irmão pelo apoio, inspiração e por despertar em mim um dos sentimentos mais bonitos que sinto e que me fortalece cotidianamente.

Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai (Krenak, 1999, p. 27).

RESUMO

Esta pesquisa pretende analisar criticamente a relação entre a migração cearense e as epidemias de varíola em Belém a partir da segunda metade do século XIX até o início do século XX. O estudo objetiva relativizar o discurso das autoridades médicas e imprensa acerca do tema, procurando desvelar as razões que levaram esses sujeitos a responsabilizar os cearenses pelas epidemias de varíola. A fragilidade dessas acusações, carentes de fundamentação, é o ponto de partida para buscar compreender a relação dos migrantes cearenses com as epidemias de varíola que ocorreram na Belém da Belle Époque. O interesse pelo tema começou com a percepção de que há um certo consenso envolvendo os discursos produzidos sobre o assunto, verificando-se grande sintonia nas falas dos governantes, médicos e imprensa. Essa sintonia encontrou eco na produção historiográfica que abordou as epidemias de varíola em Belém da segunda metade do século XIX ao início do século XX, pois, como mostraremos a seguir, a tese apresentada por Arthur Vianna no início do século XX prosperou como abordagem da questão, tornando-se lugar comum explicar a origem das epidemias de varíola em Belém, naquele contexto, como produto da migração cearense. O objetivo principal proposto aqui será mostrar o discurso das autoridades governamentais, dos médicos e da imprensa em relação ao assunto, buscar compreender a fundamentação destes e os possíveis questionamentos que podem ser feitos ao posicionamento destes sujeitos. O tema, desde Vianna não foi devidamente enfrentado pela historiografia, merecendo, portanto, a devida atenção e dedicação investigativa.

Palavras-chave: migração; varíola; cearenses.

ABSTRACT

This research aims to critically analyze the relationship between migration from the State of Ceará and smallpox epidemics in Belém, in the State of Pará, Brazil, from the second half of the 19th century to the early 20th century. The study seeks to contextualize the discourse of medical authorities and the press on the subject, attempting to unveil the reasons that led these entities to consider individuals from Ceará responsible for the smallpox epidemics. The fragility of these accusations, lacking substantiation, serves as a starting point to comprehend the connection between Ceará migrants and the smallpox epidemics that occurred in Belém during the Belle Époque. The interest in this topic arose from the observation of a certain consensus in the produced discourses, with significant alignment in the government authorities statements, doctors, and the press. This alignment resonated in the historiographical production addressing smallpox epidemics in Belém from the late 19th century to the early 20th century as will be shown later, with Arthur Vianna's thesis from the early 20th century thrived, that was the prevailing approach, becoming commonplace to explain the origin of smallpox epidemics in Belém during that period as a result of Ceará migration. The main objective here is to present the discourse of governmental authorities, doctors, and the press on the subject, aiming to understand its reasoning and potential questionings related to the positions of these entities. Since Vianna, this topic hasn't been adequately addressed by historiography, deserving proper attention and investigative dedication.

Keywords: migration; smallpox; individuals from Ceará

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1 – Hospital dos Variolozos	110
--	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Epidemia de varíola de 1872.....	62
Tabela 2 – Epidemia de varíola de 1878.....	64
Tabela 3 – Epidemia de varíola de 1887.....	66
Tabela 4 – Epidemia de varíola de 1895.....	67
Tabela 5 – Epidemia de varíola de 1904.....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – AS CONCEPÇÕES SOBRE A VARÍOLA	24
1.1 A etiologia da varíola até o início do século XX.....	24
1.2 Entre miasmas e micróbios.....	39
CAPÍTULO 2 – MIGRANTES CEARENSES E AS EPIDEMIAS DE VARÍOLA EM BELÉM: O DISCURSO DO MEDO	56
2.1 A varíola e os migrantes cearenses na obra de Arthur Vianna.....	56
2.2 Migrantes cearenses e a varíola nas fontes institucionais	72
2.3 O discurso sobre os migrantes cearenses nos periódicos	87
CAPÍTULO 3 – A DRAMATURGIA DAS EPIDEMIAS DE VARÍOLA EM BELÉM.....	104
3.1 “Bate-nos à porta um hospede impertinente”	106
3.2 “Estamos invadidos pela epidemia de varíola”	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
FONTES	135
REFERÊNCIAS	138

INTRODUÇÃO

A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente.

Marc Bloch¹

No dia 5 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou seu primeiro boletim sobre uma pneumonia de origem desconhecida identificada na China, na cidade de Wuhan, no dia 31 de dezembro de 2019. A multiplicação de casos da doença logo transformou a cidade no epicentro do que em breve seria definido pela OMS como uma nova pandemia.

Este aumento de infectados na região também contribuiu para casos de discriminação e violência contra a população asiática e seus descendentes, dando origem a expressões como “vírus chinês” ou “vírus de Wuhan”, criando um estigma em torno desse grupo social em relação à doença, que representava a nova ameaça mundial. A Organização Mundial da Saúde define o estigma social na esfera da saúde como a relação que é feita pejorativamente entre uma doença específica e um grupo de pessoas que apresentam características em comum, que traz como consequências diversas formas de discriminação, estereótipos e até a perda de status durante o contexto epidêmico.²

De acordo com Deisy Ventura³, o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, foi um dos principais difusores do termo “vírus chinês”. Ventura destaca que, após uma postagem do governante na rede social X, antigo Twitter, na qual o ex-governante utilizava a expressão, o uso do termo aumentou expressivamente. No dia 16 de março de 2020, após associar os chineses à nova pandemia, o termo aumentou de 16.535 para 177.327 na semana seguinte.

No Brasil, a população asiática também foi estigmatizada no contexto pandêmico. O ex-presidente Jair Bolsonaro, que inúmeras vezes negligenciou a pandemia, debochou dos enfermos e criou suspeitas em torno da vacina, além de também atribuir aos chineses a culpa

¹ BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001, p. 65.

² VENTURA, Deisy. Pandemia e estigma: nota sobre as expressões "vírus chinês" e "vírus de Wuhan". **Museu da Imigração**, 2020. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/pandemia-e-estigma-nota-sobre-as-expressoes-virus-chines-e-virus-de-wuhan>.

³ *Ibid.*

pela COVID-19, chegando a alegar que o vírus havia sido criado em laboratório e que os asiáticos estariam se beneficiando economicamente do contexto sanitário.⁴

Ora, não seria a primeira vez na dinâmica dos acontecimentos epidêmicos e pandêmicos que uma doença específica estaria associada a um determinado grupo social, provocando estigmas e a mentalidade de que estas pessoas, que compartilham características em comum, seriam responsáveis pela eclosão de um determinado surto epidêmico. Um exemplo bastante atual é o da AIDS que, na década de 1980, quando começou a fazer suas primeiras vítimas, foi associada aos homossexuais, sendo chamada inclusive de “câncer gay”, contribuindo para a criação de um estigma e a culpabilização das vítimas da doença.⁵

Os contextos epidêmicos e pandêmicos são eventos marcados por uma desorganização e reorganização social, como definiu Jean Pierre-Peter e Jacques Revel e, portanto, servem para desvelar aspectos de uma sociedade atingida por estes fenômenos. Todavia, para que uma epidemia sirva para compreender as dinâmicas de uma região, como seus ritos, religiosidade, economia, desigualdade, experiência com a morte e saber médico, é necessário que se tenha o entendimento sobre o contexto histórico, visto que, como afirmou Roy Porter, a história da medicina sem uma compreensão da sociedade se empobrece⁶. Esta será a perspectiva assumida por essa abordagem, pois nos preocupamos em mergulhar nas entranhas da sociedade paraense da segunda metade do século XIX e início do século XX, com o propósito de mostrar como se deu a experiência do povo amazônico com as doenças que se tornavam epidêmicas, quais as práticas terapêuticas forjadas pela medicina oficial para combatê-las e como explicavam a doença, mas, principalmente sua origem.

Neste contexto - segunda metade do século XIX -, a capital paraense foi marcada pelo desenvolvimento econômico consequente da produção e exportação do látex, sendo os anos de 1870 a 1910 considerados como o período de maior surto econômico da região, em função do crescente aumento da produção da borracha⁷. Todavia, a grande procura pela goma elástica encontrou alguns problemas, dentre eles a carência da mão de obra, questão que foi solucionada

⁴ COLETTA, Ricardo Della. Em novo ataque, Bolsonaro sugere que China faz guerra biológica com Covid. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/05/em-novo-ataque-bolsonaro-sugere-que-china-faz-guerra-quimica-com-covid.shtml>.

⁵ NASCIMENTO, Dilene Raimundo; VIANNA, Eliza da Silva; MORAES, Monica Cristina de; SILVA, Danielle Souza Fialho da. O indivíduo, a sociedade e a doença: contexto, representação social e alguns debates nas histórias das doenças. **Khronos**, v. 6, p. 17, 2018. DOI: 10.11606/khronos.v0i6.150982. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/khronos/article/view/150982>.

⁶ CUETO, Marcos. El pasado de la medicina: la historia y el oficio. Entrevista com Roy Porter. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, Apr, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/qQNkSnKhHPsblV8Hct5RTsG/?lang=es&format=pdf>.

⁷ SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas Produzindo a Belle-Époque (1870 - 1912)**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2000.

por meio da migração interna, principalmente com os migrantes oriundos do Nordeste, que se tornaram a principal força de trabalho para a economia gomífera, sobretudo a partir de 1877, quando o Ceará enfrentou um período de estiagem que resultou na migração de inúmeros cearenses para a Amazônia.⁸

A ascensão da economia da borracha atraiu um intenso fluxo migratório para a região amazônica, o que resultou em um expressivo crescimento populacional na capital paraense. De acordo com dados levantados por Cristina Cancela, a cidade de Belém contava, no início do século XIX, contexto marcado pela exploração do cacau, com apenas 12.500 habitantes. Todavia, decorrido pouco mais de meio século, o número de habitantes totalizava 30.000. A historiadora destaca o aumento populacional da capital no auge da exploração do látex, mostrando que durante as décadas de 1870 a 1920, cerca de 20% a 25% da população do estado vivia em sua capital. Ainda que a migração nacional e a estrangeira tenham sido bastante expressivas para a região, resultando no crescimento populacional, a maior parte desse aumento foi em função da migração nordestina.⁹

A experiência dos migrantes cearenses que se deslocaram para a Amazônia e permaneceram na capital paraense foi objeto de estudo de Franciane Lacerda. A historiadora buscou analisar os sentidos que esses migrantes atribuíram ao processo de deslocamento, as condições de vida, trabalho e moradia, os laços de solidariedade bem como os sentidos que os poderes públicos do Pará e do Ceará deram a este processo migratório. De acordo com a autora, havia uma grande preocupação da sociedade paraense com a quantidade de pessoas que chegavam, nos períodos marcados por intensa seca no Ceará, quase que diariamente à capital paraense, apresentados pela imprensa como famintos, esqueléticos, miseráveis. A condição a qual esses migrantes chegavam na cidade mobilizou a população paraense e o poder público quanto à criação de medidas que visavam ajudar os recém-chegados, visando conter a ordem e a disciplina destes que contribuíam para o aumento populacional.¹⁰

A entrada de migrantes nordestinos, sobretudo cearenses, na capital paraense, provocou uma preocupação com a ordenação do espaço público, principalmente em relação a questões

⁸ SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas Produzindo a Belle-Époque (1870 - 1912)**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2000.

⁹ CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém - 1870-1920)**. 2006. 343 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-15012007-171851/pt-br.php>.

¹⁰ LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. 2006. 346 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16072007-105321/pt-br.php>.

como habitação e ocupação. O grande número desses migrantes que, por diversos motivos, não seguiam para os seringais, contribuíam para o elevado número de subempregados e desempregados na cidade de Belém. Este crescimento populacional causou um impacto na cidade, visto que o aparelho urbanístico não era suficiente para atender às demandas da população. Todavia, era necessário que a capital paraense tivesse seu espaço disciplinado e ordenado e, para que fosse possível exercer essa tarefa, o poder público precisou replanejar a cidade e também criar novos mecanismos de regulamentação voltados para a vida social na capital.¹¹

Maria de Nazaré Sarges apresenta a forma com que o poder público atuou na organização do espaço urbano belenense. A autora aponta que a insalubridade era o problema mais grave que atingia Belém no contexto do século XIX e que combater este problema era fundamental. Dessa forma, a intervenção do espaço urbano também acontecia por meio da disciplinarização dos hábitos da população através de mecanismos de controle como a fiscalização, a polícia municipal e as leis de posturas municipais. Segundo Sarges¹²:

A Belle Époque imprimia, desse modo, a redefinição do espaço urbano, a redistribuição dos locais destinados aos serviços sanitários e o emprego de mecanismos de controle dos hábitos da população, o que tornava bastante visível a distinção entre a área central da cidade, destinada aos ricos burgueses “desodorizados” e “higienizados”, e as áreas “periféricas” destinadas à população trabalhadora pobre.

O contexto da Belle Époque, vivenciado em Belém no auge da economia gomífera, é marcado pela exaltação da cidade urbanizada e saneada. A cidade é considerada como um organismo gestado pelo progresso e pela civilização. Em Belém, nota-se que essa intervenção do estado foi disciplinadora e segregadora, visando mostrar sua área central como reflexo da civilização que não tinha relação com o atraso e a barbárie.¹³

Segundo Jairo Silva¹⁴, o processo de modernização da cidade de Belém expõe as ambiguidades típicas desse processo na capital paraense. De um lado, as obras que visavam expressar todo esse ar de modernidade da região, como o Theatro da Paz, Museu Emílio Goeldi, Bosque Rodrigues Alves e palacetes; enquanto do outro lado estavam os inúmeros problemas de saúde pública que a cidade vivenciava nesse contexto, como as frequentes epidemias. Tendo

¹¹ SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas Produzindo a Belle-Époque (1870 - 1912)**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2000. p. 153.

¹² *Ibid.*

¹³ COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da Belle Époque e da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. **Revista Observatório**, v. 2, n. 5, p. 32-56, 2016.

¹⁴ SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. **Em busca da cura: a institucionalização da medicina acadêmica em Belém e sua relação com outras práticas terapêuticas entre 1889 e 1925**. Ed. CRV, 2017.

em vista esses constantes problemas que atormentavam a cidade e, acabavam por se contrapor às ideias de civilização e progresso, tão presentes nesse período marcado pela proclamação da república, emergem uma série de intervenções emanadas pelo poder público para a reorganização dos serviços de saúde da cidade, como a Junta da Higiene que passa a ser substituída pela Inspetoria de serviço sanitário. Além disso, uma série de outras intervenções foram realizadas no espaço urbano da cidade, baseadas principalmente na teoria miasmática, que predominava no referido contexto, pensando os efeitos dessas políticas principalmente nas camadas populares, que além de serem as mais atingidas, eram também culpabilizadas.

Essas intervenções acabam surtindo um efeito mais estético do que profilático, de acordo com o que o autor afirma. O contexto inicial do regime republicano no Pará foi marcado por inúmeras epidemias. Assim, o autor analisa as políticas de saúde encaminhadas pelo poder público em um período no qual o quadro de saúde da capital não era lisonjeiro. O contexto marcado por intensas epidemias, sobretudo as de varíola, que assolavam a cidade, pautava os debates relacionados ao universo da cura e os principais sujeitos envolvidos, como os terapeutas populares, mas também os médicos acadêmicos.¹⁵

Enquanto a economia gomífera colocava Belém entre as cidades mais importantes do Brasil e as riquezas proporcionadas pela extração do látex refletiam nos espaços centrais da urbe que se pretendia moderna e civilizada, a realidade dos cearenses era atravessada por longos períodos de estiagem. Especialmente na segunda metade do século XIX, é possível destacar a de 1877, quando uma grande seca eclodiu nos sertões cearenses, forçando muitos indivíduos a migrarem para a região amazônica, o que se tornou recorrente na história daquela província, desde os tempos do Império, mas também na República.

A história do Ceará do final do século XIX é atravessada por três ondas de seca (1877, 1889 e 1900) e a sociedade que habitava a capital cearense, que se pretendia moderna e civilizada, se depara com a presença constante de retirantes que eram lidos como o oposto do que se entendia como civilizados ou sinônimo de progresso. Dessa forma, o processo de remodelação urbana de Fortaleza era constantemente ameaçado e alimentado pela presença constante desses sertanejos, que contrastavam com o ideal de salubridade e modernidade que a capital cearense ansiava¹⁶. A historiadora Kênia Rios abordou de que forma a seca de 1930 ocupava espaço na imprensa de Fortaleza e contribuiu para disseminar o pavor da chegada dos

¹⁵ SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. **Em busca da cura:** a institucionalização da medicina acadêmica em Belém e sua relação com outras práticas terapêuticas entre 1889 e 1925. Ed. CRV, 2017.

¹⁶ NEVES, Frederico de Castro. Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877–1915). **Trajeto** (UFC), Fortaleza, v. 6, n.6, p. 113-138, 2005.

retirantes na capital cearense e como esse sentimento de temor aos pobres da seca virou hábito entre a classe dominante.¹⁷

De acordo com Ana Karine Garcia, a cidade de Fortaleza, na segunda metade do século XIX, foi palco de secas devastadoras. Neste contexto, a capital cearense almejava intensamente por progresso e civilização, que seriam expressos por meio do melhoramento das condições da urbe através das reformas do porto, abastecimento de água, iluminação pública, prolongamento da estrada de ferro Fortaleza-Baturité, construção de redes de esgoto, dentre outras obras. De acordo com a autora, a pobreza que vivenciava Fortaleza não foi ocasionada pela chegada dos retirantes em 1877, visto que a situação de miséria é anterior. Todavia, no referido ano essa questão, a situação foi agravada e trouxe grande impacto para os cidadãos e sertanejos que habitavam o meio urbano. A historiadora mostra que no ano de 1872, a capital cearense contava com apenas 21.000 habitantes, sendo que esse número aumentou para 100.000 já em 1878. Este fato, contudo, repercutiu na imprensa nacional e internacional, o que resultou em transformações no controle e ordenamento da cidade¹⁸.

Ao analisar os problemas que assolaram o Ceará entre 1877 a 1913, como a seca e o desenvolvimento da varíola, Janille Maia mostrou que um dos principais efeitos dos períodos de estiagem era a migração, que ocorria tanto para fora da província quanto internamente. Além disso, uma das consequências da escassez de água e da desorganização dos socorros públicos foi o aparecimento de doenças, que encontravam um terreno fértil para se propagar nas aglomerações e corpos vulneráveis. Assim, a seca representava não apenas a ausência de chuvas nos sertões cearenses, mas acarretava outros problemas como a fome, a aglomeração na capital e o surgimento de doenças, dentre elas a varíola, visto que havia uma compreensão de que as epidemias de varíola estavam associadas ao contexto de estiagem.¹⁹

Historiografia

Além de consideramos necessário apresentar ao leitor o contexto histórico vivenciado em Belém e em Fortaleza no período analisado nesta dissertação, também compreendemos

¹⁷ RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder:** Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932 / Kênia Sousa Rios. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014

¹⁸ GARCIA, Ana Karine Martins. **A sombra da pobreza na cidade do sol:** o ordenamento dos retirantes na segunda metade do século XIX. 2006. Dissertação (mestrado em história). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹⁹ MAIA, Janille Campos. **O cortejo da moléstia:** varíola, seca e assistência à saúde no Ceará (1877-1913). 2022. 270 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/53542>.

como fundamental discorrer sobre os conceitos de imigração e doença, que fundamentam o presente trabalho, haja vista sua centralidade no debate proposto. Assim, pretendemos analisar de que forma o fluxo migratório de cearenses para a capital paraense marcou a experiência social tanto daqueles que migraram como da população paraense a partir das trocas culturais, reconfiguração espacial e, principalmente, compreender a relação da migração com as epidemias, buscando fazer uma representação da varíola a partir do fluxo migratório cearense.

Dessa forma, objetivamos com esta pesquisa compreender a doença enquanto um fenômeno sociocultural e a migração como uma experiência social que atravessa uma sociedade de diversas maneiras. Seguindo a abordagem de Maíra Vendrame, buscamos pensar as experiências particulares que envolvem o processo migratório, destacando o papel ativo dos sujeitos, capazes de elaborar estratégias de sobrevivência e adaptação, como compreender as escolhas, expectativas e estratégias desde a pátria de origem até os locais de instalações, sendo, dessa forma, fundamental entender a relação entre o local de origem e o de chegada desses migrantes.²⁰

O movimento intelectual dos *Annales* contribuiu para uma série de transformações nas produções intelectuais no campo da historiografia no século XX. Os intelectuais vinculados a esta escola inovaram ao propor o que ficou conhecido como história problema, estudo das atividades humanas, colaboração com outras disciplinas e inovação nas fontes²¹. Também foram pioneiros ao fomentar os debates relacionados à história das doenças. Dentre alguns nomes, merecem destaque os de Emmanuel Le Roy e Fernand Braudel, mas é a partir do texto *O corpo: o homem doente e a sua história*, de Jean Pierre Peter e Jacques Revel, considerados herdeiros de Fernand Braudel, que podemos observar um novo olhar para o estudo das doenças, que vai além da compreensão biológica do fenômeno.²²

O texto de Jean Pierre Peter e Jacques Revel, presente no livro *História: novos objetos*, é fundamental para compreender a doença para além do campo biológico, entendida pelos autores como não somente um elemento mórbido, mas como um elemento de desorganização e reorganização social, servindo como uma importante ferramenta de leitura que pode revelar as tensões existentes em uma dada sociedade atingida pelo fenômeno. De acordo com os autores:

²⁰ VENDRAME, Maíra Ines. Micro história e história da imigração: pensando o problema do equilíbrio e da complexidade. **Revista tempo e argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 267-288, 2018.

²¹ BURKE, Peter. **A escola dos annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo, editora da Unesp, 2010.

²² NASCIMENTO, Dilene Raimundo; MAGALHÃES, Sônia Maria de. Medicina, saúde e doenças na história. **História Revista**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 1-2, 2015.

O acontecimento mórbido pode, pois, ser o lugar privilegiado de onde melhor observar a significação real de mecanismos administrativos ou de práticas religiosas, as relações entre os poderes, ou a imagem que uma sociedade tem de si mesma. Um exemplo real, entre dez outros possíveis, prediz a riqueza desses temas: o da exclusão social em tempos de epidemia, que pode ir da suspeita ao massacre e pode dirigir-se, segundo os casos conhecidos, aos pobres ou aos notáveis, aos judeus ou aos médicos, aos soldados, aos reformados e cujo sistema, mal conhecido, toca provavelmente o coração das sociedades antigas.²³

Dessa forma, os autores compreendem as doenças enquanto fenômenos sociais que podem contribuir para revelar aspectos econômicos, políticos, culturais e religiosos de uma sociedade, bem como expor ainda mais os problemas que a atingem, como desigualdade, exclusão social e o preconceito que sofrem alguns grupos sociais. Para Jean Charles Sournia, as doenças tem apenas a história que lhe é atribuída pelo homem²⁴, entendendo-a como parte de uma construção social que ganha sentido a partir do contexto que está inserida.

Partindo da perspectiva da doença enquanto um fenômeno sociocultural, esta dissertação tem como objetivo analisar a relação entre a migração cearense e as epidemias de varíola em Belém a partir da segunda metade do século XIX até o início do século XX. O estudo objetiva relativizar o discurso das autoridades médicas e imprensa acerca do tema, procurando desvelar as razões que levaram esses sujeitos a responsabilizar os cearenses pelas epidemias de varíola. A fragilidade dessas acusações, carentes de fundamentação, é o ponto de partida para buscar compreender a relação dos migrantes cearenses com as epidemias de varíola que ocorreram na Belém da belle époque.

O interesse pelo tema começou com a percepção de que há um certo consenso envolvendo os discursos produzidos sobre o assunto, verificando-se grande sintonia nas falas dos governantes, médicos e imprensa. Essa sintonia encontrou eco na produção historiográfica que abordou as epidemias de varíola em Belém a partir da segunda metade do século XIX ao início do século XX, pois, como mostramos a seguir, a tese apresentada por Arthur Vianna²⁵, no início do século XX, prosperou como abordagem da questão, tornando-se lugar comum explicar a origem das epidemias de varíola, em Belém, naquele contexto, como produto da migração cearense. O objetivo principal proposto aqui será mostrar o discurso das autoridades governamentais, dos médicos e da imprensa em relação ao assunto, buscar compreender a fundamentação deste e os possíveis questionamentos que podem ser feitos ao posicionamento

²³ REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro, 1976. p. 144.

²⁴ SOURNIA, Jean Charles. O homem e a doença. In: LE GOFF, Jacques. **As doenças tem história**. Tradução Laurinda Bom. Lisboa: Terramar, 1991.

²⁵ VIANNA, Arthur. **As epidemias no Pará**. 2.ed. Belém: UFPA, 1975.

destes sujeitos. O tema, desde Vianna, não foi devidamente enfrentado pela historiografia, merecendo, portanto, a devida atenção e dedicação investigativa.

Fontes e metodologia

Assim, para buscar compreender a relação dos migrantes cearenses com as epidemias de varíola em Belém entre a segunda metade do século XIX e início do século XX priorizamos as seguintes fontes: os documentos emanados do poder público (relatórios; mensagens; falas; discursos e ofícios expedidos pelos governadores do estado do Pará, entre 1877 e 1915) e jornais (*Diário de Notícias*, *A Província do Pará* e *Folha do Norte*). Além disso, foram consultados os documentos presentes na seção de obras raras do Centur²⁶, como os textos do *O Pará em 1900* e o *Notas de um repórter: reportagens nos hotéis e hospedarias de Belém*, bem como o relatório sanitário de 1892 e o serviço de verificação de óbitos de 1900. A obra *Epidemias no Pará*, de Arthur Vianna, também foi utilizada como fonte para a construção desta pesquisa.

Como mencionado anteriormente, para a realização dessa pesquisa privilegiamos trabalhar com os periódicos *Folha do Norte*, *A Província do Pará* e *Diário de Notícias*. A escolha destes jornais está relacionada à sua ampla circulação no período estudado. Para além disso, nos casos da *Folha do Norte* e da *Província do Pará*, os periódicos representam interesses políticos distintos. *A Província do Pará* foi o periódico que persistiu por mais tempo no Estado, encerrando suas atividades 125 anos depois. O jornal foi criado por três figuras de destaques da sociedade, dentre elas Antônio Lemos.

A *Folha do Norte* teve sua primeira publicação em janeiro de 1896 e tinha como principal objetivo fazer oposição a Antônio Lemos²⁷, já que o jornal tinha vínculo com o senador Lauro Sodré, republicano histórico do Pará. Assim, tanto a *Folha do Norte* quanto *A Província do Pará* representam interesses desses dois grupos políticos que estavam em atividade na época, o que pode ser revelador sobre como isso influenciava nas publicações relacionadas à saúde pública. Já o periódico *Diário de Notícias* tinha um objetivo mais comercial e passou por algumas mudanças em relação às suas inclinações políticas. Até 1888, o jornal estava vinculado à figura de João Campbell, membro do partido conservador, que

²⁶ O Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves (CENTUR), anteriormente conhecido por “Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves” (FCPTN) é um espaço multiuso constituído por auditório, teatro, galeria, cinema, biblioteca pública. Atualmente abriga também a sede da Fundação Cultural do Pará (FCP).

²⁷ SENDAS, Phillippe; SEIXAS, Netília. Comunicação & História: A imprensa de Belém no alvorecer do século XX. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.1120123774>.

atuava na administração da província; portanto, não assumiu uma postura crítica em relação às questões políticas. A partir do referido ano até à proclamação da república, quando os liberais estavam no poder, o periódico assumiu uma postura mais crítica às políticas implementadas²⁸, inclusive na área da saúde, objeto de estudo desta pesquisa.

A partir das fontes escolhidas foi possível reconstituir a dinâmica das epidemias de varíola na cidade de Belém na segunda metade do século XIX e início do século XX através do fluxo migratório cearense para a capital. Por meio das mensagens encaminhadas pelo poder público, das reportagens trazida pelos principais jornais da época e do discurso médico, foi possível constatar o que se pensava sobre a varíola, sua origem, propagação e práticas de cura, os lugares mais afetados pela doença, as pessoas mais atingidas e os motivos que levaram aos cearenses serem culpabilizados pela presença da doença na cidade.

Estrutura da dissertação

Esta dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *As concepções sobre a varíola*, apresentamos uma discussão sobre o que é a varíola a partir de referências atuais sobre a doença para depois discutir como a ciência médica da época, as autoridades governamentais locais e a imprensa entendiam a doença. Assim, pretendemos levantar uma discussão sobre a etiologia da varíola, quais sintomas ela desenvolve e sua transmissibilidade com o objetivo de apresentar o que a ciência médica daquele período sabia sobre o caráter etiológico da doença, mostrando que, dessa forma, não dispunham de subsídios para afirmar como a epidemia chegava e se espalhava pela cidade.

No segundo capítulo, *Migrantes cearenses e as epidemias de varíola em Belém: o discurso do medo* buscamos apresentar ao leitor, através dos discursos veiculados pelos governantes, imprensa e pela obra de Arthur Vianna, de que modo buscou-se culpabilizar os migrantes cearenses pela eclosão das epidemias de varíola em Belém entre 1877 e 1915 e como essa tendência acabou repercutindo na historiografia que trata do tema a partir da obra intitulada *Epidemias no Pará*, de Arthur Vianna.

O autor da referida obra diplomou-se em farmácia pela antiga Escola de Farmácia do Pará e tornou-se uma referência fundamental para os que pesquisam sobre as epidemias no Pará, sendo a obra já mencionada relevante para essa pesquisa, pois é onde encontramos a defesa de que as doenças eram importadas para a capital paraense. Dentre as principais doenças que

²⁸ BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. *Jornais Paraoaras*: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, 1985.

acometiam a região, Vianna destaca que a varíola, até meados de 1850, era fruto do tráfico de escravizados e, a partir da década de 1870, era produto da migração cearense. Dessa forma, o presente capítulo busca, a partir da obra de Vianna, dos discursos emanados pelo poder público e os veiculados pela imprensa, encontrar em que momento essa tese, que responsabiliza os migrantes cearenses pela eclosão da varíola em Belém, aparece na historiografia, nos jornais e na fala dos governantes e as possíveis contradições.

Já no último capítulo, *Dramaturgia das epidemias de varíola em Belém*, procuramos reconstituir as epidemias de varíola em Belém na segunda metade do século XIX e início do século XX a partir do modelo proposto por Charles Rosenberg, que defende que os eventos epidêmicos possuem alguns padrões recorrentes, como a negação, busca por teses explicativas e bodes expiatórios, ações de enfrentamento à doença e as lições que se podem extrair do contexto. Através desse modelo torna-se possível respondermos o que teria levado a sociedade paraense do contexto mencionado a associar os migrantes cearenses à “invasão” da varíola na capital do Pará.

Sendo assim, com base nas referências teóricas listadas nesta introdução e nas fontes citadas é que desenvolvemos esta dissertação sobre migração cearense e epidemias de varíola na capital paraense entre a segunda metade do século XIX e início do século XX.

CAPÍTULO PRIMEIRO
As concepções sobre a varíola

CAPÍTULO 1 – AS CONCEPÇÕES SOBRE A VARÍOLA

1.1 A etiologia da varíola até o início do século XX

A viuvez e a orphandade são horrores habituaes do seu cortejo. Não nos esqueçamos de que, não há muitos annos, essa terrível ceifeira de vidas envolveu nossos lares numa bruma de lucto.²⁹

Há pouco mais de 40 anos, no dia 8 de maio de 1980, a Organização Mundial da Saúde (OMS), declarava erradicada a varíola, “uma doença infecto-contagiosa causada pelo arbovírus *Poxvírus variolae*”³⁰. Entretanto, o que sabemos sobre a etiologia da doença hoje, como se compreendia, sua origem e forma de propagação não era de domínio do conhecimento da ciência médica até o início do século XX, por exemplo. Muitos eram os mistérios que se acumulavam em torno da manifestação da doença e grande era também a cobrança de que a ciência médica elucidasse esse fenômeno. A compreensão acerca da manifestação da doença não consiste em um problema apenas para os seus contemporâneos. O historiador, ao tratar sobre as doenças do passado, também se depara com alguns desafios, pois corremos o risco de associar enfermidades longínquas a atuais nomenclaturas e, por consequência, tratar como iguais moléstias que são diferentes.

Além disso, vale ressaltar que o conceito de doença, sua natureza, causas e significados é extremamente complexo e enigmático, como analisou o historiador Roy Porter³¹, pois a percepção de doença varia enormemente de acordo com o tempo e o local, como também pode ser experimentada de diferentes formas pelos pacientes ou pelos praticantes das artes de curar, sendo o primeiro grupo aquele que vivencia o lado pessoal, subjetivo do fenômeno da doença, enquanto que os médicos estão mais propensos a salientar os aspectos objetivos da doença e seus diagnósticos e prognósticos.

Portanto, é necessário pontuar que buscamos fazer uma análise da varíola enquanto um fenômeno social e não somente patológico, entendê-la em sua dimensão social, que marcou a existência da sociedade paraense na segunda metade do século XIX e início do XX e, certamente, os sujeitos que foram atravessados pelas epidemias de varíola neste contexto, os quais atribuíram sentidos e significados para essa doença, para a qual hoje possuímos conhecimento acerca de sua etiologia. De acordo com a historiadora Dilene Nascimento, as

²⁹ A Folha do Norte, 07 de outubro de 1905, p. 1.

³⁰ PEREIRA, Leonardo. **As Barricadas da Saúde – Vacina e Protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

³¹ PORTER, Roy. **História da medicina**. Rio de Janeiro. Editora REVINTER, 2006.

doenças são produtos da própria época sócio histórica e existe uma historicidade nas doenças que estão ligadas a todos os acontecimentos do ser humano, ou seja, doenças que dominam em uma época, regridem em outra, enquanto outras patologias prevalecem³². Assim, também afirma Le Goff: “a doença pertence à história, em primeiro lugar, porque não é mais do que uma ideia, um certo abstrato numa complexa realidade empírica, e porque são doenças mortais”³³. Dessa forma, objetivamos, com esse capítulo, compreender os sentidos atribuídos à varíola pelos contemporâneos da doença no alvorecer do século XX, pois:

Considerar a saúde e a doença como realidades orgânicas independentes tanto do espaço e do tempo, quanto das características dos indivíduos e dos grupos atingidos por uma doença, é restringi-las à leitura exclusiva do saber médico e não percebê-las como realidades que têm dimensões sociais.

Dessa forma, julgamos necessário introduzir o leitor ao que a ciência atual define como varíola, para que assim seja possível ter uma breve noção dessa enfermidade que assolou a capital paraense em vários surtos epidêmicos desde meados do século XVII, mas que, por meio dessa pesquisa, buscaremos mostrar os impactos provocados pela moléstia a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, entre 1877 a 1915.

De acordo com Tania Fernandes³⁴, a varíola é reconhecida ao longo dos séculos por ser uma doença extremamente contagiosa e com um alto grau de letalidade, sendo descrita atualmente como uma infecção viral que tem como agente causal um ortopoxvírus. A enfermidade foi responsável por dizimar populações ao longo dos séculos, tanto na forma epidêmica quanto endêmica. Mas quais eram os principais sintomas da doença? De acordo com Fernandes, a doença se manifestava da seguinte forma:

O quadro clínico era gravíssimo e considerado “asqueroso”, com pústulas infeccionadas que, naqueles que escapavam com vida, se transformavam em cicatrizes típicas e profundas, localizadas, principalmente, no rosto.³⁵

Ainda conforme a autora, a doença provocava sintomas como erupções que surgiam após febre elevada; indisposição; cefaleia intensa; dor nas costas e vômitos, podendo resultar

³² NASCIMENTO, Dilene Raimundo. A doença como objeto da história. In: **As pestes do século XX: tuberculose e AIDS no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 25-44. História e saúde collection. p. 29.

³³ LE GOFF, Jacques. **As doenças têm história**. Tradução Laurinda Bom. Lisboa: Terramar, 1991.

³⁴ FERNANDES, Tania Maria Dias. Varíola: doença e erradicação. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (orgs). **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

³⁵ FERNANDES, Tania Maria. **Vacina antivariólica: ciência, técnica e poder dos homens (1808-1920)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010. p. 16.

no falecimento do enfermo ao fim da primeira ou da segunda semana. Entretanto, havia também a percepção de que a doença podia se manifestar de uma forma mais branda e outrora de uma forma mais intensa, além do fato de que algumas pessoas tinham resistência à varíola ainda que entrassem em contato com um doente, de acordo com a análise de Fernandes. Tal percepção permitiu chegar a algumas técnicas que visavam combater a enfermidade, como a incolução e variolização, que mais tarde resultariam na vacinação antivariólica.

A expedição de Karl Friedrich Von Martius em terras brasileiras possibilitou com que o naturalista tivesse contato com populações indígenas, propiciando que Martius produzisse estudos sobre o Brasil. Dentre eles destacamos o que nos interessa para essa pesquisa, intitulado *Natureza, Doenças, medicina e remédios dos índios*, publicado em 1844, na Alemanha. Nesta obra, o naturalista mostra de que forma os indígenas entendiam a doença, como ela afetava essa população, os sintomas e as práticas de cura utilizadas por essa população.

A varíola, ou mereba-ayba, como era conhecida na língua tupi a doença, era completamente desconhecida dos indígenas antes da chegada dos portugueses, segundo afirma o naturalista. Martius aponta que a população indígena era pouco resistente à enfermidade e narra os sintomas que a doença provocava entre eles, destacando que:

A erupção do exantheme se processa lenta e difficilmente. Atormentado por forte dôr de cabeça e consumido pela temperatura ardente, costuma isolar-se em sua rêde, amedrontado por qualquer golpe de ar, augmentado desse modo a febre; ou também se apressa em procurar agua corrente onde supõe poder apagar o calor intenso. Frequentemente, ahi morre de apoplexia.³⁶

Martius afirma que a doença era praticamente letal entre os nativos; portanto, dificilmente eram encontrados sinais da varíola entre os indígenas, pois a maioria sucumbia à enfermidade. Segundo o naturalista, a moléstia também não respeitava idade nem sexo, entretanto, “para as pessoas mais idosas, de temperamento atrabiliario e melancholico, para as mulheres gravidas e parturientes, de preferencia; é perigosa”.³⁷

Uma das características da doença eram as cicatrizes que ela provoca em suas vítimas, sendo que aqueles que sobreviviam a essa enfermidade carregavam em sua pele as marcas de que a varíola teria feito seus estragos por ali. Em matéria publicada no jornal *Diário de Notícias*, em 1884, sobre a situação dos variolosos que estavam em tratamento na Enfermaria José

³⁶ MARTIUS, Karl Friedrich Philipp Von. **Natureza, doenças, medicina e remédio dos índios brasileiros (1844)**. Brasiliana v. 154. Biblioteca pedagógica brasileira. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939. p. 34.

³⁷ *Ibid.*

Bonifácio³⁸, um trecho da reportagem mostra as marcas deixadas pela doença, em que se afirma que “Declara mais o mesmo sargento que deram-lhe alta d’ali na ocasião em que suas bexigas principiavam a seccar e que n’estas condições viera para o quartel do seu batalhão com todo o seu nariz bem como as outras cobertas de bexigas que inda supuravam”³⁹. A doença, como mostra o trecho acima, não passava invisível e apresentava suas sequelas para quem quer que fosse, pois, como aponta outra matéria publicada no mesmo periódico, em 1894 “A felicidade que passa pelo ciume, é como um rosto bonito que passou pela varíola: fica picado sempre”.⁴⁰

Segundo Anny Silveira⁴¹, a varíola atingia o organismo do homem pelo trato respiratório, sendo que também poderia ser transmitida via objetos contaminados, uma vez que o vírus apresentava relativa capacidade de sobrevivência no ambiente. Dessa forma, a ciência reconhecia a existência de dois tipos de vírus; Varíola minor e Varíola major. O primeiro era associado a manifestações mais amenas da doença, com inexpressiva taxa de mortalidade. Já o segundo caso, de caráter mais virulento, apresentava uma taxa de mortalidade que oscilava entre 20% a 30% dos infectados. Ainda de acordo com a autora, a varíola não fazia distinção de raça, idade ou gênero.

Entretanto, apesar de não fazer distinção entre suas vítimas, a doença parecia atingir principalmente as classes mais desfavorecidas, pois estava associada às condições sanitárias e contágio ao qual esses indivíduos estavam submetidos, sendo comum encontrar reportagens denunciando casos de indigentes acometidos pela doença, como nesta matéria publicada no *Diário de Notícias* no dia 31/01/1883: “A varíola, longe de declinar augmenta n’esta capital, prostrando de preferencia os indigentes”⁴². No mesmo periódico, em 1888, alertava-se para o recrudescimento da moléstia na cidade; porém, a doença parecia se alastrar em pontos específicos da cidade, como podemos ver a seguir:

Dia a dia, váe a variola fazendo victimas n’esta capital, existindo atacadas do mal, nos suburbios muitas pessôas. Seria muito conveniente que a presidência mandasse, quanto antes, fazer o serviço de vacinação e revacinação, por districtos⁴³.

³⁸ De acordo com o historiador Jairo Silva, inicialmente para o tratamento dos variolosos havia uma enfermaria localizada na travessa José Bonifácio, muito criticada pelas instalações inadequadas e por não conseguir atender as demandas. A enfermaria serviu para as epidemias de 1883 e 1890.

³⁹ *Diário de Notícias*, 09/08/1884, p. 2.

⁴⁰ *Diário de Notícias*, 31/01/1894, p. 2.

⁴¹ SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres. A varíola no Brasil do século XIX. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MACIEL, Ethel Leonor Noia (org.). **Uma história brasileira das doenças**: Volume 4. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2013.

⁴² *Diário de Notícias*, 31/08/1883, p. 2.

⁴³ *Diário de Notícias*, 22/02/1888, p. 3.

A doença, que tinha um elevado grau de contaminação, contou, para a sua expansão, com a presença de um número suficiente de indivíduos não imunizados. Sem um remédio que pudesse promover a cura da enfermidade, as principais medidas profiláticas foram a quarentena e a inoculação.

O historiador Sidney Chalhoub⁴⁴ explica que a ideia da inoculação surge a partir da crença que algumas doenças poderiam ser evitadas a partir da aplicação de material similar à moléstia que se tentava prevenir. Tal crença estava presente em boa parte do mundo desde a Antiguidade. O historiador mostra como a técnica da variolização havia sido utilizada pelos hindus, que guardavam roupas contaminadas pelos variolosos para depois aplicar pedacinhos do seu pano nas cicatrizes dos indivíduos sãos. Já por volta dos anos 1000, Sidney Chalhoub aponta que práticos chineses coletavam as crostas das feridas dos variolosos, reduziam-nas a pó e então sopravam alguns grãos nas narinas de pessoas que estavam em busca de proteção.

Dessa forma, o autor mostra como a observação da possibilidade de se adquirir imunidade contra certas doenças havia sido fundamental para que os chineses e hindus chegassem à técnica da variolização. Entretanto, Chalhoub mostra como essa prática acaba se tornando motivo de controvérsias, visto que também se reconhecia que, em certos casos, ela poderia ocasionar a morte do inoculado ou mesmo agravar uma epidemia que estava em curso. A prática da inoculação esteve presente no Grão-Pará desde o século XVIII. O viajante francês Charles Marie de La Condamine relata que, ao testemunhar uma grande quantidade de óbitos pela varíola em 1743, encontrou um frei carmelita utilizando da seguinte prática com os indígenas.⁴⁵

Contudo, foi a partir da invenção de Edward Jenner que surgiu a vacina antivariólica que, séculos mais tarde, levaria à erradicação da doença. Ainda de acordo com Chalhoub, uma crença que circulava entre camponeses ingleses do século XVIII teria guiado Jenner para a descoberta da vacina. Tal ideia consistia na máxima de que indivíduos que trabalhavam com o gado, especialmente aqueles que eram responsáveis por ordenar vacas, não contraíam a varíola. Assim, a estimativa é de que a vacina jenneriana tenha chegado ao Brasil por volta de 1804.

Limitando nosso recorte espacial para Belém, a probabilidade é de que os primeiros indícios da prática da vacinação tenham ocorrido em meados de 1819. De acordo com Silva e

⁴⁴ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: Cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo. Companhia das letras, 1996.

⁴⁵ LA CONDAMINE, Charles-Marie de. **Viagem na América Meridional descendo o Rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000.

Silva⁴⁶, ao analisarem a experiência da população paraense com a prática da vacinação, constatou-se que a prática e a própria procura pela vacina ocorriam essencialmente em períodos epidêmicos, sendo a única exceção o ano de 1878, o qual mesmo marcado por um surto epidêmico de varíola, não apresentou registro de nenhum vacinado, embora se falasse em inoculados.

Situando os conhecimentos que possuímos sobre a varíola atualmente, é significativo analisar como a enfermidade era compreendida na segunda metade do século XIX e início do século XX. O que pensavam as autoridades sanitárias, o que era veiculado nos periódicos, nos relatórios de presidente de província a respeito da doença que, naquele contexto, vitimava boa parte da população paraense.

É importante lembrar que a varíola não era uma desconhecida da população paraense na segunda metade do século XIX. Segundo aponta Arthur Vianna, não há como precisar o período em que a moléstia teria “invadido” a Amazônia pela primeira vez; entretanto, há registros de uma epidemia de bexiga entre 1721 e 1733, no governo do primeiro bispo do Pará D. Frei Bartholomeu do Pilar. É certo então que a doença já era uma velha conhecida da população paraense; entretanto, isso não significa que muito se sabia a respeito da etiologia da doença.

Embora não fosse uma desconhecida, muitas eram as dúvidas sobre a doença mesmo no século XX. No dia 01 de dezembro de 1905, uma matéria intitulada *Sobre a varíola* era publicada no periódico *Folha do Norte*. Nesta, o articulista fazia um debate sobre a enfermidade, afirmando que a medicina continuava a caminhar sobre as trevas quando o assunto era a doença em questão. Dizia o jornalista que:

Que eu saiba, até hoje ainda nenhum dos nossos esculapios officiaes veiu a publico explicar a maneira por que se contrahe o morbu variólico, de forma que se possa evital-o e que deixe de ser uma ameaça à existência, e tanto mais perigosa por ser invisível. A vaccina não evita o mal, attenua-o apenas, conforme a opinião de muitos, sendo que outros afirmam, baseados em provas evidentes, que tal meio prophylatico não passa dum mero paliativo sem valor algum. Quantas pessoas há, creanças especialmente, que não sahem a rua, que vivem no interior das habitações, mas que um bello dia aparecem affectadas do mal. Com explicar esse phenomeno? Será o ar ambiente o vehiculo do germen da cruel e devastadora enfermidade?⁴⁷

⁴⁶ SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da; SILVA, Julia Rafaela. Vacina e resistência popular às profilaxias oficiais em Belém do Pará. In: ARAÚJO, Telmo Renato da Silva; COSTA, Tony Leão da. SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da (Org.). **Amazônia: História, Culturas e Identidades**. 1. ed. Belém: Editora Dalcídio Jurandir, 2021, p. 39-76.

⁴⁷ Folha do Norte, 01/12/1905, p. 2.

A fala do jornalista denuncia as incertezas que pairavam entre a comunidade médica sobre a doença que vitimava a população paraense. Entre contagionistas e anticontagionistas muito se discutia, mas pouco se sabia de fato sobre a moléstia ceifadoras de vidas. Muitas eram as dúvidas sobre as formas que se contraía a doença, tornando-a ainda mais ameaçadora, pois a ignorância em relação à forma de contaminação enquadrava a doença em um perigo invisível. Entretanto, a matéria revela uma certa inclinação do jornalista à crença de que a doença era transmitida pelo ar, que seria o meio pelo qual o germen se propagaria, mostrando uma certa adesão a teoria miasmática. Ainda na matéria em questão, é possível perceber uma relação que é feita entre o clima e a varíola, defendendo que a doença é sazonal, quando afirma-se que:

O que é evidente é que a epidemia da varíola só nos visita em determinada estação do anno, quando as chuvas escasseiam como agora, isto é, em pleno verão, declinando e desaparecendo de todo quando o inverno bate-nos a porta. Este anno o verão tem se prolongado bastante, e dahi a razão do recrudescimento da peste, que parece encontrar no calor um dos seus elementos de vida e propagação.⁴⁸

A reportagem foi publicada em dezembro de 1905; portanto, iniciava trazendo uma crítica à classe médica, que ainda não havia publicamente elucidado sobre as formas de contaminação da varíola, deixando a população indefesa, sem ter meios para se defender de um perigo o qual era invisível. O articulista ainda ressalta que a vacinação, apesar de atenuar a doença, não era capaz de evitar o mal, e ainda coloca em dúvida o meio profilático, afirmando não ter valor algum, funcionando apenas como método paliativo. Apesar de todas as dúvidas a respeito da moléstia, o repórter da *Folha do Norte* estaria convicto que o aparecimento da epidemia estaria ligado às estações do ano, sendo no verão o período de sua intensificação e no inverno o momento em que ela praticamente desaparece. Assim, finaliza a matéria com uma crítica ao poder público, que deveria ser responsável por buscar meios de evitar a intensificação da doença. Portanto, deveria investir na irrigação das ruas afim de atenuar os rigores da estação.

Porém, se algumas reportagens reforçavam a incerteza sobre a vacina, outras afirmavam que esta era a única medida eficaz no combate à varíola. No dia 07 de outubro de 1905, ao informar aos seus leitores sobre uma epidemia de varíola que estaria se alastrando por toda a cidade em uma reportagem cujo título era *população indefeza*, o periódico *A Folha do Norte* denunciava que se vacinava muito pouco; portanto, a população estaria indefesa e alertava que o governo fazia pedidos para que a imprensa se calasse sobre a grave situação. Ainda ressaltava

⁴⁸ Folha do Norte, 01/02/1905, p. 2.

a matéria que “das molestias epidemicas que nos teem visitado, nenhuma ha causado maior mortalidade entre nós do que a das bexigas”.⁴⁹

Já no dia 30 de outubro de 1905, um articulista da *Folha do Norte* alertava que estava grassando na capital paraense em caráter grave a varíola, ressaltando que se constituía uma verdadeira epidemia, visto que não eram simplesmente casos esporádicos da doença. A reportagem enfatizava que os meios para frear “esse morbus, eminentemente contagiosos” era o isolamento, a vacinação e a revacinação, ressaltando, ainda, a necessidade de se destruir a ideia errônea presente entre a população de que a vacina predispõe a varíola, sendo este um erro que não existe somente entre os populares, mas entre a própria classe médica. Para o jornalista estaria claro a forma como a enfermidade havia encontrado meios para se propagar na cidade, pois acreditava que “Se tivesse havido a necessaria vigilância por parte da saude do porto, não estaríamos a braços com a variola, que, quase sempre, vem por via marítima, de outros Estados, onde não são observados preceitos hygienicos, e onde pouco se vaccina e menos se revacina”.⁵⁰

Chama atenção nas duas reportagens citadas a defesa que é feita sobre a ideia de que a varíola é uma enfermidade importada, que chega até a cidade por via marítima, de outros estados que não cumprem com os preceitos da higiene e não se preocupam com a vacinação e revacinação da sua população. O serviço marítimo, visto como improfícuo, seria o principal responsável pela entrada da moléstia na capital. Assim, a varíola é vista como uma enfermidade que nos faria algumas visitas, mas não era endêmica da região. Entretanto, os meios vistos como profícuos para atenuar a enfermidade e evitar sua propagação, conforme as matérias, acima eram a vacinação e o isolamento dos variolosos. No ano de 1888, em que uma epidemia de varíola assolava a capital paraense, o *Diário de Notícias* publicou, no dia 9 de outubro, sobre o título “vacinação” a seguinte mensagem:

Hoje e todos os dias, pela manhã, no hospital da Santa Casa, os sr.drs Uchôa, Godinho e Navegantes vaccinarão as pessoas que ahi se apresentarem para tal fim. Mais uma vez prevenimos ao povo que não deixe de ir vaccinar-se: é esse o melhor preservativo, e sendo assim, como é que o povo prefere morrer com bexigas? O que custa dar um passeio até o largo da Sé? É deploravel que, por desleixo unicamente, deixem-se morrer!⁵¹

A vacinação, portanto, devia ser incentivada pelo poder público e reforçada como método eficaz; entretanto, a própria classe médica colocava incertezas acerca do método

⁴⁹ Folha do Norte, 07/10/1905, p. 2.

⁵⁰ Folha do Norte, 30/10/1905, p. 2.

⁵¹ Diário de Notícias, 09/10/1888, p. 2.

jenneriano, o que provocava ainda mais dúvidas entre os populares. Cabe ressaltar, porém, que a *Folha do Norte* fez uma pequena campanha contra a vacina antivariólica em novembro de 1904, período marcado pela Revolta da Vacina, que aconteceu no Rio de Janeiro, tendo esse evento repercutido no referido periódico, visto que o então senador Lauro Sodré, um dos republicanos históricos do Pará, o qual também tinha forte atuação política no estado e vínculo com o jornal foi, para além disso tudo, um dos líderes da liga contra a vacina obrigatória. Essa postura, entretanto, não foi uma constante opinião na *Folha do Norte*, mas é certo que influenciou o pensamento da população de Belém, que em muitos momentos representava uma postura aversiva em relação a vacinação.⁵²

A relação da população paraense com o método jenneriano foi objeto de análise do historiador Jairo Silva, que buscou compreender as raízes desse comportamento negativo à principal profilaxia através de uma reconstituição da experiência da sociedade paraense com a vacina antivariólica⁵³. De acordo com o autor, os aspectos que contribuíram para essa postura aversiva com o preservativo oficial foram a confusão feita pela sociedade paraense entre a variolização e a vacina, o caráter doloroso do método braço a braço e a dúvida acerca da eficácia entre a própria comunidade médica. Para além disso, cabe ressaltar que havia também um questionamento acerca da linfa que era utilizada. Os relatórios de governo estavam repletos de polêmicas sobre a qualidade da vacina usada em Belém e a imprensa alardeava sobre. Estes comportamentos, segundo Jairo Silva, influenciaram negativamente a população de Belém e contribuíram para intolerância em relação a vacina, mostrando como a medicina acadêmica era muito impopular.

Ainda de acordo com o historiador, outras questões levavam ao distanciamento da população belenense com profilaxia, como, por exemplo, a questão de quem iria aplicar a vacina, pois embora tivesse sido criada em 1846 a função de comissário vacinador, era comum encontrar nos relatórios reclamações sobre as dificuldades de contratá-los. Portanto, desde a década de 1840, quando se tentou decretar a obrigatoriedade da vacinação em toda província, procurou-se atribuir essa função para outros profissionais, como no caso dos professores. Dessa forma, essa prática ocasionou uma série de problemas que agravaram a intolerância a vacinação na capital paraense. Além disso, é válido destacar que a vacina não era o único preservativo contra a varíola: haviam diversas opções, como enfermarias e hospitais clandestinos, além de

⁵² SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da; SILVA, Julia Rafaela. Vacina e resistência popular às profilaxias oficiais em Belém do Pará. In: ARAÚJO, Telmo Renato da Silva; COSTA, Tony Leão da. SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da (Org.). **Amazônia: História, Culturas e Identidades**. 1. ed. Belém: Editora Dalcídio Jurandir, 2021, p. 39-76.

⁵³ *Ibid.*

anúncios de vários medicamentos que eram apresentados como de fácil administração e digestão⁵⁴. As páginas dos jornais apresentavam, inclusive, alguns conselhos sobre formas de combater a doença, como essa publicada no *Diário de Notícias*, no dia 07 de outubro de 1891, sob o título *Conselhos Uteis*:

Aqui vae uma receita que nos ensinou nossa avó torta, quando a epidemia de variola matava gente aqui no Pará, por dá cá aquella palha.

Custa tão pouco o pôl-a em pratica, que não temos receio de vêl-a desprezada.

Comprai um limão verde, enterrai n'ele cinco ou mais cravos da Índia e guardai-o dentro do bolso.

Isto feito, não ha epidemia que vos pegue, inda que tenhaes a suprema coragem de passar pela porta do <Gram-Pará>⁵⁵

Apesar de já conhecida da população paraense, não raro eram os conflitos que se faziam para chegar aos diagnósticos de que o paciente estava de fato acometido de varíola e não por outra enfermidade que poderia apresentar semelhanças com a moléstia epidêmica. Assim, no dia 02 de dezembro de 1905, a Folha do Norte alarmava a população sobre a varíola no interior do estado, afirmando que desde o dia 12 do mês passado havia se propagado por Abaeté a enfermidade sendo “confirmada por um médico na pessoa de senhorinha de tal, que na própria casa já havia tratado os netos, supondo-os atacados de catapora, quando a moléstia em questão era a varíola”. Ainda sobre esse caso o informante escrevia que:

Consta-nos ainda que está ficando deserta a cidade; pois ninguém confia nas medidas tomadas pelo sr. João Miranda, intendente municipal, que se limitou a mandar fazer uma barraca, para onde vai mandando as pessoas atacadas, as quais, sem medico nem botica, são sacrificadas a morte certa, à mingua de tratamento racional, que não lhes pode ser dado por indivíduos ignorantes a que são entregues.⁵⁶

Silva⁵⁷, ao analisar a relação da população paraense com as profilaxias oficiais voltadas para a varíola, percebeu que a experiência foi extremamente negativa, tendo em vista que essas

⁵⁴ No segundo capítulo de sua dissertação de mestrado, o historiador Alexandre Amaral analisa as campanhas de profilaxia contra as principais epidemias que assolavam a Belém do século XX e dedica um tópico especial para a vacinação antivariólica bem como as outras práticas de cura não oficiais. AMARAL, Alexandre de Souza. **Vamos à vacina? Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (1904-1911)**. 2006. 286 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4254>.

⁵⁵ *Diário de Notícias*, 07/10/1891, p. 2.

⁵⁶ *Folha do Norte*, 02/12/1905, p. 2.

⁵⁷ SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. **Da Mereba Ayba à varíola: isolamento, vacina e intolerância popular em Belém do Pará, 1884-1904**. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4580>.

ações eram extremamente autoritárias e marcadas por desconforto, constrangimento e sofrimento, considerando também que as instalações para onde os indivíduos eram enviados para cumprir o isolamento eram extremamente precárias e marcadas por inúmeras mortes, causando a sensação de que quem era destinado para esse espaço não retornaria.

No dia 31 de dezembro de 1905, o referido periódico publicara uma matéria cujo título era *Sarampo por Varíola*, retratando um caso que havia acontecido na Villa do Pinheiro, onde um menor de 12 anos havia adoecido, sendo diagnosticado por um médico como um caso de varíola. O menor era parente de um médico da higiene, que providenciou sua remoção para o isolamento na capital. Entretanto, o canoeiro designado para fazer a remoção havia pedido “um preto e um cachimbo” para fazer tal viagem. Assim, desistiram de empregar tal veículo para fazer a remoção do doente. Eis que, conforme a reportagem; “Passavam-se assim uns dois dias e, neste intervalo, o varioloso virou a saramento, isto é, verificou-se que o pequeno o que tinha era muito bom sarampo, conforme constatou outro médico da higiene – o dr Augusto Pinto, chamado a trazer as luzes da sua erudição na trevosa hipótese”. O articulista da matéria ainda fazia uma crítica aos esculápios e apontava que; “Ahi está. Outro dia, removiam-se doentes de erupção vaccinica como legítimos variolosos, e agora toma-se sarampo por varíola, e o que salva o doente da remoção é a ganancia de um canoeiro”.⁵⁸

A matéria citada acima trazia uma crítica à imprecisão do saber médico sobre a moléstia epidêmica ao confundir o diagnóstico de sarampo com varíola, colocando em risco de remoção o enfermo, o qual já estava destinado ao isolamento para a capital para tratar da suposta doença, não fosse a ganancia do canoeiro que havia sido designado para efetuar o transporte até a capital, o paciente teria sido removido para o hospital, sendo que o outro médico que o examinou afirmou que o doente não estava acometido de varíola, mas sim de sarampo. Portanto, não precisava ser destinado ao isolamento na capital.

O caso citado anteriormente mostra que nem mesmo para a classe médica era fácil chegar a um diagnóstico de varíola, acontecendo de algumas vezes se confundir com outras enfermidades que pudessem apresentar sintomas semelhantes, como é o caso do sarampo⁵⁹. Dessa forma, se era difícil para a os médicos chegarem a um laudo, também não devia ser tão simples para o enfermo constatar qual a doença da qual estava acometido, como é o caso de

⁵⁸ Folha do Norte, 31/12/1905, p. 2.

⁵⁹ O historiador Antonio Otaviano Vieira Júnior mostra que a confusão entre sarampo e varíola ainda é do tempo colonial, visto que eram basicamente as duas doenças contagiosas que se conhecia. O autor explica sobre essa confusão no seu artigo “*Parecia que athé o céu se fachara ao clamor do povo aflito*”. VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. “Parecia que athé o céu se fachara ao clamor do povo aflito”: epidemia no Grão-Pará (1748-1750). *História Unisinos*, v. 26, n. 1, p. 28-38, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/hist.2022.261.03>.

João Herculano, retratado pela *Folha do Norte* no dia 06 de maio de 1905, em que; “Ante-hontem, Herculano sentiu-se ligeiramente incommodado e principiaram a sahir-lhe pelo corpo umas manchas encarnadas. Não sabendo a moléstia de que estava acommettido, sahiu para a rua e apanhou um chuvisco, peorando”.⁶⁰

O relato de João Herculano chama atenção pelo desconhecimento do enfermo da possibilidade de o mesmo ter contraído a varíola, mesmo com as manchas encarnadas que poderiam inferir que ele havia sido infectado. Merece destaque também a afirmação de que João Herculano havia piorado o seu quadro de saúde ao pegar chuva na rua. A doença, conhecida pelas deformações que causava na feição dos infectados, era constantemente retratada nos periódicos com seus sintomas e sequelas provocadas, como é o caso de uma reportagem publicada pelo mesmo periódico, ainda em 1905, no dia 29 de outubro, intitulada *A varíola no Juruá*, em se expunha os estragos que a doença estava provocando na respectiva região, alertando que “Do pessoal sobrevivente, escapou da morte, por milagre, uns ficaram cegos e outros deformados”.⁶¹

Tais reportagens servem também para que o leitor possa compreender um pouco mais dos sintomas dessa doença que ceifou tantas vidas e as sequelas que poderiam ficar naqueles que “por milagre” conseguiam sobreviver ao período de incubação, como é o caso dos que sobreviveram da enfermidade no Juruá que, conforme retratou o articulista na matéria, não sucumbiram à doença, mas alguns perderam a visão e outros ficaram com sua aparência deformada, tamanho era o estrago provocado por essa doença, que causava pânico entre os populares da cidade.

Em uma matéria publicada no jornal *Diário de notícias* em 07 de fevereiro de 1884 intitulada *Reclamações*, a população denunciava que os moradores da rua Rosário, onde a varíola fazia estragos, pediam atenção da Câmara Municipal em função do acúmulo de lixo na rua, visto que o carro de lixo por lá não passava há oito dias. A relação entre a precária higiene da cidade com a proliferação de doenças, dentre elas a varíola, ganhava espaço nas denúncias dos noticiários, sendo tais situações consideradas um entrave para o progresso da urbe. No dia seguinte, no mesmo periódico, no tópico *Saúde Pública*, o articulista reclamava sobre as péssimas condições higiênicas da cidade que, para ele, era atestada no obituário em que no último domingo haviam falecido 6 pessoas, sendo 5 de varíola. Na mesma matéria, o jornalista afirmava que “mal vamos e a camara municipal nem se quer se digna mandar conduzir o lixo

⁶⁰ Folha do Norte, 06/05/1905, p. 2.

⁶¹ Folha do Norte, 29/10/1905, p. 2.

que os moradores colocam nas portas de suas casas”⁶², estabelecendo, assim, uma associação entre a sujeira que se acumulava nas ruas da cidade com a propagação das doenças, dentre elas a varíola, que estava liderando nos óbitos apontados pelo autor da matéria.

As fontes supracitadas, para além de mostrar a forma como se pensava a doença no alvorecer do século XX, expressam também o medo e os cuidados cabíveis para evitar a contaminação. Entre as dúvidas que pairavam entre a classe médica e, mais ainda, entre os cidadãos, toda forma de precaução era válida para prevenir ainda mais a propagação da terrível moléstia.

O periódico *Diário de notícias* publicara, no dia 13 de novembro de 1888, em matéria intitulada *A Junta de Hygiene*, reclamação sobre a situação dos carros que faziam os transportes dos variolosos, alegando que era de grande inconveniência que esses veículos fizessem seu percurso durante o dia por Nazaré, estrada a qual, segundo o jornal, é uma das mais povoadas, afirmando ainda que tais carros “por onde passam com todo o vagar, deixando continuamente exalações prejudiciais à saúde dos seus habitantes, e de que resulta inevitavelmente o contágio da peste”⁶³. O articulista termina a reportagem fazendo um apelo para que a Junta da Higiene tome as devidas providências, assim determinando que os carros responsáveis por fazer o deslocamento dos variolosos passem por estradas menos povoadas e mais arejadas, causando menos riscos de contaminação da doença.

De acordo com Mastromauro⁶⁴, a teoria miasmática está atrelada à limpeza do espaço urbano, sua desinfecção, ou seja, proteger o ar das emanações e fedores provenientes das coisas. Assim, o miasma podia estar presente em toda parte, seja nas multidões, nas habitações mal construídas, hospitais, água suja, cadáveres e gente doente. Era necessário, portanto, garantir a ventilação. Esse era um dos principais focos dos médicos adeptos da referida teoria, pois “Ventilar é varrer as baixas camadas do ar, constringer a selvagem circulação dos miasmas, controlar o fluxo mórbido lá onde a natureza não pode exercer livremente sua regulação, impedir o aparecimento de doenças”⁶⁵.

O caso exposto pelo *Diário de notícias* sobre o transporte de variolosos ilustra como ainda no século XX a teoria miasmática estava muito presente. Havia um certo temor de que apenas a passagem do carro transportando variolosos pudesse contaminar o ar, o que resultaria

⁶² *Diário de Notícias*, 07/02/1884, p. 2.

⁶³ *Diário de Notícias*, 13/11/1888, p. 2.

⁶⁴ MASTROMAURO, Giovana Carla. Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica: instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do século XX. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: ANPUH, 2011.

⁶⁵ CORBIN, 1987, p. 126 *apud* MASTROMAURO, 2011, p. 3.

posteriormente no contágio da peste entre aqueles que estavam situados onde o veículo de enfermos fazia seu traslado. Assim, fazia-se necessário que esse transporte fizesse o deslocamento dos doentes em estradas que fossem mais arejadas, evitando a circulação dos miasmas.

No mesmo ano, no dia 21 de setembro, o referido jornal publicara uma notícia intitulada *Hospital de variolosos: no coração da cidade*. A reportagem trazia uma denúncia de que na travessa de Santo Antônio existia um hospital de variolosos que não era conhecido da Junta da higiene que, conforme a descrição, era “um acanhado quarto, sem fundos, onde mora uma preta velha, que se entrega ao tratamento de variolosos. Um horror”⁶⁶. Denunciava a reportagem que os “bexigosos” se acomodavam no chão mesmo, sendo um verdadeiro antro. Alertava ainda o articulista sobre o perigo que esse hospital, instalado no coração da cidade como mostra o título da reportagem, representava para a vizinhança.

É necessário enfatizar o perigo que esse hospital, localizado na área central da cidade, representava para o projeto de urbe que se tinha para a Belém da belle époque. Existia, nesse contexto, um ideal de cidade planejada, limpa e higiênica que prezava pelo o encobrimento da pobreza e da mendicância. Para tanto, exaltava-se a cidade urbanizada e saneada, que era metaforicamente considerada como organismo gestado pelo progresso e pela civilização. Ao analisar a Belém da Belle Époque da borracha, o historiador Geraldo Martirés Coelho aponta como a capital paraense sofreu uma intervenção disciplinadora e segregadora, que visava manter sua área central como espelho civilizacional e civilizador, um espaço fechado para barbárie e o atraso⁶⁷. Nesse sentido, podemos pensar as epidemias como sinônimo de entrave para alcançar a tão almejada civilização nos trópicos.

No dia 23 de novembro de 1888, o *Diário de Notícias* trazia outra reportagem sobre o estado da epidemia de varíola na cidade, em que afirmava que a mortalidade começava a declinar, sendo este fato justificado pelo repórter graças ao serviço de vacinação. O jornalista dizia ainda que “os ignorantes e refratários, que não tem procurado o preservativo da vacina, não tardarão em dizer que a extinção da epidemia é devida as chuvas que devem aparecer por esses dias”⁶⁸. Finaliza com um apelo da imprensa para que os médicos redobrem os cuidados em relação à vacinação da população.

Muitas eram as controvérsias em torno da varíola na segunda metade do século XIX e início do século XX. Os principais periódicos da época veiculavam matérias acerca do que se

⁶⁶ Diário de Notícias, 21/01/1888, p. 2.

⁶⁷ COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da Belle Époque e da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. *Revista Observatório*, v. 2, n. 5, p. 32-56, 2016.

⁶⁸ Diário de Notícias, 23/11/1888, p. 2.

entendia sobre a doença, contágio, propagação e as principais medidas profiláticas para conter a transmissão. Ainda que houvesse uma larga defesa do isolamento, da vacina e da quarentena, como defendiam os contagionistas, parece que as crenças nos miasmas ainda lideravam. Essas emanções nocivas que corrompiam o ar e podiam atacar o corpo humano causando doenças, dentre elas a varíola, causavam pânico na população, que vivia alarmada com o medo de contrair a enfermidade, como é o caso de João Malcher, publicado na *Folha do Norte* no dia 08 de outubro de 1905.

O relato apresentado pelo periódico intitulado de *O terror da varíola*⁶⁹ expõe a história do Sr. Malcher, o qual estava em um bonde no Marco da Légua quando, no largo de São Braz, tomou passagem no mesmo veículo um doente de varíola que tivera alta do hospital no mesmo dia. Este apresentava o rosto bem marcado das bexigas. Ao se deparar com a situação, o sr. Malcher resolveu descer do bonde e aguardar por outro, que não demorou a passar. Entretanto, quando já estava tranquilizado no outro veículo, João Malcher se deparou não com um doente de varíola, mas dois que acabavam de ter alta do hospital. Conforme o articulista, o homem fez um esforço sobre-humano para continuar no transporte até a estação central, de onde seguiria para a Junta de Higiene, onde pediu que o desinfetassem com todo o rigor.

O caso acima expõe não só o pânico que a doença causava entre a população como também a noção que estes tinham sobre a forma de transmissão da doença. Percebe-se, por meio da situação de João Malcher, que mesmo aqueles que haviam recebido alta hospitalar ainda eram sinônimo de risco de contágio, noção que fez com que o sr. Malcher deixasse o bonde para não permanecer no mesmo espaço que aqueles que haviam contraído a doença. Ainda sobre esse relato, chama a atenção a atitude do homem, que depois de permanecer no mesmo espaço que aqueles marcados pela bexiga, procurou a Junta da Higiene para que o órgão pudesse fazer sua desinfecção e o livrar da possibilidade de contrair a doença.

De acordo com Silva⁷⁰, o medo do contágio ou dos miasmas norteou até mesmo o destino dado aos mortos e aos enfermos. Assim, se anteriormente era comum que os enterramentos fossem realizados nas igrejas, agora era necessário um novo destino para as vítimas das epidemias, os cemitérios. Além disso, o medo da morte também pressionou as autoridades a afastarem os doentes da cidade, já que não era possível evitar a doença em si. Essas medidas, que visavam uma remodelação do espaço urbano, estavam baseadas em

⁶⁹ Folha do Norte, 08/10/1905, p. 2.

⁷⁰ SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. **Da Mereba Ayba à varíola: isolamento, vacina e intolerância popular em Belém do Pará, 1884-1904.** 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4580>.

concepções médicas, as quais se inseriam no que ficou conhecido como ideologia da higiene. Segundo Chalhoub, os pressupostos da higiene como uma ideologia referem-se a um conjunto de princípios que estariam voltados a conduzir o país à “civilização”.

Hoje possuímos um largo conhecimento acerca da etiologia da varíola, doença infectocontagiosa bastante antiga, que possivelmente fez suas primeiras aparições no Egito, Índia e China. A enfermidade, portanto, chegou ao Brasil através da ação colonizadora⁷¹. A doença, que ceifara muitas vidas desde o período colonial em Belém, não era, até o início do século XX, muito compreendida. Não se sabia muito acerca das causas, origem e formas de propagação. Entretanto, grande também era a cobrança em torno da classe médica para que elucidassem o fenômeno da doença.

A presente seção buscou mostrar de que forma a doença aparecia nos periódicos da época. Sendo os jornais espaços de manifestações de valores de grupos sociais ou projetos políticos, certamente estes veículos contribuíram para nortear o que os populares pensavam a respeito da doença e como deveriam se proteger. A seguir, discutiremos como os intelectuais e médicos do período pensavam a doença entre miasmas e micróbios.

1.2 Entre miasmas e micróbios

A obra *Epidemias no Pará*, do farmacêutico Arthur Vianna, é onde encontro, pela primeira, vez a associação entre epidemias de varíola e a migração cearense para a Amazônia, mas também contém o que pensava o intelectual a respeito da etiologia da doença – o que ele acreditava ser a causa, origem, sintomas e formas de propagação da enfermidade e quais as medidas profiláticas que ele defendia como profícuas.

No segundo capítulo desta dissertação, destinaremos um espaço para que o leitor possa conhecer de modo mais aprofundado quem era Arthur Vianna, suas principais obras, formação e contribuições para a historiografia paraense. Neste capítulo, convém apenas apresentar ao leitor quais concepções este intelectual paraense tinha sobre a etiologia da varíola e, em um contexto marcado pelas discussões entre as teorias miasmáticas e microbianas, o que Vianna estava mais inclinado a defender. Além disso, mostraremos o que outros intelectuais pensavam acerca da enfermidade, como Américo Campos, Godinho e Lago. Antes de

⁷¹ SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres. A varíola no Brasil do século XIX. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. MACIEL; Ethel Leonor Noia (Org.). **Uma história brasileira das doenças**: Volume 4. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2013.

apresentarmos essas concepções nos textos dos supracitados intelectuais, é importante contextualizar o que era a teoria miasmática e a teoria bacteriológica.

No decorrer do século XIX, as doenças e a salubridade das cidades vinham sendo problematizadas sob diversos aspectos e as intervenções urbanas empreendidas no referido século encontravam forte sustentação na chamada teoria miasmática. Mas o que eram os miasmas? Acreditava-se que os miasmas eram emanações nocivas, porém invisíveis, que corrompiam o ar e atacavam o corpo humano, sendo gerados pelas sujeiras encontrada nas cidades consideradas insalubres e por gases formados pela putrefação dos cadáveres de humanos e de animais. O médico polonês Napoleão Chernoviz publicou uma definição sobre miasmas no *Dicionário de Medicina Popular*, em que afirma que por serem os miasmas invisíveis, “somente o olfato pode nos advertir da sua presença; não nos é dado tocá-los nem vê-los”⁷². Para o médico, portanto, esses venenos voláteis, invisíveis, impalpáveis poderiam ser evitados e destruídos, pois as condições que favorecem o desenvolvimento dos miasmas estão bem determinadas.⁷³

Os miasmas, dessa forma, podiam estar presente em tudo, como em multidões, excrementos humanos e animais, habitações mal construídas, pântanos, hospitais, gente doente, dentre outros. Tal concepção vai ser fundamental para o que Michel Foucault denominou como “medicina urbana”, que tinha como principal finalidade averiguar tudo o que pudesse provocar doenças dentro do espaço urbano. A teoria miasmática tinha como intuito afastar tudo que pudesse ser considerado insalubre do núcleo urbano como medida profilática para evitar a propagação de doenças, como é o caso dos cemitérios, por exemplo.⁷⁴

Ao analisar o comportamento coletivo em tempos de peste e a enfermidade como uma das principais causas da crise pela qual passou o continente europeu no decorrer do século XVIII, Delumeau⁷⁵ afirmou que até o final do século XIX ainda se ignorava as causas da peste, que a ciência anteriormente julgava estar relacionada à poluição do ar, afirmando que:

Daí as precauções, aos nossos olhos inúteis, quando se aspergia com vinagre cartas e moedas, quando se acendiam fogueiras purificadoras na encruzilhada de uma cidade contaminada, quando se desinfetavam indivíduos, roupas velhas e casas por meio de perfumes violentos e de enxofre, quando se saía para a rua em período de contágio

⁷² CHERNOVIZ, 1862, 1890 apud MASTROMAURO, 2011, p. 2.

⁷³ *Ibid.*

⁷⁴ MASTROMAURO, Giovana Carla. **Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica:** instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do século XX in Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.

⁷⁵ DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800:** uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

com uma máscara em forma de cabeça de pássaro cujo bico era preenchido com substâncias odoríferas⁷⁶.

Ainda no século XIX temos o surgimento da bacteriologia, que foi oficialmente consagrada em 1880 por Louis Pasteur, a qual se fundamentava pelos estudos das bactérias e dos micróbios. Tal teoria defendia que os microrganismos conhecidos como germens poderiam levar a doenças. Louis Pasteur e Robert Koch identificaram as bactérias como causadoras das doenças humanas. Suas descobertas foram fundamentais para a consolidação da teoria microbiana. Para o historiador Jaime Benchimol, tal descoberta foi fundamental para a produção de vacinas ao utilizar microrganismos enfraquecidos em laboratórios para estimular o sistema imune.⁷⁷

Tais ideias percorreram o Brasil, sendo em 1884 o ensino na faculdade de medicina do Rio de Janeiro reformado pelas ideias da microbiologia⁷⁸ e, em 1893, a criação do laboratório de bacteriologia em São Paulo⁷⁹. Entretanto, apesar da difusão dos conhecimentos da bacteriologia, a teoria dos miasmas ainda estava muito forte no pensamento dos intelectuais do período e ganhava adesão entre a própria população, que visava se proteger das doenças. A seguir, mostraremos, enfim, como esse pensamento estava presente entre os intelectuais paraenses do período estudado.

Segundo Arthur Vianna, os documentos presentes no Arquivo Público do Estado do Pará não determinam a época certa em que a varíola teria “invadido” a Amazônia. Para o autor, havia uma noção clara de que a doença teria sido importada para a região, principalmente por via marítima. Existia, entretanto, uma relação estabelecida pelo farmacêutico entre a escravidão africana e as epidemias de varíola, bem como estas epidemias e a migração cearense. Tal relação será melhor explicada no segundo capítulo desta dissertação.

Nos interessa investigar nessa seção qual era a concepção da doença que Arthur Vianna tinha, se ele estava mais inclinado à teoria miasmática ou à microbiana. De acordo com Vianna, em fins de julho de 1793, notaram-se alguns casos de varíola, que rapidamente se multiplicaram, caracterizando, assim, uma epidemia. Dessa forma, o governador Francisco de Souza Coutinho procurou deter a epidemia, mas segundo Vianna “as suas ordens foram

⁷⁶ DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 154.

⁷⁷ MENEZES, Maíra. A revolução pasteuriana como ponto de partida. **Instituto Oswaldo Cruz (IOC)**, 2022. Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/noticias/revolucao-pasteuriana-como-ponto-de-partida>. Acesso em: 03 maio 2023.

⁷⁸ *Ibid.*

⁷⁹ MASTROMAURO, Giovana Carla. **Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica**: instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do século XX in Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.

improdutivas, pelo desconhecimento da etiologia do mal, e outras iludidas e falseadas”⁸⁰. Tais medidas consideradas inúteis segundo o farmacêutico foram:

Debalde o capitão-general ordenou a denúncia obrigatória, castigando com multa os infratores; debalde estabeleceu a remoção dos infectados para os hospitais, proibindo o tratamento em domicílio particular, debalde dificultou as comunicações com o interior, no louvável empenho de poupá-lo; debalde regulou o que se deva fazer nas povoações assim que a epidemia se declarasse. Tudo isso foi inútil, como os perfumes que recomendou aos habitantes, dando-lhes qualidades purificadoras do ar, como também o fumo do alcatrão queimado pelas ruas.⁸¹

Vianna aponta para as políticas enviadas para o asseio das ruas e praças e a proibição de lançarem nas ruas animais mortos, além do êxodo dos doentes para as áreas suburbanas. Entretanto, na concepção do farmacêutico tais medidas eram em vão, pois “remover doentes sem expurgo das casas e para hospitais dentro da cidade, no seio da mesma população, era trabalhar em pura perda”. Vianna destaca ainda a medida tomada pelo governador Francisco de Souza Coutinho para sanear o ar, em que o político ordenava que “o batalhão de artilharia postasse os seus canhões nas ruas mais infectadas e fizesse muitos disparos de pólvora seca”.⁸²

As medidas tomadas pelo governador Francisco de Souza Coutinho para purificar o ar e evitar, assim, a propagação de doenças, dentre elas a varíola, estava alinhada com a concepção dos anticontagionistas, que acreditavam nos miasmas como agente causador das doenças. De acordo com Silva⁸³, tais medidas não demoraram muito a serem vistas como ineficazes pela população de Belém.

Arthur Vianna também afirmava ser a varíola uma doença que grassava com maior intensidade em alguns períodos do ano, alegando que “O flagelo continuou ainda por muito tempo, fraco durante o inverno, mais intenso durante o verão”⁸⁴. Tal concepção sobre o fenômeno sazonal da doença aparecia também na fala de outros intelectuais do período, além da associação também estar presente nos principais periódicos da época, que buscavam explicar a manifestação da epidemia na cidade.

⁸⁰ VIANNA, Arthur. As epidemias no Pará. 2.ed. Belém: UFPA, 1975. p. 39

⁸¹ *Ibid.*

⁸² *Ibid.*, p. 40.

⁸³ SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. **Da Mereba Ayba à varíola: isolamento, vacina e intolerância popular em Belém do Pará, 1884-1904.** 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4580>.

⁸⁴ VIANNA, *op. cit.*, p. 42.

Os textos presentes na obra *O Pará*, em 1900, apresenta questões relativas ao clima e à salubridade da cidade, buscando, inclusive, possíveis explicações para a manifestação das principais doenças que competiam para o aumento da mortalidade em Belém. No artigo *Notícia sobre a meteorologia e climatologia médicas do Estado do Pará*, do Dr. Gonçalo Lagos, há uma defesa do clima do estado, afirmando que “os climas mais salubres são sem dúvida alguma os de tipo constante, que não se aproximam desmedidamente do frio e do calor extremo”⁸⁵. Para o intelectual, a chuva era um elemento importante para amenizar o clima e diminuir os efeitos da irradiação solar. Sendo assim, em regiões acometidas por período de seca ou escassez de chuva, era comum que se desenvolvesse o mal da peste. Gonçalo Lagos, nessa perspectiva, defende a superioridade do clima do Pará, afirmando que

A simples e breve exposição que temos feito até aqui das condições e constituição climáticas do Pará, enriquecida por observações de autoridades insuspeitas, prova-nos a saciedade e a benignidade e excelência desse clima, sem igual em outra qualquer região situada no Equador.⁸⁶

O Dr. Gonçalo Lago, todavia, não acreditava que as principais doenças que grassavam na região amazônica tinham relação com o clima do estado, alegando que era absurdo atribuir ao clima a responsabilidade pelas doenças provocadas pelo próprio homem, que vivia em desequilíbrio com o meio. Ao analisar o quadro das doenças reinantes na Amazônia, como a febre amarela, malária, beri-beri, disenterias, sarampo e varíola, o intelectual não defende que alguma esteja relacionada ao clima do Pará. Algumas ele considera como endemia universal, como no caso da febre amarela; outras responsabiliza o desleixo das práticas de higiene, como o beri-beri e, no caso da varíola, defende que é uma enfermidade que não tem predileção por clima algum. Assim, termina afirmando que “Essas são as principais moléstias reinantes na região amazônica, bem poucas vezes, algumas delas sob a forma epidemia; nenhuma, porém, encontra no solo e no clima paraenses condições inamovíveis para o seu desaparecimento”.⁸⁷

Em dois textos publicados por Américo Campos na brochura *O Pará*, em 1900, sendo intitulados respectivamente de *Hygiene* e *Notícia sobre a pathologia medica do Pará*, Campos afirma que Belém é beneficiada pela ação combinada da luz, do calor, da ventania e do próprio cuidado humano. Tais fatores seriam responsáveis pelas boas condições higiênicas do estado. Ainda o intelectual publica uma série de orientações cabíveis em caso de doenças epidêmicas

⁸⁵ LAGOS, Gonçalo. *Notícia sobre a meteorologia e climatologia medicas do Estado do Pará*. In: **Quarto Centenário do Descobrimento do Brazil**: O Pará em 1900. Pará-Brasil: Imprensa de Alfredo Augusto Silva, 1900. p. 67.

⁸⁶ *Ibid.*

⁸⁷ *Ibid.*

no que diz respeito ao enterramento. Nesta situação, defende que o enterro deveria ser feito o mais depressa possível. O cadáver seria envolvido em substâncias antissépticas, o caixão deveria ser de zinco e madeira, não sendo permitido ao carro fúnebre parar pelo caminho e em caso algum seria permitido acompanhamento.⁸⁸

Em *Notícia sobre a pathologia medica do Pará*, Américo Campos reafirma ainda mais a salubridade do clima paraense, alegando que não fosse a negligência humana neste solo reinaria o paraíso na terra, pois “o sol não fulmina, frio não congela”⁸⁹ e, nessas condições, a vida humana só se extinguiria pelo tempo. Entretanto, apesar do clima salubre, o intelectual apresenta que algumas enfermidades faziam parte da vida corriqueira do nosso estado, como a malária, tuberculose e a febre amarela, que “roubam as centenas, seres uteis, elementos preciosos do nosso trabalho, fatores do nosso progresso”. Segundo Américo Campos, doenças como varíola, sarampo e a coqueluche “nos visitam às vezes epidemicamente, não revestem tipo algum especial. Vem-nos como espalhadas andam pelo mundo tais moléstias, que figuram ainda nos obituários de Paris, Londres e Berlim”⁹⁰. A fala do higienista mostra a tentativa de enquadrar Belém enquanto uma cidade moderna, civilizada por sofrer das mesmas mazelas que as cidades europeias. Neste caso, portanto, as doenças não seriam um problema, mas sim um sintoma que diagnosticaria Belém enquanto uma capital com ares de modernidade.

No artigo intitulado *Notícia sobre a mortalidade, a nupcialidade e a mortalidade em Belém, no quinquênio de 1895 a 1899*, o Dr. J. Godinho avaliou as principais enfermidades que ceifavam vidas em Belém no quinquênio descrito acima. Dentre as doenças apresentadas pelo intelectual, a varíola teria totalizado apenas 284 no período do levantamento. Assim, de acordo com Godinho “Varíola e sarampo, com quanto de modo benigno, tomaram a feição epidêmica no último ano”⁹¹. Para tanto, o aumento da mortalidade estaria relacionado ao crescimento da população e a aglomeração das habitações, que se mostravam insuficientes para receber as pessoas que estavam chegando em grande quantidade nos últimos anos. Além disso, a falta de cuidados com os preceitos higiênicos, assim como a escassez das águas e alimentação.

Segundo Fontes⁹², a brochura *O Pará*, em 1900, comemorativa dos quatrocentos anos de descobrimento, foi organizada durante o governo de José Paes de Carvalho com a finalidade

⁸⁸ CAMPOS, Américo. Higiene. In: **Quarto Centenário do descobrimento do Brasil: O Pará em 1900**. Pará-Brasil: Imprensa de Alfredo Augusto da Silva, 1900. p. 121.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 126.

⁹⁰ *Ibid.*

⁹¹ GODINHO, João. Notícia sobre a natalidade, a nupcialidade e a mortalidade. In: **Quarto Centenário do descobrimento do Brasil: O Pará em 1900**. Pará-Brasil: Imprensa de Alfredo Augusto da Silva, 1900.

⁹² FONTES, Edilza. O Paraíso Chama-se Pará: o álbum Pará em 1900 e a propaganda para atrair imigrantes. In: BEZERRA NETO, José; GUZMÁN, Décio. **Terra matura**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

de que os homens de letra do início do século XX falassem sobre o Pará, com o intuito de divulgar o estado e desconstruir a imagem de que no Pará era impossível prosperar uma sociedade “civilizada”. Desta forma, a brochura contava com textos de intelectuais como Barão de Sant’Anna; Barão de Marajó; Emilio Goeldi; Dr. Gonçalo Lagos; Dr. J. Godinho; Américo Campos; José Veríssimo; Inácio Moura; Arthur Vianna e Paulino de Brito.

De acordo com os intelectuais mencionados acima, havia uma clara concepção de que as doenças endêmicas que assolavam a região paraense não tinham vínculo algum com as condições climáticas da cidade ou se originavam na região, mas sim eram fruto da intervenção humana no meio ambiente ou fruto da importação; tese que também defendia Arthur Vianna, que associou as epidemias de varíola inicialmente ao tráfico de escravizados e, a partir de 1850, como oriundas da corrente migratória cearense para a região.

Outros intelectuais, como o Barão de Marajó, defendiam que o clima do Pará era caluniado e argumentavam contra a teoria de que era impossível viver na região em função do seu clima. É possível, entretanto, perceber tal linha de pensamento nos artigos de Gonçalo Lagos, que falava diretamente com os imigrantes ou autoridades responsáveis pela vinda destes, alegando que o clima quente e úmido, sem excessos, com uma vegetação exuberante e com rios, possibilitava que o imigrante não sofresse com grandes desertos; tampouco esse clima era responsável pela eclosão de doenças. Américo Campos também é outro defensor do clima, alegando, inclusive, que a brisa da Baía do Guajará refrescava a cidade e evitava os “miasmas”.⁹³

Tais discursos presentes nos textos dos intelectuais, conforme Fontes, tinham a intenção de divulgar o estado, que disputava mercado de trabalho com outros estados, desconstruindo sua imagem de pestilento e, portanto, impossível de prosperar uma civilização. Porém, a partir de tais discursos torna-se possível de investigar quais concepções esses intelectuais tinham sobre as doenças epidêmicas da época e como pensavam a sua origem, propagação e medidas profiláticas que deveriam ser adotadas para o seu combate.

Encenada no Pará em 1904 e publicada no mesmo ano na seção de obras de *A Província do Pará*, pelo literato João Marques de Carvalho, a peça *A Bubônica* reflete o espelho de um projeto de sociedade que pensava a cidade como um espaço de intervenção do poder público voltada para a tentativa de alcançar a civilização. De acordo com a historiadora Edilza Fontes, Marques de Carvalho era um literato do seu tempo, ou melhor, do tempo do velho intendente,

⁹³ FONTES, Edilza. O Paraíso Chama-se Pará: o álbum Pará em 1900 e a propaganda para atrair imigrantes. In: BEZERRA NETO, José; GUZMÁN, Décio. **Terra matura**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

e estava inserido numa coletividade de escritores que pretendiam, a partir da literatura, expor e intervir na sociedade defendendo um projeto de república e sociedade.⁹⁴

A *Bubônica* que, de acordo com a historiadora, deve ser lido como um texto político, objetivava levar mensagens civilizatórias para a sociedade como um todo e faz parte de um movimento ideológico do período que escolheu a ciência, especialmente a da higiene, como norteadora da teoria e prática do exercício do poder público. O texto evidencia uma tensão social entre o povo com suas práticas e, do outro lado, os agentes civilizatórios, como os médicos, principalmente os microbiologistas. Carvalho mostra constantemente em sua obra que o perigo vem do povo e tenta estabelecer o discurso médico como único e verdadeiro. Além disso, o literato aponta em sua obra que a epidemia de peste bubônica veio de São Luís, trabalhando com a ideia da invasão da doença, ao afirmar que “ela não é da terra, é importada”⁹⁵.

A obra do literato, publicada no ano da Revolta da Vacina na capital federal, reflete sobre o projeto político implantado no Pará no alvorecer do século XX. O texto, que tinha um viés pedagógico que buscava disciplinar o povo, visto como um perigo, deixava transparecer certo preconceito contra as camadas populares e trabalhadoras da cidade, enquanto apresentava a classe médica e a elite enquanto aqueles que eram aliados do progresso e estavam dispostos a erguer uma civilização nos trópicos, que dependia do povo que devia ser disciplinado e seguir as medidas higienistas emanadas pelo poder público.⁹⁶

Ao defenderem o clima da região como não sendo o responsável pela origem e proliferação das doenças que reinavam na Amazônia no alvorecer do século XX, esses intelectuais precisavam encontrar culpados para as epidemias que grassavam na região. Dessa forma, em um contexto marcado pelo crescimento populacional em função das correntes migratórias para o estado⁹⁷, esse aumento da população vai ser destacado como responsável pelas doenças epidêmicas. Tal concepção aparece no artigo de Dr. J. Godinho, que vai pontuar que esse aumento populacional levou à aglomeração das habitações, falta de moradia na capital, falta de higiene, dentre outros fatores.

⁹⁴ FONTES, Edilza. A bubônica: o teatro do progresso em Marques de Carvalho. **História em quarentena**, 2020. Disponível em <https://historiaemquarentena.blogspot.com/>. Acesso em: 05 set. 2023.

⁹⁵ FONTES, Edilza. A Bubônica: o teatro do progresso em Marques de Carvalho. In: FONTES, Edilza Joana de Oliveira; BEZERRA NETO, José Maia (orgs). **Diálogos entre História, Literatura & Memória**. Belém: Paka-Tatu, 2007. p. 82.

⁹⁶ FONTES, Edilza. A Bubônica: o teatro do progresso em Marques de Carvalho. In: FONTES, Edilza Joana de Oliveira; BEZERRA NETO, José Maia (orgs). **Diálogos entre História, Literatura & Memória**. Belém: Paka-Tatu, 2007.

⁹⁷ CANCELA, Donza Cristina. **Casamento e relações familiares na economia da borracha**. Belém 1870-1920. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

Esses imigrantes, em sua maioria, recorriam às habitações coletivas e hotéis, que aparecem como uma grande preocupação no texto de Américo Campos, pois tais espaços deviam ser alvo do controle da vigilância sanitária para que não se tornassem foco de doenças. Esse discurso também consta no relatório de Américo Campos, no qual o sanitarista realiza o serviço de verificação de óbitos em Belém em 1900, atribuindo também o aumento da mortalidade como fruto da população adventícia citando, inclusive, os cearenses que migram para região em péssimas condições e se amontoam nas hospedarias.⁹⁸

A questão das hospedarias foi alvo, inclusive, das políticas sanitárias do contexto. Em *Notas de um repórter*, o jornalista Júlio Lobato, representante da Folha do Norte, percorre as hospedarias e padarias de Belém com o sanitarista Dr. Dias Junior, em 1916, para averiguar a situação desses estabelecimentos na capital paraense. O repórter inicia a reportagem defendendo que havia sido uma boa escolha convidar o Dr. Dias Junior para fazer a investigação, sendo o sanitarista apresentado como um homem que se interessa pela higiene da cidade e pelas habitações destinadas à hospedagem dos seringueiros que vieram para o nosso estado das mais diversas regiões. Cabe ressaltar que Dias Junior também fazia o serviço de vigilância médica dos imigrantes da seca, que vieram às centenas do Ceará, além de fazer o expurgo dos vapores e dos hospitais como Domingos Freire, São Sebastião e São Roque, da biblioteca e arquivo público bem como de outros departamentos do estado.

As visitas foram realizadas na manhã do dia 23 de março de 1916 e foram publicadas na Folha do Norte no dia seguinte. De acordo com a obra, a intenção do sanitarista era mostrar à imprensa o que são esses estabelecimentos em termos de higiene. Dias Junior percorre uma série de hotéis de Belém para atestar se esses atendem aos preceitos da higiene. O primeiro visitado, utilizado como hospedaria para seringueiros, estava em reforma e, a partir do resultado que essas mudanças proporcionariam ao hotel, este estaria de acordo com o que o sanitarista determinava.

Um dos hotéis mencionados na reportagem, que inicialmente apresentava ter um bom aspecto, é definido como um espaço que dava a sensação de se penetrar em uma cidade retrógrada, o que contrastava com a cidade moderna e civilizada que se esforçava para se consolidar. Os hotéis visitados, que serviam de habitação principalmente para os migrantes nordestinos, eram vistos como foco de doenças, como é o caso de um em que Dias Junior afirma que “nessa sala são atadas 10 redes e os hóspedes partilham o soalho de cuspo e escarros, o que

⁹⁸ RELATÓRIO. **Relatório apresentado pelo Dr. Américo Campos a inspeção geral do serviço sanitário do Estado do Pará.** Serviço de verificação de óbitos. Belém: Arquivo público do Estado do Pará, 1900.

vem a ser o melhor veículo de transmissão da tuberculose”⁹⁹. Ou como é o caso do Hotel Luz de Belém, considerado um inferno sem luz, em que sua entrada fedentina sufoca, sendo “esse compartimento dá acesso para um saguão, que é um verdadeiro lamaçal, o qual recebe os detritos do cano de esgotos, que se acha partido. Ali notamos diversos flagelados, homens e mulheres, lavando a sua roupa”¹⁰⁰.

A notícia da visita do sanitarista aos hotéis causou um verdadeiro alarde entre os proprietários desses estabelecimentos na região e foram deixadas algumas instruções que deviam ser ministradas por esses locais, como no caso das cuspidadeiras, que deveriam conter substâncias antissépticas; os hóspedes suspeitos de tuberculose ou outras doenças infectocontagiosas não poderiam ingressar nos hotéis ou habitações coletivas e os cômodos deveriam ser amplos e claros. Além disso, Dias Junior ordenou o fechamento de alguns cortiços, que eram considerados verdadeiros escárnios do progresso.

Percebe-se que tais medidas estavam inseridas num contexto em que as habitações coletivas, os cortiços e as hospedarias eram alvo das concepções higienistas que estavam pautadas nas ideias de civilização e progresso e associavam a pobreza às doenças, que eram originadas principalmente pela falta de higiene em moradias consideradas insalubres. Dessa forma, de acordo com Sobrinho¹⁰¹:

O engenheiro e o médico, em especial o médico sanitarista, aparecerem como personagens de uma elite que propiciará as intervenções sanitárias necessárias ao estabelecimento da nova ordem higienista; as ações sanitárias serão desenvolvidas com vistas a combater epidemias, um ideal de limpeza e, ao mesmo tempo, desejo utópico de progresso.

A pobreza passa a ser vista como problema e alvo das intervenções sanitárias E o pobre como sinônimo de perigo. De acordo com Chalhoub, as classes pobres passaram a ser vistas como classes perigosas e tal associação não estava relacionada apenas à manutenção da ordem pública, mas também porque em fins do século XIX essa classe também vira metáfora da doença contagiosa. Para os intelectuais-médicos do período, os hábitos de moradia dos pobres eram prejudiciais à sociedade, visto que as habitações coletivas eram consideradas como focos de irradiação de epidemias, além de serem férteis para a propagação de todos os tipos de vícios. As palavras “pobre” e “vícios” eram sinônimas naquele contexto, como podemos

⁹⁹ LOBATO, Júlio. **Notas de um repórter**: a vida dum reporter – reportagens nos hotéis e padarias de Belém. Belém, PA: Typ. F. Lopes, 1916. p. 26.

¹⁰⁰ LOBATO, Júlio. **Notas de um repórter**: a vida dum reporter – reportagens nos hotéis e padarias de Belém. Belém, PA: Typ. F. Lopes, 1916.

¹⁰¹ OLIVEIRA SOBRINHO, Afonso Soares de. São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 210-235, 2013.

perceber em nota publicada no *Diário de Notícias* no dia 15 de março de 1884, denunciando que:

Pedem-nos que chamemos a atenção das comissões sanitárias para as casas de pastos, denominadas hotéis, e que dão hospedagem, pois que na maioria estão ellas em estado de immundicie tal, que admira não ter-se n'elas desenvolvido a variola, contribuindo todavia para a propagação do mal. A porta de algumas não se pode passar, sendo insuportabilissimo o cheiro máo que exhalam. Cumpre tratar-se da limpeza e aceio d'essas casas, nas quaes ha acumulação constate de pessoas, que chegam de fora e do interior da provincia e cuja saúde é mister acautelar.¹⁰²

As visitas domiciliares, seja a casas particulares ou hospedagens eram frequentes no contexto e representavam uma medida de cuidado com a saúde pública, sendo comumente justificadas para saber se os donos das casas estavam em dia com os preceitos higiênicos ou orientar para que estivessem. Como mostra em matéria publicada pelo *Diário de Notícias* ainda no ano de 1884 sobre as visitas domiciliares realizadas pelo Dr. Pedro Chermont a 255 casas “tem mostrado que não há assumpto mais interessante ou mais importante do que aquelle que se refere à saúde geral e principalmente relativa à condições sanitárias de cidades sujeitas a certas e determinadas epidemias”¹⁰³. Ainda nessa mesma reportagem sobre as visitas domiciliares, o articulista do jornal defendia a sua concepção sobre a causa de algumas moléstias da época, dentre elas a variola, alegando que:

Tem dito que a continuada exposição ao ar impuro e humido concorre em diffentes maneiras á produção da escrófula, tísica pulmonar, molestias dos orgãos respiratorios e acelera a marcha fatal da variola, sarampo e escarlatina, alem de retardar a cura de ulceras e feridas.¹⁰⁴

O grande fluxo migratório do final do século XIX e início do século XX ocasionou o crescimento da cidade longe do seu padrão de infraestrutura, causando inúmeros problemas de ordem pública. Dentre eles podemos destacar os de moradia que essa população advéncia tinha que enfrentar, como analisados na fonte Notas de um repórter. De acordo com Cancela¹⁰⁵, o crescimento da cidade intensificou a demanda em torno das questões relacionadas à moradia. Contudo, fatores como as dificuldades para habitar, o preço alto dos aluguéis e a expansão demográfica contribuíram para o aumento das chamadas habitações coletivas, que poderiam ser

¹⁰² Diário de Notícias, 15/03/1884, p. 2.

¹⁰³ Diário de Notícias, 17/04/1884, p. 2.

¹⁰⁴ Diário de Notícias, 17/04/1884, p. 2.

¹⁰⁵ CANCELA, Donza Cristina. **Casamento e relações familiares na economia da borracha**. Belém 1870-1920. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

quartos em estalagens, vacarias, sobrados, cortiços e hotéis. É importante ressaltar que essas foram as possibilidades de habitações encontradas pelas classes mais pobres, principalmente os migrantes nacionais e estrangeiros. Entretanto, tais formas de moradia eram alvos do projeto de higienização e embelezamento urbano que visava afastar das áreas centrais da cidade as famílias mais pobres¹⁰⁶.

O relatório de junho 1892, realizado pelo Dr. Cypriano Santos¹⁰⁷, que torna pública, por meio do Decreto n. 391, de 19 de agosto de 1891, a separação da Repartição de Saúde do estado da Inspectoria Geral de Hygiene, mostra algumas medidas empreendidas em prol da salubridade da urbe. Dentre elas constam as visitas sanitárias às habitações coletivas e particulares. De acordo com o relatório apresentado ao estadista Lauro Sodré, foram visitados quatrocentos e sete prédios, nos quais foram ordenadas uma série de mudanças. Segundo o Dr. Cypriano Santos “Quatro casas que ameaçavam ruínas e doze cortiços em péssimas condições hygienicas foram mandados fechar”.

Conforme analisou Sarges¹⁰⁸, o crescimento populacional ocasionado pelo fluxo migratório para o Pará foi alvo de preocupações em função do ordenamento do espaço público e dos problemas que poderiam ser causados por uma vida urbana desestruturada. Tais problemas estavam principalmente relacionados à questão da ocupação e habitação dos migrantes. Essa necessidade de limpeza do espaço urbano vai nortear uma série de medidas implementadas pelo intendente Antônio Lemos. Dentre elas podemos pontuar a campanha contra as habitações coletivas, como os cortiços.

Segundo a historiadora, o intendente teria adotado uma política saneadora preventiva, que tinha como principal objetivo cuidar de aspectos relacionados à vida urbana, como saneamento, saúde pública e a estética da cidade, que estavam relacionadas a uma tentativa de “institucionalização civilizadora”. A preocupação com a saúde pública da urbe era uma constante e não poderia deixar de ser, tendo em vista que as epidemias grassavam com intensidade e ceifavam centenas de vidas na região frequentemente.

Assim, o cuidado com a saúde pública acaba se tornando um dos cerne da gestão lequista que, entretanto, parecia surtir um efeito muito mais estético do que profilático, com um caráter elitista e higienista que visava expulsar a população mais pobre das áreas centrais da

¹⁰⁶ CANCELA, Donza Cristina. **Casamento e relações familiares na economia da borracha**. Belém 1870-1920. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

¹⁰⁷ RELATÓRIO. **Relatório apresentado ao Governador do Estado Dr. Lauro Sodré em 30 de junho de 1892 pelo Dr. Cypriano Santos**. Belém Pará: Biblioteca Orlando Bitar, Conselho Estadual de Cultura, 1892.

¹⁰⁸ SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas Produzindo a Belle-Époque (1870 - 1912)**. 2.ed. Belém: Paka-Tatu, 2000.

cidade pelo risco de contágio que representavam no contexto a partir das concepções médicas que se tinha. Essas intervenções urbanas encaminhadas pelos poderes públicos do período estavam relacionadas ao que a historiadora Margareth Rago¹⁰⁹ chamou de medicalização da cidade. Havia, de acordo com autora, uma grande preocupação com a questão dos surtos epidêmicos que dos bairros pobres se alastrariam pela cidade e ameaçavam invadir as casas dos bairros ricos.

Ao trazer um panorama das principais moléstias que assolavam a capital paraense no ano de 1888, o jornal *Diário de Notícias* iniciava a matéria afirmando que além das epidemias que há anos perduravam pela região, como febre amarela e beri-beri, no segundo semestre de 1887, a capital havia sido visitada pela varíola, que teria sido importada por um dos vapores da Companhia Brasileira. Para o articulista, a razão para essas epidemias que constantemente figuravam os obituários da época seriam as “péssimas condições higienicas em que se acha esta capital, há muitos anos”¹¹⁰. Para tanto, defendia uma série de medidas que deveriam ser adotadas afim de melhorar as condições higiênicas da urbe e, conseqüentemente, os problemas de saúde pública, como o sistema de esgoto, um serviço bem executado de limpeza das ruas e praças, a vigilância das autoridades competentes sobre os gêneros alimentícios e chama atenção também para a questão das habitações, alegando que:

Os possíveis melhoramentos das condições sanitárias, ou melhor, a extinção dos cortiços, d’esses antros imundos, segundo a exacta descrição do exm. sr. dr. Barão de Ibituruna, levantados pela especulação e sustentados pela uzura, sem ar, sem luz, húmidos, constituindo focos de infecção e ponto de partida de todos as molestias infecto-contagiosas, que á cada passo se encontram no recinto d’esta cidade.¹¹¹

A questão das habitações era nacional em um contexto marcado por intervenções urbanas que eram justificadas como medida profilática para conter uma das principais mazelas da época que prejudicavam o projeto modernizador: as epidemias. O historiador Jaime Benchimol¹¹², ao analisar a crise habitacional e as reformas urbanas empreendidas no Rio de Janeiro no século XIX, pontuou como os cortiços eram alvos do poder público por serem considerados sinônimos de perigo à saúde pública, pois, conforme analisou o autor, causavam “excessiva mortalidade, sempre por febre e tísica, o que é devido à umidade que neles reina, e à falta de ar puro para se respirar”. Essa tensão que envolvia as moradias populares com os

¹⁰⁹ RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

¹¹⁰ *Diário de Notícias*, 22/03/1888, p. 2.

¹¹¹ *Diário de Notícias*, 22/03/1888, p. 2.

¹¹² BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: Um Haussmann tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de cultura, 1992.

riscos que ofertavam à saúde pública era frequentemente veiculada nos jornais. No dia 19 de junho de 1888, o *Diário de Notícias* novamente expunha a salubridade da capital como preocupante, atentando para a epidemia de varíola, que fazia novas vítimas cotidianamente, expondo que:

Esta moléstia tira sua origem nos miasmas, que se desprendem dos charcos, dos pântanos, dos montões de lixo, e outros focos imundos, que se acham espalhados pela cidade. São necessarias actualmente rigorosas visitas domiciliarias, principalmente por esses inúmeros centros de epidemias – os cortiços.¹¹³

A partir das fontes trabalhadas na presente seção, é possível perceber os discursos acerca do fenômeno da doença na cidade e como tais pensamentos acabaram norteando uma série de políticas públicas do período. Além disso, é possível perceber como as epidemias podem ter sido utilizadas discursivamente como elemento de exclusão social a partir do momento em que se entende as classes pobres como “classes perigosas” que representavam o perigo do contágio, buscando-se afastar esse grupo social das áreas centrais da cidade, o que estava inserido no próprio projeto modernizador do período.

Os artigos presentes na brochura *O Pará*, em 1900, sobretudo os de Américo Campos, Dr. Gonçalo Lagos e Dr. João Godinho, bem como *Notas de um repórter*, de Júlio Lobato, destacam a concepção higienista do período, que teve como alvo as habitações coletivas, como no caso dos hotéis e cortiços. Essas formas de moradia, que abrigavam inúmeros migrantes, inclusive os nordestinos, eram vistas pelo poder público da época como foco de miasmas, que acarretavam epidemias, as quais os governantes da época visavam o combate por serem consideradas, sobretudo, um entrave para o progresso e a construção de uma sociedade civilizada e salubre nos trópicos.

Por falar em miasmas, é possível perceber que essa teoria, que pensava na propagação das doenças pelas emanações nocivas presentes no ar, ainda estava muito presente no pensamento da época. De acordo com Silva¹¹⁴, a ideia do meio ambiente como propagador de doenças vai legitimar práticas de intervenção e expansão urbanísticas entre o século XVIII e XIX, contexto em que se pensava que as doenças não estavam nos indivíduos, mas sim no ambiente que os cercava.

¹¹³ *Diário de Notícias*, 19/06/1888, p. 2.

¹¹⁴ SILVA, Diego Santos da. “**Tocados d’aquelle veneno mal**”: as epidemias em Belém na primeira metade dos oitocentos: 1800-1850. 2022. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, 2022.

É possível perceber, contudo, que apesar da descoberta da teoria microbiana no século XIX a partir dos estudos de Pasteur e Kock, a teoria miasmática ainda estava presente no discurso de intelectuais do período, como é o caso do próprio Américo Campos, no Pará, em 1900, que, ao defender que as doenças eram fruto da ação humana, advogava em prol das intervenções urbanas, sendo um defensor das medidas higiênicas e saneadoras sobre as moléstias.

É interessante destacar que a teoria miasmática era mais favorável para a proposição de intervenções na urbe, em um contexto justamente marcado por essas interferências no espaço urbano, que tinham como principal finalidade defender um projeto de sociedade. Ao analisar a reurbanização da cidade através do discurso da civilização, a historiadora Maria de Nazaré Sarges mostrou a política de disciplinarização do meio urbano do intendente Antônio Lemos, que pensava a administração de Belém através do movimento urbanizador da Europa. Assim, o principal eixo para a implementação do progresso tanto na cidade de Belém como em outras capitais brasileiras baseava-se na política de higienização do espaço público¹¹⁵.

A brochura do *Pará em 1900*, que parece uma Belle Époque do clima no seu intuito de fazer uma propaganda do Estado e atrair imigrantes, sobretudo o europeu, conforme destacou a historiadora Edilza Fontes, revela também uma consonância de pensamento entre os intelectuais do período, que estavam ou necessitavam estar de acordo que o clima paraense era caluniado ao ser definido como pestilento, pois era na verdade salubre. As doenças que assolavam a região, como a varíola, eram, na concepção desses articulistas, importadas para a região, não sendo fecundadas no solo paraense.

Chama a atenção essa ideia, que estava presente na arguição dos articulistas, pois também estava presente no discursivo de Arthur Vianna, que advogava que as epidemias de varíola para a Amazônia tinham uma origem específica e estas eram respectivamente o tráfico de escravizados até 1850 e, posteriormente, o fluxo migratório de cearenses para a região. A tentativa de procurar bodes expiatórios para a eclosão de surtos epidêmicos estava aliada à essa Belle Époque do clima, que precisava vender a região como salubre e viável de se construir uma civilização nos trópicos e, assim, atrair tipos específicos de imigrantes.

A preferência por um grupo específico de migrantes foi objeto de estudo do historiador Luiz Ferreira que, ao analisar um importante núcleo de colonização alemã em Santa Catarina, no século XIX, contextualizou sobre a política imigratória brasileira, mostrando como as pressões para o fim do tráfico de escravos e a necessidade de povoar o território brasileiro

¹¹⁵ SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do Velho Intendente (1870-1912)**. Belém: Paka -Tatu, 2002.

fizeram com que D. João VI e D. Pedro I adotassem uma política de incentivo à imigração europeia, que por sua vez estava amparada em uma série de concessões de terras, subsídios e benefícios específicos voltados para os imigrantes europeus.

O autor mostra como essa defesa da imigração de trabalhadores europeus estava vinculada à tentativa do governo brasileiro em povoar o país com gente branca, que era vista como “laboriosa”, “sóbria”, “incansável” e contribuiriam para melhorar os hábitos e costumes da sociedade brasileira. No entanto, quando o assunto era imigração chinesa, os argumentos mostravam-se contrários à vinda destes para o Brasil, pois, de acordo com Ferreira, eram considerados como uma raça “sem força moral”, “decrépita” e “retógrada”. Além disso, também era rejeitada a vinda de africanos livres para o país, por ser considerada muito perigosa.¹¹⁶

Dessa forma, no capítulo a seguir mostraremos como os discursos presentes nos principais periódicos, nas fontes institucionais e na historiografia de Arthur Vianna, intelectual que será melhor apresentado na primeira seção do segundo capítulo, contribuíram para a tese de que os migrantes cearenses eram culpados pela eclosão das epidemias de varíola na segunda metade do século XIX e início do século XX na região amazônica, precisamente na capital paraense.

¹¹⁶ FERREIRA, Luiz Mateus da Silva. **Terra, trabalho e indústria na colônia de imigrantes Dona Francisca (Joinville), Santa Catarina, 1850-1920**. 2019. 325 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-19082019-135708>.

CAPÍTULO SEGUNDO

Migrantes cearenses e as epidemias de varíola em Belém: o discurso do medo

CAPÍTULO 2 – MIGRANTES CEARENSES E AS EPIDEMIAS DE VARÍOLA EM BELÉM: O DISCURSO DO MEDO

(...) E logo que chegou a Belém, foi engajado pelo proprietário dum seringal do rio Purus. Lá o esperava o trabalho e a doença. O organismo estranhou o clima quente e úmido, e o estômago recusou a alimentação do pirarucu e tartaruga. O costume, que tudo dobra, em pouco tempo, amoldou Inácio àqueles hábitos. Mas às intempéries, ao veneno palustre, se habituaria também? (Rodolfo Teófilo).¹¹⁷

2.1 A varíola e os migrantes cearenses na obra de Arthur Vianna

A partir da segunda metade do século XIX, a sociedade amazônica vivenciou um conjunto de transformações provenientes da economia da borracha. A descoberta dessa matéria-prima pela indústria mundial e o interesse do imperialismo britânico pelo chamado “ouro negro” da Amazônia conferiram à essa região um papel importantíssimo no conjunto do sistema capitalista. O desenvolvimento dessa economia na região amazônica já foi tema de diferentes estudos que compõem uma densa produção historiográfica¹¹⁸. Portanto, não pretendemos fazer uma análise minuciosa acerca desta problemática, mas compreender seus desdobramentos, principalmente em relação às transformações no espaço urbano, especificamente na saúde pública.

O crescimento da procura pelo látex, durante o século XIX, provocou enriquecimento de setores da sociedade local envolvidos no processo e também atraiu inúmeros imigrantes oriundos de outras regiões do país, especialmente do Nordeste, mas também imigrantes europeus. Estes eram os mais requisitados, os mais esperados, os detentores da civilização, tão almejada por alguns elementos da sociedade local. O interesse pelo imigrante europeu era tão grande que os diferentes governos da região procuraram realizar campanhas de incentivo à vinda destes.¹¹⁹

De acordo com Cristina Cancela, tanto as migrações nacionais quanto estrangeiras foram bastante expressivas para Belém, sendo responsáveis pelo crescimento populacional ocorrido no final do século XIX e início do século XX. Entretanto, a maior parte desse

¹¹⁷ TEÓFILO, Rodolfo. **A fome**: cenas da seca do Ceará. São Paulo: Tordesilhas, 2011. p. 208.

¹¹⁸ Sobre este tema cabe destacar o trabalho de Bárbara Weinstein, *A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência, de 1850 a 1920*.

¹¹⁹ FONTES, Edilza. O Paraíso Chama-se Pará: o álbum Pará em 1900 e a propaganda para atrair imigrantes. In: BEZERRA NETO, José; GUZMÁN, Décio. **Terra matura**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

crescimento deve-se à migração nordestina, já que a migração estrangeira se mostrou mais acentuada no sul do país.¹²⁰

Neste caminho, percebemos ser necessário relativizar o papel desempenhado pela propaganda, pela divulgação de imagens positivas da cidade de Belém em outros contextos, especialmente na Europa. Os governos locais organizaram álbuns com descrições da cidade de Belém que foram enviados para a Europa, sendo apropriado destacar os que foram organizados nos governos de Paes de Carvalho (1900) e Augusto Montenegro (1902). Segundo Fontes: “A preocupação em construir uma imagem positiva da região foi uma questão central na virada do século passado que levou governos, intelectuais, jornalistas, seringalistas, comerciantes e agricultores a expressar suas opiniões sobre a região e suas necessidades”¹²¹.

Mas a grande questão é: qual o propósito dessa política? Segundo a autora, que analisou o álbum de 1900, tratava-se, principalmente, de propaganda para atrair imigrantes, pois a segunda metade do século XIX seria marcada pelo debate do fim da escravidão e, ao mesmo tempo, pela busca de alternativas para a mão-de-obra escrava. Neste sentido, a substituição do trabalho escravo pelo trabalho do imigrante europeu seria a solução, haja vista que contemplava o desejo de erguer na Amazônia uma civilização à imagem e semelhança das sociedades da Europa Ocidental.

Este trabalho é bastante significativo, sendo realizado a partir de uma análise esmiuçada da brochura e de vários outros documentos sobre o tema, esclarecendo que, para a autora “a publicação foi organizada com o objetivo de divulgar o Estado, tentando desconstruir a imagem de que no Pará era impossível prosperar uma sociedade civilizada”¹²². No seu entender existe uma “tensão social” no texto da brochura, pois os intelectuais buscavam sempre demonstrar o grau de progresso e civilidade alcançado pelo Estado, contrapondo-se à uma imagem elaborada da região como terra de índio, insalubre e pestilenta.

Havia sim, desde meados do século XIX, interesse dos sucessivos governos locais em atrair pessoas de outras regiões do Brasil e da Europa para a Amazônia, principalmente com o desenvolvimento da economia da borracha. Esse movimento foi intensificado especialmente após a proclamação da república. Os primeiros governadores sob o regime republicano investiram consideravelmente na imigração.

¹²⁰ CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém - 1870-1920)**. 2006. 343 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-15012007-171851/pt-br.php>.

¹²¹ FONTES. Edilza. O Paraíso Chama-se Pará: o álbum Pará em 1900 e a propaganda para atrair imigrantes. In: BEZERRA NETO, José; GUZMÁN, Décio. **Terra matura**. Belém: Paka-Tatu, 2002. p. 258.

¹²² *Ibid.*

Embora houvesse maior interesse na imigração europeia, os diferentes governos do período não deixaram de incentivar e atrair migrantes do próprio país, especialmente da região nordeste. A migração de nordestinos para a região amazônica é assunto sobre o qual já há farta produção, mas, segundo Lacerda¹²³, a grande maioria destes trabalhos abordou a migração de cearenses para a Amazônia e incorreu num equívoco de tratar os nordestinos de forma homogeneizadora. Lacerda considerou fundamental recuperar do esquecimento essas experiências individuais com o intuito de compreender as razões que fomentaram o interesse dos cearenses em direção ao Pará, procurando desviar o foco da análise da ótica do Estado para a ótica dos próprios sujeitos envolvidos no processo.

A experiência dos cearenses na Amazônia foi marcada por inúmeras dificuldades, dentre as quais destaca-se o contato com as doenças que já acometiam a população da região desde séculos atrás, como, por exemplo, a varíola; a febre amarela; a peste bubônica; o beri-beri; etc. Muitos nordestinos, que vieram atrás da riqueza proporcionada pela borracha, acabaram encontrando a morte provocada pelas doenças que assolavam a região, com destaque para a varíola. Mas o curioso é que esses nordestinos, principalmente os cearenses, passaram a ser responsabilizados pelas frequentes epidemias que aconteciam em Belém ou na região amazônica como um todo, pois há registro que em Manaus e arredores também se passou a culpar os nordestinos pelas doenças. Essa questão, então, se tornou o centro dessa investigação que está se encaminhando: o que teria levado as autoridades governamentais, médicas e a própria imprensa a responsabilizar os nordestinos, destacadamente os cearenses, pelas doenças e epidemias que aconteciam na região amazônica?

É na obra intitulada *Epidemias no Pará*, de Arthur Vianna que encontro essa associação entre as epidemias de varíola e a migração cearense pela primeira vez na historiografia que trata do assunto. Sendo Arthur Vianna responsável por fazer referência sobre o assunto, é necessário que o leitor tenha uma afinidade com a biografia do autor em questão. Arthur Octávio Nobre Vianna nasceu em Belém no ano de 1873, estudou no Lyceu Paraense, diplomou-se em farmácia pela antiga Escola de Farmácia do Pará, recebendo o título de “farmacêutico laureado

¹²³ Para um debate mais aprofundado sobre imigração ver: LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. 2006. 346 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16072007-105321/pt-br.php>. Consultar principalmente o primeiro capítulo da tese, no qual a autora trava um debate com as principais abordagens historiográficas sobre o assunto.

pela Escola do Pará”. Faleceu no ano de 1911, no Rio de Janeiro, com apenas 38 anos de idade, quando terminava de cursar medicina, segundo Sarges¹²⁴.

Destacou-se principalmente pelas obras *A Santa Casa de Misericórdia* e *As Epidemias no Pará*, sendo a primeira considerada sua obra de maior relevância, publicada pela primeira vez em 1902 e republicada em 1992 pela Secretaria de Estado de Cultura (SECULT-PA), encomendada pelo intendente Antônio Lemos, figura com a qual Vianna tinha uma relação muito próxima. A segunda obra, publicada inicialmente em 1906, encomendada pelo então governador Augusto Montenegro e republicada em 1975 pela Universidade Federal do Pará, é vista como uma continuação da primeira, partindo de uma ideia de evolução histórica, muito presente no fazer historiográfico do autor.

As obras citadas acima ganharam maior destaque e relevância, além de serem consideradas as mais importantes contribuições deixadas pelo autor para a historiografia paraense. Entretanto, estão longe de serem as únicas. Segundo Bezerra Neto¹²⁵, Arthur Vianna realizou produções historiográficas voltadas para a história da educação; história da saúde pública; história institucional; das tradições culturais e a história do Pará. Merece destaque também, ao mencionar seu ofício como historiador, o seu manejo com as fontes e a importância dada ao documento, capaz de sustentar aquilo que defendia em suas obras.

Mas é importante ressaltar que Arthur Vianna não se destacou apenas no campo da historiografia, sendo esse o aspecto mais relevante para essa pesquisa. O autor transitou entre as mais variadas áreas do conhecimento, como analisaram Sarges e Bezerra Neto. Vianna era um funcionário público republicano, laureado como farmacêutico e chegou a cursar medicina no Rio de Janeiro. Irmão do médico Gaspar Vianna, exercia o ofício de historiador, mas também se destacou como jornalista, prática que era comum aos intelectuais do período, escrevendo em alguns periódicos, inclusive na revista *Pará-Médico*.

Tornou-se uma referência fundamental para os que se debruçam a estudar epidemias no Pará, sendo suas obras fontes importantíssimas para quem pesquisa sobre varíola, febre amarela, peste bubônica, cólera ou instituições como a Santa Casa de Misericórdia. Publicou uma série de obras, merecendo destaque para esse trabalho *As Epidemias no Pará*. Na obra em questão, transparece a preocupação metodológica que o autor tinha e a importância dada à

¹²⁴ SARGES, Maria de Nazaré. Fincando uma tradição colonial na república: Arthur Vianna e Antônio Lemos. In: BEZERRA NETO, José; GUZMÁN, Décio. **Terra matura**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

¹²⁵ Para um conhecimento mais aprofundado deste intelectual paraense, consultar: BEZERRA NETO, José Maia. Arthur nas Forjas da História. A Contribuição de Arthur Vianna para a historiografia paraense. In: FONTES, Edilza Joana de Oliveira; BEZERRA NETO, José Maia (orgs). **Diálogos entre História, Literatura & Memória**. Belém: Paka-Tatu, 2007.

documentação, pois nesse trabalho Vianna dispõe de uma ampla gama de fontes, desde os desde os relatórios emanados pelo poder público, mapas de mortalidade até os livros de cemitérios (Santa Izabel e Soledade).

A obra em questão merece destaque para esse trabalho pela tese defendida por Arthur Vianna, que afirmava que as doenças como febre amarela, cólera, peste negra e varíola eram importadas para a Amazônia, como se houvesse sempre uma causa externa para o desencadeamento de epidemias na região, buscando geralmente fazer associações entre grupos sociais e epidemias e criando uma certa responsabilização desses grupos pelas principais doenças que assolavam a Amazônia.

A segunda edição da obra *As Epidemias no Pará* (1975), a qual nos debruçaremos nesse capítulo, foi lançada pela Universidade Federal do Pará e faz parte da coleção intitulada Camillo Salgado. Assim, nos interessa investigar a relação que é feita na obra *As Epidemias no Pará* entre as epidemias de varíola e a migração cearense para a Amazônia, a forma como esses discursos são reproduzidos por Arthur Vianna e como isso pode ter intensificado o preconceito que sofriam os migrantes cearenses na capital paraense.

Os registros sobre as epidemias de varíola na obra *As epidemias no Pará* indicam que há uma imprecisão sobre a época certa em que “a varíola teria invadido a Amazônia”¹²⁶. É o que afirma Arthur Vianna (1975) no início da sua discussão sobre a doença. Entretanto, posteriormente afirmou que a doença poderia ter sido importada por vias marítimas, possivelmente do Maranhão ou outras capitânicas. O que nos chama atenção para o fato de que, mesmo sabendo que a moléstia era uma “velha conhecida” dos paraenses, o autor não deixa de afirmar que ela teria sido importada de outra região para a Amazônia. Mas quem seriam os “culpados” por essa importação? Para o autor, a origem da varíola na região paraense teria uma causa bem simples:

A cobiça dos traficantes de escravos iludiu muitas vezes as autoridades, violando a quarentena e trazendo para terra, com os pretos, os germens da varíola; veremos mais adiante ser este fato a origem de uma grande epidemia.¹²⁷

Nota-se, a partir da fala de Vianna, a tendência elaborada pelo autor em associar as epidemias de varíola na região amazônica à escravidão, como é inúmeras vezes citado em sua obra, em certas passagens chegando a afirmar que o reaparecimento da varíola na região, em

¹²⁶ VIANNA, Arthur. *As epidemias no Pará*. 2.ed. Belém: UFPA, 1975. p. 35.

¹²⁷ *Ibid*, p. 38.

abril de 1819, teria sido “importado”, como das outras vezes, por via marítima, com os “infelizes negros da África”.

Essa tendência percorre até meados de 1850, pois a partir de 1870, segundo Vianna, a causa da eclosão da varíola na região seria outra: a emigração cearense. O autor defende, ao longo do capítulo dedicado à varíola, a tese de que a doença seria importada, primeiramente pelo tráfico de escravos, por via marítima, fazendo inclusive uma crítica ao serviço do porto, o qual considerava sempre mal feito. No segundo momento, a doença já está vinculada à presença dos migrantes cearenses na região. Veremos a seguir como esse discurso aparece na obra de Arthur Vianna.

De acordo com Vianna, no ano de 1850, quando reinou pela primeira vez a febre amarela, não houve registro de varíola intercorrente. Já o sarampo apareceu pelo segundo semestre e, no ano seguinte, a varíola apareceu fazendo vítimas. Por um período de quatorze anos, segundo o autor, não houveram vítimas de varíola epidêmica na região. Mas a partir de abril de 1866, a doença tomou um novo caráter epidêmico e persistiu até 1868, gerando um saldo de 431 mortos, conforme dados apresentados por Vianna.

O ano de 1866 aparece nos dados do autor como um período em que a enfermidade fez as suas últimas vítimas; embora a doença tenha permanecido, mas apenas em casos isolados e não fatais. Mas é a partir de setembro de 1872 que o autor apresenta um novo motivo para a presença da doença na região: se inicialmente estaria atrelada ao tráfico de escravos, agora a importação da doença estaria relacionada à migração cearense.

Em setembro de 1872 notaram-se novos casos de varíola confluyente: o serviço do porto, sempre mal feito, defeituoso e, portanto, imprestável, rivalizava com o lazareto colonial da ilha de Arapiranga, de modo que o Pará, em contato com outras províncias contaminadas, notadamente a do Ceará, vivia a importar a moléstia.¹²⁸

Esta epidemia prolongou-se até 1876, marcada por uma propagação intensa na qual o número de vítimas teria ascendido a 1.162 e foi a maior registrada em Belém no período de 55 anos, que compreende de 1850 a 1905, segundo Vianna. Ainda sobre essa epidemia, o autor apresenta os dados sobre a mortalidade em cada ano, desde 1872, quando inicia a epidemia, até 1876, período até onde se estende. Os dados apresentados pelo autor mostram que a mortalidade seguiu da seguinte maneira:

¹²⁸ VIANNA, Arthur. As epidemias no Pará. 2.ed. Belém: UFPA, 1975. p. 58.

Tabela 1 – Epidemia de varíola de 1872

Mês	Ano				
	1872	1873	1874	1875	1876
Janeiro	0	17	14	24	0
Fevereiro	0	48	12	12	0
Março	0	85	6	8	2
Abril	0	109	10	8	1
Maiο	0	85	6	21	0
Junho	0	54	9	6	0
Julho	0	38	18	5	0
Agosto	0	44	70	5	0
Setembro	0	46	76	3	0
Outubro	2	44	74	3	0
Novembro	3	35	76	1	0
Dezembro	9	22	51	0	0
TOTAL	14	627	422	96	3
Total dos mortos	1.162				

Fonte: VIANNA, Arthur. Epidemias no Pará. 2. ed. Belém: UFPA, 1975, p. 58.

É possível perceber, de acordo com os dados apresentados pelo autor, o ano e mês em que as taxas de mortalidade pela varíola teriam sido mais elevadas na capital paraense. Entretanto, os dados apresentados por Vianna não permitem identificar quem são essas vítimas através de um recorte de gênero, raça ou nacionalidade, dados esses fundamentais para compreender uma epidemia.

Ainda referente à essa epidemia desencadeada em 1872, o autor denuncia que o aumento de casos de variolosos exigiu um maior espaço para abrigar os variolosos pobres. Entretanto, o autor não vai muito além disso no sentido de nos permitir identificar quem eram as principais vítimas acometidas pela enfermidade, mas aponta que a epidemia teria se alastrado também para o interior, principalmente em Vigia, mas a carência de estatísticas era um entrave para a contabilização da mortalidade fora de Belém.

Fato bastante curioso apresentado por Arthur Vianna e que merece ser investigado a partir das outras fontes é que o autor aponta que no ano de 1877 e no ano seguinte até junho não houve nenhum óbito de varíola na região. A população de Belém ficou um ano livre da varíola, mas, em 1878, ainda segundo Vianna, quando “todos julgavam extinta a mortífera epidemia...”, “veio ter à capital um novo elemento de transporte desse mal: a emigração

cearense”¹²⁹. Essa seria a causa permanente das epidemias na região, segundo Vianna, pois ele considera que:

A horrível seca que devastou o Ceará de 1877 a 1879, elevou a emigração para nossa Província ao apogeu; o horror do sofrimento daquele povo de heróis, era despejado com os andrajosos infelizes, pelos paquetes do sul, nos trapiches de Belém; legiões de homens, mulheres e crianças suplicavam urgentes socorros; precisavam de roupa para cobrir o corpo, alimentos para revigorar o organismo abatido, de remédios para curar as enfermidades, de empregos para ganhar a vida. Com eles emigrou a varíola.¹³⁰

Nota-se, a partir da fala de Vianna, além da culpabilização dos migrantes cearenses pela eclosão das epidemias de varíola na região, a imagem que era criada sobre esse grupo social como uma legião de flagelados, que necessitavam da caridade dos seus compatriotas de Belém, pois chegavam aqui em péssimo estado de vestimentas, malnutridos, doentes, vivendo a base de esmolas e exportando a doença para quem os oferecia a terra, o trabalho e a comida.

Segundo o historiador Durval Muniz¹³¹, o qual dedicou-se a estudar temas relacionados à formação da região nordestina que, conforme analisa, surgiu em 1910, além de buscar compreender o preconceito sofrido por esse grupo social, afirma que a criação da imagem do nordestino como retirante, flagelado, migrante está muito relacionado ao episódio da Grande Seca (1877-1879), pois nesse contexto a seca deixou de atingir apenas escravos, animais e homens pobres, mas também causou um enorme impacto em grandes proprietários de terra. Dessa forma, com uma imprensa muito mais organizada, as notícias relacionadas à seca de 1877 a 1879 passaram a ser veiculadas em nível nacional, um dos fatores que, segundo analisou o historiador, contribuiu para que esse período ficasse conhecido como a “Grande Seca”. Inclusive, nos principais periódicos do Pará, como a *Folha do Norte* e *A Província do Pará*, era comum encontrar notícias a respeito da situação climática do Ceará e seus desdobramentos.

A seca de 1877-1879 também vira tema privilegiado da literatura regionalista, logo com a publicação de *Os Retirantes*, de José do Patrocínio, em 1879, além dos romances do farmacêutico Rodolfo Teófilo, dentre os quais merece destaque *A fome*. Durval Muniz busca mostrar em seu trabalho como os discursos da seca criam essa imagem do nordestino como “retirante ou o flagelado, um sertanejo degradado física e moralmente, um homem em farrapos, doente, macerado, um esqueleto andante, esperando os urubus virem devorar”.

¹²⁹ VIANNA, Arthur. As epidemias no Pará. 2.ed. Belém: UFPA, 1975. p. 59.

¹³⁰ *Ibid.*, pp 59-60.

¹³¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 94.

Assim, o nordestino é quase sempre associado a um flagelado que viveria às custas dos recursos vindos dos cofres públicos. Tal imagem desse nordestino, para o caso dessa pesquisa especificamente o cearense, aparecia de forma frquente nos periódicos e relatórios emanados pelo poder público. Como também constava na obra de Arthur Vianna, essa imagem contribuía ainda mais para fortalecer a tese de que esse migrante era responsável pela eclosão de doenças.

A epidemia desencadeada em 1878 e que se estendeu até 1885 foi mais longa que a de 1872, porém muito menos mortífera, conforme veremos a seguir a partir dos dados informados por Vianna:

Tabela 2 – Epidemia de varíola de 1878

Mês	Ano							
	1878	1879	1880	1881	1882	1883	1884	1885
Janeiro	0	12	4	0	1	3	73	9
Fevereiro	0	5	0	0	0	4	95	5
Março	0	9	0	0	0	3	89	6
Abril	0	13	0	0	0	0	68	1
Maio	0	6	0	0	0	1	68	0
Junho	2	4	0	0	0	0	49	0
Julho	1	8	0	0	0	1	37	0
Agosto	0	8	0	1	0	1	31	0
Setembro	0	12	0	0	0	2	24	0
Outubro	0	11	0	0	0	7	26	0
Novembro	2	8	0	0	1	14	18	0
Dezembro	38	2	0	2	1	39	14	0
TOTAL	43	98	4	3	3	75	587	21
Total dos mortos	834							

Fonte: VIANNA, Arthur. Epidemias no Pará. 2. ed. Belém: UFPA, 1975, p. 61.

A epidemia acima, que se estendeu durante 8 anos, teve uma taxa de mortalidade de 834 pessoas. Em contrapartida, a de 1872, que teria durado 4 anos, foi bem mais mortífera e resultou em 1.162 óbitos. O autor, no entanto, apresenta nessa epidemia de 1878 dados que nos permitem inferir sobre o perfil das vítimas da varíola na capital paraense ao afirmar que: “Entretanto, esse ano de 1878 ficou lugubrememente assinalado: de 2.548 cadáveres sepultados, 1.013 eram de retirantes”¹³².

Uma questão aqui parece certa: os migrantes cearenses foram intensamente vitimados pela varíola em Belém, mas nos dados apresentados por Vianna, o destaque é dado à origem da doença, que quase sempre está associado à corrente migratória vinda do Ceará. Inclusive, quando havia ausência da doença em Belém, o referido autor relacionava à queda da corrente

¹³² VIANNA, Arthur. As epidemias no Pará. 2.ed. Belém: UFPA, 1975. p. 67.

migratória cearense. Foi assim, por exemplo, no período que se estende de 1890 a 1895, quando considera que “esta circunstância foi de todo o ponto acidental”, pois “contribuiu mais que outra causa qualquer a diminuição da corrente migratória dos estados do Norte”.

Há um ponto que cabe ser destacado nas epidemias de 1872 a 1876 e de 1878 a 1885, que são as críticas feitas por Arthur Vianna às medidas emanadas pelo poder público para combater a disseminação da varíola na região, quase sempre consideradas pelo autor como improfícuas. Essa característica é marcante na obra de Vianna, principalmente nos períodos epidêmicos do contexto da monarquia. Sendo o autor um republicano, dessa forma apresentava as epidemias do período imperial como mais graves e, na República, as medidas seriam mais eficazes, chegando a afirmar que:

Antes de tratarmos da nova invasão da varíola, é de justiça citar um grande melhoramento posto em prática pelos governos republicanos: a Lei n. 203, de 26 de julho de 1894, autorizou o governo a dispender até a quantia de cem contos de réis, com a construção de um hospital de isolamento, para doentes de doenças infecto-contagiosas.¹³³

Além de mostrar sua simpatia pelo governo republicano, Arthur Vianna também deixa claro nessa passagem sua concepção acerca da varíola. Ao elogiar as medidas profiláticas emanadas pelos governos republicanos para combater a enfermidade, o autor ressalta a importância dos hospitais de isolamento no combate a doenças infecto-contagiosas, mostrando que estava em maior concordância com o contagionismo¹³⁴, que pensava a transmissão das doenças por meio do contato físico e, portanto, defendia medidas como o isolamento e quarentenas, distanciando-se do anticontagionismo, que pensava na propagação das doenças por meio dos miasmas. Tal concepção acreditava nas reformas urbanas, tratamento do lixo e do esgoto como medida profilática eficaz no controle das doenças. A teoria miasmática ou o anticontagionismo ainda estava muito em discussão na segunda metade do século XIX, embora já se falasse na bacteriologia.

Segundo Ferreira, é a partir do final do século XVIII e início do século XIX que a higiene se tornou um paradigma dominante quando o assunto em questão era o processo civilizador. Essa ideologia, portanto, estava relacionada ao chamado neo-hipocratismo, uma concepção médica que entendia o homem como parte de um conjunto formado com o meio e a natureza e que influenciou o higienismo. Entretanto, haviam divergências dentro do próprio

¹³³ VIANNA, Arthur. *As epidemias no Pará*. 2.ed. Belém: UFPA, 1975. p. 64.

¹³⁴ Para um debate mais aprofundado sobre o assunto ver: FERREIRA, Luiz Otávio. Uma interpretação higienista do Brasil Imperial. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. (Orgs). **Ciências, civilização e Império nos trópicos**. Rio de Janeiro: Access Editora, 2001.

movimento higienista em relação às noções de contágio e infecção. Assim, se dividiram entre contagionistas e anticontagionistas. Para os contagionistas, a doença poderia ser transmitida por meio do contato físico; já os anticontagionistas defendiam que a causa das doenças estava na criação de miasmas ou agentes morbíficos através do meio ambiente.

A epidemia de varíola desencadeada em 1878 teria feito suas últimas vítimas em 1885 e, até março de 1887, não constavam mortes por varíola nos obituários, segundo Vianna. Entretanto, no mesmo ano desencadearia uma outra epidemia de varíola que teve duração até 1890, mas essa circunstância já não estava relacionada aos migrantes cearenses, mas sim a um passageiro vindo do Sul, fato ao qual Vianna dedica apenas poucas linhas, de modo que não atribui um tom acusatório à essa corrente migratória vinda do Sul pela eclosão da varíola, da mesma forma que era comum a responsabilização aparecer vinculada aos cearenses. Porém, o autor apresenta dados sobre a mortalidade dessa epidemia, mostrando que foi muito mais intensa que a anterior, a qual foi atribuída à corrente migratória do Ceará. Os dados da tabela a seguir apresentam o índice de mortalidade por mês e ano da epidemia de 1887 a 1890.

Tabela 3 – Epidemia de varíola de 1887

Mês	Ano			
	1887	1888	1889	1890
Janeiro	0	17	51	0
Fevereiro	0	17	27	0
Março	1	41	22	0
Abril	0	36	5	1
Maiο	2	46	8	0
Junho	6	50	3	1
Julho	20	74	0	0
Agosto	10	55	1	0
Setembro	6	80	0	0
Outubro	4	113	0	0
Novembro	4	137	0	0
Dezembro	8	81	0	0
TOTAL	61	747	117	2
Total dos mortos	927			

Fonte: VIANNA, Arthur. Epidemias no Pará. 2. ed. Belém: UFPA, 1975, p. 63.

A análise dos dados sobre a mortalidade fornecidas pelo próprio autor permite identificar que a epidemia deflagrada em 1887, embora muito mais curta que a de 1878, que durou 7 anos, foi muito mais intensa quanto ao número de vítimas. Vianna aponta que essa epidemia estava relacionada com a chegada de um passageiro vindo do Sul, mas dedica apenas

tímidas linhas sobre essa relação. Após julho de 1890, não foi registrada mais nenhuma vítima da doença, fato que persistiu durante 5 anos, intervalo que não se via desde 1852, quando a população paraense ficou durante 14 anos livre da varíola, conforme Arthur Vianna relata. Mas em 1895, o mal voltaria a grassar e, novamente, por culpa da corrente migratória provinda do Ceará, a qual Vianna não deixa de mencionar: “Depois disto, ao fim do ano de 1895, começaram a refluir para a nossa capital, levas de emigrantes do Ceará e estados vizinhos; a princípio poucas, embora trouxessem consigo a varíola, não determinaram uma epidemia caracterizada”¹³⁵. A seguir, dados sobre a mortalidade da epidemia desencadeada em 1895:

Tabela 4 – Epidemia de varíola de 1895

Mês	Ano							
	1895	1896	1897	1898	1899	1900	1901	1902
Janeiro	0	0	1	1	1	21	22	1
Fevereiro	0	2	2	1	1	26	10	2
Março	0	13	1	0	2	47	10	0
Abril	0	4	3	1	1	28	10	0
Maio	0	0	2	0	2	14	13	0
Junho	0	0	4	0	24	14	20	0
Julho	0	0	17	0	14	2	12	0
Agosto	0	0	10	0	53	17	1	0
Setembro	0	3	4	0	47	22	3	0
Outubro	0	2	2	0	36	9	3	0
Novembro	1	2	2	0	33	5	1	0
Dezembro	0	3	2	0	31	31	1	0
TOTAL	1	29	50	3	245	246	106	3
Total dos mortos	683							

Fonte: VIANNA, Arthur. Epidemias no Pará. 2. ed. Belém: UFPA, 1975, p. 66.

O ano de 1899, como consta na tabela acima, apresenta uma elevada taxa de mortalidade se comparado aos outros anos em que persistiu a epidemia de varíola. Novamente, esse aumento vai ser relacionado à ideia da importação, pois, como afirma o autor “Em meados de 1899, recrudescer a imigração e a varíola acompanhou de perto nessa ascendência”¹³⁶. Entretanto, nessa epidemia que eclodiu em 1895, o autor já avalia as medidas emanadas pelo governo republicano para conter a propagação da doença como profícuas, mostrando sua simpatia pelo novo regime, afirmando que “Assim que a epidemia aumentou, viu-se o governo na necessidade

¹³⁵ VIANNA, Arthur. As epidemias no Pará. 2. ed. Belém: UFPA, 1975. p. 65.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 66.

de ordenar a construção de um hospital-barraca para os variolosos: tudo se fez com a urgência que o estado da cousa exigia”¹³⁷.

A partir de março de 1902 a varíola não fez mais vítimas, resultando num intervalo de pouco mais de 2 anos distante da moléstia. Entretanto, essa condição não durou por muito tempo, pois “O serviço marítimo, defeituoso e, como tal, improfícuo, abriu, como sempre, as portas da cidade ao mal, deixando a importação se operar mais uma vez, com os emigrantes rio-grandenses do Norte, acossados pela seca inclemente”. Dessa vez, a causa de um novo surto epidêmico de varíola na região não é mais atribuída aos cearenses, mas a um outro grupo também vitimado pela seca, situado no Rio Grande do Norte, estado que faz parte da região Nordeste do país, denominação que naquele contexto não existia, como analisou Durval Muniz, mas que aparentemente sofria preconceitos semelhantes aos dos cearenses. Ao fugirem da seca e buscarem melhorias em regiões vizinhas, acabaram, em alguns momentos, também sendo responsabilizados pela eclosão de doenças.

O ano de 1904 é marcado, novamente, pelo desencadeamento de uma nova epidemia de varíola na região. Dessa vez, o autor aponta que o estado, representado pela figura de Augusto Montenegro, político que encomendou a obra *Epidemias no Pará*, estava suficientemente aparelhado para encarar as consequências da enfermidade na região. Segundo Vianna: “Para a felicidade da população o governo dispunha de excelentes recursos e achava-se aparelhado, como nunca estivera anteriormente”¹³⁸. Entretanto, o autor defendia que, em muitos casos, a população era a principal aliada da epidemia quando não seguia os preceitos da higiene emanados pelo poder público.

Apesar dos elogios do autor aos esforços do poder público para conter a epidemia, a doença teria ceifado 229 vítimas somente no ano de 1904. Já em 1905, o autor aponta que a mortalidade estava decrescendo na região, falecendo 73 pessoas em janeiro; 22 em fevereiro; 15 em março; 3 em abril; 4 em maio e 1 em junho. O hospital também estava sem variolosos, quando “Aportou a Belém o vapor ‘Baturité’, vindo do Juruá, onde deixara mais de uma dezena de variolosos”¹³⁹.

É curioso como, na maioria das vezes, a intensificação da varíola na região amazônica é associada à população adventícia, aqueles que migravam para a região, principalmente aos cearenses, a quem dedicou grande esforço para defender tal associação, mas também associou a varíola na região aos rio-grandenses, a um vapor vindo do Juruá e tímidas linhas a um

¹³⁷ VIANNA, Arthur. *As epidemias no Pará*. 2.ed. Belém: UFPA, 1975. p. 67.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 68

¹³⁹ *Ibid.*, p. 70.

migrante vindo do Sul. A presença da varíola na região amazônica para Arthur Vianna apresenta-se sempre relacionada a uma causa exógena, como se a capital paraense fosse livre do mal, por ser uma região salubre, com um clima favorável, como defendiam os intelectuais que escreveram no álbum de 1900, dentre eles o próprio autor.

Tabela 5 – Epidemia de varíola de 1904

Mês	Ano	
	1904	1905
Janeiro	0	73
Fevereiro	0	22
Março	0	15
Abril	0	3
Maio	1	4
Junho	0	1
Julho	0	4
Agosto	0	3
Setembro	2	43
Outubro	20	79
Novembro	102	113
Dezembro	104	75
TOTAL	229	435
Total dos mortos	664	

Fonte: VIANNA, Arthur. Epidemias no Pará. 2. ed. Belém: UFPA, 1975, p. 72.

Nota-se que apesar dos esforços de Arthur Vianna em mostrar esse surto epidêmico de 1904 como mais ameno, muito em função de demonstrar a proficuidade do governo republicano na contenção da epidemia e nas medidas profiláticas adotadas, essa epidemia foi bem intensa e com uma elevada mortalidade se comparada às anteriores, que se estenderam a um período maior e tiveram uma taxa de mortalidade quase semelhante a essa, que teria durado apenas dois anos.

Assim, de 1850 a 1905, num período de 55 anos, Vianna analisa a intercorrência da varíola no Pará, a qual nesse contexto ele vai associar às correntes migratórias para a região, principalmente a proveniente do Ceará, associando esse migrante como flagelado, retirante que veio fugindo da seca em busca de trabalho, alimento e melhores condições de vida. Cabe ressaltar que, a partir de 1872, Vianna passa a culpabilizar as correntes migratórias vindas do Ceará pela eclosão de uma grande epidemia que vai ocorrer justamente nessa década, resultando na morte de aproximadamente 1.162 pessoas. Nesse período de 56 anos eclodiram, segundo o autor, sete epidemias de varíola, que resultaram em aproximadamente 5.299 vítimas.

Essa tendência percorreu os trabalhos posteriores que enfrentaram o tema. Todos os trabalhos que analisaram epidemias de varíola em Belém a partir da segunda metade do século XIX adotaram a linha de abordagem de Vianna, considerando a incidência da varíola até 1850 predominantemente através do tráfico negreiro e, a partir de 1850, principalmente por meio da migração nordestina. Entre os trabalhos produzidos sobre epidemias de varíola em Belém em fins do século XIX ao início do século XX, destaca-se os de Iraci Gallo Ritzmann, em seu estudo sobre epidemias de varíola e febre amarela em Belém das últimas décadas do século XIX. Ritzmann¹⁴⁰, em sua dissertação de mestrado, descreveu algumas práticas de homens e mulheres pobres de Belém desse período, dando voz a sujeitos até então silenciados pela própria historiografia.

A autora também apresenta o debate sobre as formas de contágio, pela varíola e pela febre amarela e, ainda, as medidas adotadas pelas autoridades públicas para se procurar manter a salubridade na cidade de Belém. Porém, se Ritzmann demonstra diversos aspectos da população de Belém no final do século XIX bem como o crescimento vertiginoso desta população apontando para as campanhas imigrantistas, procurando identificar os vários segmentos sociais envolvidos nas questões relativas à saúde e a higiene da cidade, ela não problematizou a questão da origem da doença e sua relação com a migração nordestina, deixando que o silêncio falasse a favor da concepção elaborada por Vianna.

Amaral¹⁴¹ analisa doenças e epidemias como a febre amarela, a varíola e a peste bubônica, que estavam no centro do debate das práticas médico-sanitárias em Belém, no início do século XX. Analisando artigos na imprensa; literatos; jornalistas; políticos; relatos médicos; mensagens de governo; relatórios; fotografias e charges, o autor mencionado procurou compreender os significados atribuídos pelos contemporâneos em relação às epidemias de varíola, tuberculose e febre amarela, por exemplo, por parte dos saberes médico-sanitários. Ainda que se reconheça a densidade do trabalho de Amaral, não encontramos no mesmo o debate acerca da relação entre a varíola e a migração cearense. As causas do aparecimento da doença também não são debatidas neste trabalho.

¹⁴⁰ RITZMANN, Iraci Gallo. **Belém: Cidade Miasmática**. 1997. 230 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

¹⁴¹ AMARAL, Alexandre de Souza. **Vamos à vacina? Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (1904-1911)**. 2006. 286 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4254>.

A dissertação de mestrado de Jairo Silva¹⁴² também fez incursões sobre epidemias de varíola em Belém. Silva buscou analisar como o crescimento da cidade de Belém, ao longo do século XIX, contribuiu para o agravamento de problemas de saúde pública, como o desencadeamento das frequentes epidemias de varíola na região, num contexto marcado por um projeto modernizador. O recorte temporal escolhido pelo historiador, entre 1884 a 1904, justifica-se pelo desencadeamento de três epidemias de varíola na região. Além disso, o autor buscou compreender as diferentes profilaxias adotadas em Belém para a cura da varíola no referido período, para também analisar as razões da intolerância popular; as profilaxias e práticas terapêuticas encaminhadas pelo poder público, principalmente a política de isolamento e a vacinação. Ao analisar as várias epidemias de varíola que acometeram a população de Belém entre 1884 e 1904, o historiador utilizou-se de muitas informações disponibilizadas por Vianna, mas também não problematizou a questão principal desta pesquisa, ou seja, a relação proposta por Vianna entre as epidemias de varíola em Belém e a migração nordestina para a região amazônica.

Magali Romero Sá¹⁴³, ao analisar a disseminação do que chamou de “peste branca” através dos navios negreiros na Amazônia colonial, buscou compreender as epidemias de varíola que assolaram a capital paraense nos séculos XVIII e XIX, com foco na análise dos primeiros esforços voltados para a imunização. A autora, portanto, em sua análise acabou vinculando o desencadeamento das epidemias de varíola inicialmente ao tráfico de escravos, seguindo a mesma tese defendida por Vianna, mas concluiu seu artigo afirmando que, a partir de 1850, com a abolição do tráfico negreiro e o desenvolvimento da economia da borracha na Amazônia, temos uma nova realidade em relação à varíola na região, pois, segundo a autora, estes dois processos “levaram a uma mudança no perfil de disseminação e contaminação da varíola”. A autora conclui que em fins de 1870 “um novo surto da “peste branca” chegou ao Pará, disseminado então por imigrantes nordestinos que migraram para a região em condições precaríssimas e em péssimo estado de saúde”, reproduzindo a tese defendida por Vianna. Sendo assim, compreendemos estar o caminho aberto para o debate e lançamo-nos nesse desafio de tentar entender a questão sob diferentes ângulos, com base em diferentes fontes.

¹⁴² SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. **Da Mereba Ayba à varíola: isolamento, vacina e intolerância popular em Belém do Pará, 1884-1904.** 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2009.

¹⁴³ SÁ, Magali Romero. A “peste branca” nos navios negreiros: epidemias de varíola na Amazônia colonial e os primeiros esforços de imunização. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, v. 11, n. 4, p. 818-826, 2008.

Consideramos, portanto, analisar como esses discursos também aparecem nas outras documentações, relatórios e periódicos, sabendo que Arthur Vianna possivelmente fez uso de boa parte dessa documentação, sendo um historiador comprometido com as fontes, para compreender como esse discurso pode ter se enraizado na sociedade local do período, quais fatores levaram a essa associação e, principalmente, qual o papel dos migrantes cearenses nessas epidemias de varíola que eclodiram na região.

Arthur Vianna estabelece essa associação entre varíola e migração cearense, mas na sua obra não detalha de maneira mais aprofundada sobre as vítimas dessas epidemias, trabalhando, em muitos casos, com dados genéricos, ao responder que no ano de 1904 morreram 229 pessoas, mas quem eram essas pessoas? Eram cearenses? paraenses? Onde moravam? a doença atingia mais homens ou mulheres? a investigação minuciosa sobre a varíola na região amazônica permitirá responder essas perguntas no desenvolvimento do trabalho.

É importante destacar que esses discursos contribuíram para o preconceito contra os cearenses, que em muitos momentos foram associados à mendicância; caridade; violência e, também, a doenças. Essa tendência, no entanto, não ficou restrita apenas à capital paraense, mas tal associação era comum em Manaus, cidade que também sofreu transformações em função da economia da borracha e atraiu inúmeros migrantes, dentre eles os cearenses, que da mesma forma foram responsabilizados pela eclosão de doenças na região, como analisou Edinea Mascarenhas¹⁴⁴.

A historiadora, ao analisar os impactos provocados pela economia da borracha e o processo de modernização da região, evidenciou de que forma o aumento populacional, fruto dessa transformação da cidade de Manaus, contou com uma onda migratória que ameaçava a nova ordem. Assim, tais problemas considerados ameaçadores da nova ordem, como as doenças, passam a ser explicados também pela presença dos imigrantes. A autora mostra como era comum, naquele contexto, atribuir aos cearenses a responsabilidade pela transmissão de doenças epidêmicas e outros males. A seguir, veremos como esses discursos percorreram as páginas dos jornais, relatórios sanitários e falas emanadas pelos governantes da época.

2.2 Migrantes cearenses e a varíola nas fontes institucionais

O ano em que inicia a grande seca no Ceará, 1877, é considerado pelo poder público do Pará como um período em que o estado sanitário da região se apresentava como “lisonjeiro”,

¹⁴⁴ DIAS, Edinéa Mascarenhas. **Manaus (1890-1910): a ilusão do Fausto**. Manaus: Valer, 1999.

destacando-se algumas moléstias consideradas comuns, como a febre amarela e as febres intermitentes no interior do Estado. Apesar do quadro sanitário ser considerado satisfatório do ponto de vista das autoridades governamentais, a preocupação com as epidemias era frequente, determinando sempre medidas profiláticas que conseguissem preparar a região para as enfermidades que pudessem se propagar de modo epidêmico.

Desse modo, as autoridades aparentavam estar sempre em alerta com a possibilidade de grassar alguma doença de caráter epidêmico na região que viesse a contrapor com a tão sonhada imagem que buscavam construir da capital paraense como uma cidade salubre. No ano de 1877, já circulavam nas falas emanadas por João Capistrano Bandeira de Mello Filho, presidente da província, discursos sobre as moléstias que acometiam as regiões vizinhas e as medidas que deveriam ser tomadas para evitar que essas doenças se proliferassem em Belém:

Sendo sabido em agosto do anno passado, que grassava no Maranhão e Ceará epidemicamente e com alguma intensidade a varíola, recommendei o emprego das necessarias providencias, em ordem a prevenir que se desenvolvesse a epidemia nesta Capital, devendo o Inspector da Saúde do Porto impedir, pelos meios ao seu alcance, que dos navios procedentes daquellas província desembarcassem variolosos para a cidade, em vez de seguirem para o Lazareto que seria estabelecido.¹⁴⁵

Era comum nos relatórios do período analisado o aparecimento de falas que destacavam o quadro de saúde das variadas capitais. Entretanto, tanto nos periódicos quanto nos relatórios emanados pelo poder público havia um destaque muito maior para o quadro sanitário do Ceará, além de uma preocupação muito grande com a chegada desses migrantes na região, em função do imaginário social que foi criado acerca do migrante cearense como aquele que trazia a doença, nesse caso específico, a varíola para a capital paraense. Assim, frequentemente constavam no tópico *Saúde do Porto* os vapores que chegavam do Ceará e a medida que deveria ser emanada pelo poder público para evitar que a doença, vinda junto com esses migrantes nas embarcações, alterasse o clima salubre que a capital pretendia mostrar nesse contexto.

Ao mesmo tempo em que havia uma preocupação com as moléstias que podiam ser “importadas” a partir da chegada desse migrante na capital paraense, existia também o incentivo à presença destes na região, para servir principalmente de força de trabalho nos núcleos coloniais. O governo afirmava que o cearense migrava para a região em busca de trabalho e o Pará precisava de braços “que lhe fecundem as terras”. O ano de 1878, ainda marcado por

¹⁴⁵ PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador João Capistrano Bandeira de Mello Filho ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1877, Disponível em <http://ddsnxt.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 28 jul. 2023. p. 75.

período de estiagem no Ceará, é apresentado nos relatórios do poder público paraense como “lisonjeiro” no que se refere à saúde da capital, embora seja o ano que, segundo Arthur Vianna, tenha sido desencadeada uma epidemia de varíola na região, a qual ele irá atribuir como fruto da corrente migratória cearense. No entanto, nas falas expedidas pelo governo não há maior destaque sobre tal epidemia.

Entretanto, embora o relatório não destaque nenhuma informação referente à presença da varíola na região, afirma que haviam apenas alguns casos de febre amarela, mas que não desenvolveram de forma epidêmica, assim como as febres intermitentes, que eram consideradas endêmicas na região. De todo modo, um dado nos chama atenção, pois dos 6 ou 7 casos de febre amarela no Hospital da Santa Casa, 3 ou 4 eram cearenses, mais da metade dos acometidos pela enfermidade que se encontravam em tratamento no hospital, sendo o restante 2 portugueses e 1 italiano.

Os dados do relatório da Santa Casa do referido ano (1878), entretanto, são alarmantes em relação à saúde dos migrantes cearenses que residiam na região. Segundo o provedor da Santa Casa, as despesas com o custeio do Hospital da Caridade haviam aumentado, espaço onde estavam sendo tratadas não só as enfermidades dos migrantes, como também eram socorridos com alimentação os membros das famílias dos doentes.

Segundo os dados do relatório do provedor do hospital, no ano de 1878 constavam 42 retirantes cearenses nas enfermarias a cargo da Santa Casa. As principais doenças que acometiam esses migrantes eram as febres; disenterias; gastro-hepatites; febres intermitentes; febre amarela; beribéri e reumatismo. De acordo com os dados apresentados, tinham sido recolhidos 214 cearenses desde o ano passado, sendo o termo médio mensal de 30, a contar de setembro a 31 de março. Os dados apresentados pelo provedor como o quantitativo de migrantes cearenses internados na Santa Casa bem como as despesas consequentes da presença desses migrantes no hospital almejavam a ampliação do edifício do hospital ao adquirir o prédio vizinho, que seria para atender exclusivamente os retirantes enfermos.

Os dados apresentados chamam atenção para a quantidade de migrantes cearenses presentes no Hospital de Caridade acometidos por alguma enfermidade, ainda que não mostre quantos enfermos de outra naturalidade ou nacionalidade também estavam tratando alguma doença para que fosse possível fazer o comparativo e ter uma dimensão sobre quem eram as maiores vítimas das doenças que atingiam a população, seja adventícia ou natural de Belém na região. Outro ponto que merece destaque é que das principais doenças mencionadas pelo provedor que acometiam os migrantes, nenhuma das citadas é a varíola, à qual eles passaram a ser associados na capital paraense. Além disso, as doenças citadas listadas estão relacionadas

principalmente às condições de vida, o que permite pensar como as enfermidades que vitimavam os cearenses estavam associadas ao seu cotidiano de luta por sobrevivência.

Araújo¹⁴⁶, ao analisar as doenças carenciais, que são enfermidades relacionadas à carência ou consumo irregular de alimentos, que afetavam a população sertaneja do Rio Grande do Norte durante o período de 1877 a 1935, buscou evidenciar que essas doenças não assolavam a população apenas em contextos em que o fenômeno da seca se fazia presente, mas também em épocas de fartura da produção agrícola, enfatizando, assim, que o problema da fome não era restrito apenas às secas, mas à própria estrutura social em que vivia a população sertaneja.

A historiadora vai analisar em sua tese como o contexto da seca de 1877 é elevado a “problema nacional” pelas elites locais das províncias do Norte ao trazer consigo questões como a fome, epidemias, dentre outras mazelas. Assim, ao se deparar com a documentação, observa a grande incidência de doenças como beribéri e escorbuto como causas mortis da população sertaneja. Entretanto, tais enfermidades acabam sendo negligenciadas pelas autoridades médicas e políticas em função da varíola, que grassava epidemicamente. Porém, tais doenças tornam-se o fio condutor que permite à historiadora analisar aspectos das condições de vida, saúde e alimentação da população sertaneja.

O serviço de verificação de óbitos realizado por Américo Campos em 1900 apresentava dados alarmantes sobre o índice de mortalidade no referido ano. O médico e funcionário público alegava que a presença da população adventícia na região teria contribuído consideravelmente para o aumento expressivo da mortalidade. Sobretudo considerava esse aumento populacional proveniente das correntes migratórias oriundas do Ceará, afirmando que: “O infortúnio que peza atrozmente sobre os nossos irmãos do Estado do Ceará, obriga milhares de pessoas carentes de pão, e a grande maioria mais necessitada ainda de saúde e forças – reduzidas a lastimável estado de miséria orgânica – a emigração”.¹⁴⁷

Américo Campos dedica algumas páginas do seu relatório para destacar que o aumento da mortalidade na região estaria relacionado à presença da população externa ao Estado, vinda das mais variadas regiões, mas destaca principalmente o quantitativo de migrantes que vinham do Ceará, fugidos das consequências da seca e em busca de trabalho nos seringais, contribuindo, assim, para o insatisfatório quadro sanitário que viria apresentar a cidade naquele ano, pois:

¹⁴⁶ ARAÚJO, Avohanne Isabelle Costa de. **Alimentação, saúde e doenças carenciais em períodos de seca nos sertões do Rio Grande do Norte (1877-1915)**. 2022. 309 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/53541>.

¹⁴⁷ RELATÓRIO. **Relatório apresentado pelo Dr. Américo Campos a inspeção geral do serviço sanitário do Estado do Pará**. Serviço de verificação de óbitos. Belém: Arquivo Público do Estado do Pará, 1900.

Esses imigrantes ou se amontoam nas infectas hospedarias por nós vigiadas cautelosamente e que tantos trabalhos nos acarretam para conseguirmos, quanto possível, atenuar-lhes a ação maléfica: ou procuram cortiços, ou abrigam-se, numerosos, n'esses buracinhos escuros, pardieiros acanhados, formando, em dezenas e vezes centenas, as taes villas, das quaes se vae Belem enchendo e cuja proliferação não convem deixar livre, que isto sera em detrimento de boa hygiene; sobre as taes villas de barraca, preferíveis em todo o cazo aos viveiros de microbios, de males portanto, chamados cortiços, pretendo falar-vos em conselho brevemente¹⁴⁸.

Nota-se que o médico chama atenção para as condições em que viviam os migrantes na capital paraense, amontoados em hospedarias ou cortiços, locais em que o poder público considerava como foco proliferador de moléstias, que necessitavam ser combatidas em nome da boa hygiene. É preciso ter em vista que ainda nesse período os médicos estavam bem mais inclinados a acreditar na teoria miasmática, a qual pensava a propagação das doenças a partir do ambiente, necessitando, assim, combater os espaços considerados insalubres, que geralmente eram moradias das classes mais pobres, consideradas também como classes perigosas.¹⁴⁹

As condições de moradia e alimentação dos cearenses apresentadas por Américo Campos em seu relatório não eram das mais satisfatórias. Na verdade, a situação em que viviam pareciam indignas. Os cearenses que saíram da sua terra natal fugindo das péssimas condições oriundas da seca se depararam, muitas vezes, com realidades nada animadoras no Estado do Pará, como exemplificou Américo Campos:

Eu vi, n'um hotel de ultima ordem, na rua da Industria, uma família immigrante de 8 ou 9 pessoas, almoçando no quarto onde dormiam misturadamente e no chão, um caldo preto, onde nadavam duras e quasi cruas, algumas vagens de feijão graúdo e bolotas de farinha branca, azeda e mofenta, com alguns pedaços coriáceos de carne seca, semelhantes a lascas de acapu; dessa pseudo nutrição participava uma creaturinha pouco maior d' um anno, com a sua carinha magra, chupada e seus grandes olhos enquadados num círculo escuro; misero entesinho que siamesco parecia com seu ventre tympanico e muito desentendido, com seus braços e perninhas finas, braços e perninhas já sem musculo, - só ossinhos e pelle amorenada pela fome. No mesmo quarto, bem perto dos animais que comiam, jazia morta, embrulhada em trapos, uma pequenina – ceifada pela athrepsia, isto é, como bem sabeis, ferida, consumida aos poucos, lentamente, de dia em dia, em cada hora, a todos os minutos, pela inanição, por essa fome que só de leite puro precisa para saciar-se e assim nutrir, fazer crescer, dando sangue, força, vida sã finalmente.¹⁵⁰

A fonte citada acima apresenta quase que uma justificativa para compreender as principais doenças que acometiam os migrantes cearenses que aqui chegavam. Os dados

¹⁴⁸ RELATÓRIO. **Relatório apresentado pelo Dr. Américo Campos a inspeccoria geral do serviço sanitário do Estado do Pará.** Serviço de verificação de óbitos. Belém: Arquivo Público do Estado do Pará, 1900.

¹⁴⁹ Em “Cidade febril: Cortiços e epidemias na corte imperial”, Sidney Chalhoub busca demonstrar de que forma as classes pobres passaram a ser compreendidas também como classes perigosas pelas autoridades.

¹⁵⁰ RELATÓRIO, *op. cit.*

apresentados anteriormente sobre as internações dos retirantes na Santa Casa apresentam doenças que estão justamente atreladas às condições de vida e alimentação e o relatório apresentado por Américo Campos traz um panorama de como era a alimentação escassa de nutrientes que fazia parte do cotidiano desse grupo social.

Vieira Júnior¹⁵¹, no livro *Entre paredes e bacamartes*, também analisou o cotidiano de misérias intensificado pelo período de seca, o dia a dia marcado pela fome e, conseqüentemente, inúmeras doenças. A carência de alimentos fazia com que tudo fosse “alimento”. Não era raro o envenenamento provocado pela ingestão de plantas tóxicas e aparição de algumas doenças em decorrência da escassa alimentação. Todavia, também chama atenção no relato de Américo Campos a representação que é feita de uma criança de um ano de idade com um diagnóstico de desnutrição e outra que é dada como morta em decorrência da fome. Araújo, ao analisar quais as principais doenças que atingiam a população sertaneja entre 1877 a 1935, utilizou-se dos registros de óbitos para entender as *causas mortis*, faixa etária e principais doenças que atingiam essa população. Assim, constatou um elevado índice mortalidade infantil nos obituários atrelados às condições de vida e carestia alimentar.

O relatório apresentado por Américo Campos em 1900 chama atenção para a elevada mortalidade em Belém no referido ano, mas também aponta dados da mortalidade dos anos que precedem 1900. Para o servidor, o número expressivo de óbitos estaria relacionado também à carência de assistência médica encontrada pelos enfermos. Além disso, chama atenção para a contribuição do aumento populacional oriundo das correntes migratórias para a região, incluindo a cearense. Esta última teria encontrado condições nada favoráveis de sobrevivência no Estado, mas o médico também defendia que as doenças eram importadas para a região ao afirmar que “Ficou claro, pois, não ser pequeno o número dos que morrem n’esta capital, sem aqui terem adquirido o germem do mal”.¹⁵²

Um fato bastante controverso era que apesar de defender que as doenças não eram exclusivas da região, e sim migravam com a população vinda de outras localidades, Américo Campos era um grande adepto da teoria dos miasmas e dizia que “Como sabeis o sólo é um grande viveiro de microbios. Cumpre, pois, clamarmos pelo uzo constante de precauções serias, pelo aproveitamento dos recursos, oferecidos pela sciencia, para evitar o perigo já que o trabalho nas ruas s’ impõe”.¹⁵³

¹⁵¹ Para um debate mais aprofundado consultar: VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão (1780-1850)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha: Hucitec, 2004.

¹⁵² RELATÓRIO. **Relatório apresentado pelo Dr. Américo Campos a inspeccoria geral do serviço sanitário do Estado do Pará**. Serviço de verificação de óbitos. Belém: Arquivo Público do Estado do Pará, 1900.

¹⁵³ *Ibid.*

O servidor público também aponta em seu relatório as dificuldades encontradas em diagnosticar a causa da morte, visto que não havia em Belém, até o início do século XX, um serviço de verificação de óbitos, conforme dados do relatório apresentado à Inspeção Geral do Serviço sanitário do Estado do Pará, em 1900. Cabe ressaltar ainda que no contexto em que perpassa essa pesquisa, não havia efetivamente uma política de saúde pública; o que havia eram apenas ações emergenciais emanadas pelo poder público em épocas críticas, como nas epidemias. Essas ações eram sustentadas por uma pequena verba chamada “socorros públicos”. Assim, as poucas instituições públicas de saúde existentes à época se apresentavam bastante improfícuas, como, por exemplo, a Junta de Higiene, que mesmo depois de reestruturada, em 1891, contava com apenas um inspetor, um ajudante, dois médicos vacinadores, um médico demografista e diretor do laboratório de análises, um químico, um secretário, um amanuense, um desinfetador, um porteiro e dois serventes.¹⁵⁴

A ausência de um serviço de verificação de óbitos que pudesse confirmar a causa da mortalidade até o início do século XX em Belém chama atenção para o fato de que se não era possível afirmar do que morriam, como as autoridades governamentais poderiam ter tanta certeza acerca da origem da varíola, que era atribuída aos migrantes cearenses? O relatório apresentado pelo governador José Coelho da Gama Abreu em 16 de junho de 1879 apresenta que o estado de saúde do estado, tanto na capital, quanto no interior, não era satisfatório. O sarampo grassava com a intensidade e a “A varíola, que até fim de dezembro se manifestou entre os emigrantes cearenses, tem n’estes ultimos tempos se desenvolvido na população, especialmente não vacinados”¹⁵⁵.

O Relatório não apenas retratava os migrantes cearenses como os maiores atingidos, aqueles a quem a doença teria uma “preferência” em fazer suas vítimas, mas também defendia a ideia de que a enfermidade teria chegado aqui e não era comum à região, pois “Com a invazão da varíola, por maiores que fossem os esforços do commissario vaccinador, foram julgados insuficientes para conjurar tamanho mal”.¹⁵⁶

A ideia de defender a “importação” ou “invasão” da varíola por parte das autoridades governamentais da época parece dialogar bastante com o projeto modernizador que se defendia

¹⁵⁴ RELATÓRIO. **Relatório apresentado ao Governador do Estado Dr. Lauro Sodré em 30 de junho de 1892 pelo Dr. Cypriano Santos**. Belém: Biblioteca Orlando Bitar, conselho estadual de cultura, 1892.

¹⁵⁵ *Ibid.*

¹⁵⁶ PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador José da Gama e Abreu ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1879. Disponível em <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 01 ago. 2023. p. 4.

naquele contexto. O trabalho de Sarges¹⁵⁷ buscou desvendar o projeto de modernização da Amazônia a partir da ótica das elites, com seu caráter excludente em relação às camadas populares. Esse projeto, que deu origem à construção de grandes obras de embelezamentos da cidade, com a abertura de ruas largas; construções de ferro; os teatros; usinas de incineração de lixo; palacetes; etc., não combinava com uma cidade insalubre, viveiro de micróbios e com um clima propício para a manifestação de doenças epidêmicas. Assim, talvez fosse mais interessante defender que a varíola teria invadido a região a partir da entrada de vapores que carregavam inúmeros retirantes cearenses.

Ainda sobre o quadro de saúde do Estado do Pará, apresentado pelo então governador no ano de 1879, os dados de sepultamento do Cemitério de Santa Izabel apresentados nesse ano nos chama atenção, pois “N’este cemiterio foram sepultados no anno proximo passado 1.065 cadaveres. A mortalidade geral da capital foi de 2.458 pessoas, sepultadas nos diversos cemiterios, das quaes 1.013 eram retirantes cearenses”¹⁵⁸. Mas esses dados não revelam qual teria sido a causa da mortalidade. Neste mesmo ano, o estado financeiro da Santa Casa alegava um aumento de despesas, explicando que a razão para o aumento das despesas do hospital estaria relacionado também ao acréscimo populacional em consequência da migração cearense, o que contribuiria para o aumento de enfermos necessitados.

O período referente ao governo de Augusto Montenegro (1901-1907) é marcado pelo recrudescimento da varíola, especialmente no ano de 1905, em que há um aumento considerável. A piora do quadro sanitário da cidade também significa o aumento dos discursos que atribuem esse acontecimento à teoria de que as doenças estavam sendo importadas para a região em decorrência das levadas de migrantes que chegavam com frequência na capital. O governador aponta em seu relatório que os anos de 1903 e 1904 teriam sido satisfatórios em relação à questão sanitária, pois os esforços enviados pelo poder público para conter a varíola foram eficientes. Os dados informados por Augusto Montenegro apontam que de julho de 1903 a junho de 1904 foram tratados apenas 23 variolosos no Hospital São Sebastião, de onde quase todos saíram curados.

Fato que chama atenção no relatório apresentado pelo governador é que dos 23 doentes, 20 eram do Rio Grande do Norte e 2 eram estrangeiros, dados que levam o governante a afirmar que se tratava de casos importados. No ano de 1905, porém, a saúde pública já não consta como

¹⁵⁷ SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2000.

¹⁵⁸ PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador José da Gama e Abreu ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1879. Disponível em <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 01 ago. 2023. p. 27.

satisfatória, sendo o mês de julho marcado por 4 casos; agosto, 5; setembro, 11 e em outubro houve um aumento para 66 casos. O aumento de casos de varíola no estado em 1905 é atribuído à corrente migratória novamente, mas dessa vez proveniente do Rio Grande do Norte, pois “A grande estrada de rio-grandenses do Norte trazidos ao Pará pela secca já podia ser um excelente veículo para a varíola e mais tarde um magnífico campo para sua acção devastadora. Devemos, porém, a intromissão do repugnante mal à deficientíssima defeza sanitaria marítima com que nos dotou o governo federal”.¹⁵⁹

Nota-se que apesar de responsabilizarem o serviço do porto por permitir a disseminação da varíola na região, não deixam também de culpabilizar as correntes migratórias pela entrada da doença na capital paraense que, segundo o discurso, teria contribuído expressivamente para o aumento de variolosos na cidade, pois o que alega-se é que o Rio Grande do Norte teria “fornecido” um terço dos atacados para as estáticas, sendo esse “o tributo que os depauperados pela miséria e pela fome pagavam à terrível moléstia”.¹⁶⁰

Embora os discursos sejam, em sua grande maioria, voltados à responsabilização dos cearenses pelas epidemias de varíola na capital paraense, não raro constar na documentação também a associação com correntes migratórias oriundas de outros estados, que em sua maioria também fazem parte do que hoje corresponde à região Nordeste, mas que naquele contexto era entendido como Norte.

Assim, por estarem situados na mesma região, por enfrentarem problemas semelhantes como a seca, que ocasionou a migração desses grupos para outras localidades, apresentavam experiências muitas vezes semelhantes, sendo também identificados como miseráveis, doentes, famintos e pedintes. Por essa identificação, também foram atribuídos às doenças, sobretudo a varíola, assim como os cearenses. É importante ressaltar também que Arthur Vianna, em *Epidemias no Pará*, também atribuiu o reaparecimento da varíola à presença dos migrantes vindos do Rio Grande do Norte no ano de 1902, também governo de Augusto Montenegro, demonstrando que essa não é a primeira associação e que o autor estava quase sempre afinado com os discursos dos governantes da época.

Essa defesa de importação das doenças epidêmicas aparece muito mais expressiva no período republicano, embora fosse frequente também nos anos anteriores, sobretudo nos discursos de Arthur Vianna. No entanto, durante os governos republicanos ganha um destaque

¹⁵⁹ PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Augusto Montenegro ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1905. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 30 jul. 2023. p. 37.

¹⁶⁰ *Ibid.*

muito maior, inclusive no contexto marcado pelo mandato de Augusto Montenegro, personalidade responsável por encomendar a obra *Epidemias no Pará*, de Arthur Vianna.

A necessidade de apresentar a cidade como salubre e civilizada, que não fosse um terreno fértil para doenças, parecia aparelhada com os discursos que buscavam retratar sempre esse migrante vindo do Ceará, Rio Grande do Norte ou outras províncias como miserável, faminto, doente, mal vestido, numa aparente tentativa de convencer que essa situação em que se encontravam era fator primordial para defender que junto de todos esses péssimos atributos que possuíam eles também carregavam consigo moléstias contagiosas que contaminariam o ar puro e salubre da capital paraense. Porém, essas afirmações ignoravam que as condições em que esse grupo social vivia no estado não era das mais animadoras, inclusive possivelmente contribuía para o quadro de saúde que apresentavam.

O relatório de 1904 apresenta as condições em que estavam alojados alguns vitimados da seca que chegaram até Bragança, num barracão situado na praça Floriano Peixoto. A chegada desses imigrantes, flagelados pela seca, também é apresentada como a chegada de seres miseráveis, seminus, que dependiam dos socorros emanados pelo governo. Para essa leva de migrantes, foi construído o barracão na praça Floriano Peixoto, mas o poder público não deixava de revelar sua preocupação em relação ao alojamento, às condições de higiene e à presença desses indivíduos, pois “A presença de alguns anos levava a recear o desenvolvimento de qualquer epidemia, como a varíola, frequente nas zonas donde provinha o êxodo de famintos, e ali nos seria mais fácil domina-la”.¹⁶¹

Os anos seguintes apresentam, segundo os relatórios, certa estabilidade em relação à epidemia de varíola na região. Os anos de 1904 e 1905 foram marcados pela intensificação da moléstia, que foi relacionada às ondas migratórias, já que o ano de 1903 não teria registrado nenhum óbito da doença. Assim dizia o governador que “Não fosse uma epidemia de varíola importada em 1904 (em 1903 nenhum óbito houve dessa moléstia), e por certo a mortalidade de nossa cidade seria francamente indicativa de seu muito regular estado sanitário”.¹⁶²

Ainda que o quadro sanitário constasse como mais “lisonjeiro” que os anos anteriores, a preocupação com a salubridade e com a ameaça de novos surtos epidêmicos continuava a ser uma constante nas falas emanadas pelo poder público, como é o caso do ano de 1911, em que

¹⁶¹ PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Augusto Montenegro ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1904. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 29 jul. 2023. p. 95.

¹⁶² PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Augusto Montenegro ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1906. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 30 jul. 2023. Acesso em 30 jul. 2023. p. 22.

após grande campanha sanitária, a epidemia de febre amarela teria dado uma trégua. Assim, de junho de 1910 a junho de 1911, o quadro de saúde pública era bastante satisfatório, ainda que a presença do paludismo, tuberculose e varíola fosse motivo de certa preocupação. Mesmo que a situação de saúde pública fosse favorável, havia motivos para que ficassem em alerta, pois

A varíola só nos livraremos della, completamente, quando conseguirmos impedir a sua importação. Isso, porém, é que será difícil, se não houver uma acção prophylatica enérgica da parte dos Estados que nos exportam a peste vermelha. Entre nós, os casos patentes são imediatamente isolados, mas o que vêm incubados escapam á vigilância no porto, mui naturalmente. Assim, não tem sido possível evitar, tantos e tão repetidos são os casos importados, que, de vez em vez, appareçam variolosos, sobretudo nos 1 e 6 distritos da capital.¹⁶³

É certo que essa preocupação com a chegada dos migrantes era uma constante nas falas desses governantes, sobretudo os que migravam fugidos da seca, estereotipados como aqueles que vinham trazer doenças, embora também esperados como aqueles que serviriam de mão de obra nas terras paraenses. A imagem e a expectativa que se tinha sobre esse migrante parecia ser ambígua e quase sempre controversa. Não raro apareciam discursos nos relatórios que denunciavam a chegada dos retirantes cearenses da seguinte forma:

O estado lamentável em que aqui chegavam em todos os vapores procedentes dos portos do Sul, quer nacionaes quer estrangeiros, os retirantes cearenses famintos, doentes, esfarrapados, e quasi nús, esmolando a caridade publica, levou-me a solicitar com instancia do governo imperial a necessaria autorização para abertura de créditos que as habilitassem a proporcionar a esses immigrants os socorros e agasalhos de que tanto careciam, e prestar aos que se achavam enfermos o indispensável tratamento.¹⁶⁴

É importante destacar como esse preconceito contra o nordestino, notadamente o cearense, é reforçado pelo poder público, que parecia precisar de um culpado para as mazelas que atingiam a cidade na esfera da saúde pública e encontraram na figura desse migrante um forte potencial pelo seu estereótipo de flagelado da seca. Essa visão começava a ganhar espaço nos discursos nacionais, mas é possível que tenha sido mais expressiva na região amazônica, haja vista ter sido um dos destinos mais procurados por esse grupo pela possibilidade de enriquecimento no trabalho nos seringais.

¹⁶³ PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador João Antonio Luiz de Coelho ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1911. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 01 ago. 2023. p. 49.

¹⁶⁴ PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Miguel José d'almeida Pernambuco ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1889. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 01 ago. 2023. p. 53.

Similar processo de culpabilização aconteceu na cidade de Manaus, destino também de muitos migrantes cearenses, que contribuíram consideravelmente para o aumento populacional da cidade. De todo modo, esse migrante que servia de força de trabalho também não era tão bem quisto pelas autoridades, que estigmatizavam esse grupo por notadamente demonstrarem uma preferência bem maior ao migrante estrangeiro, aquele que certamente, na concepção das autoridades governamentais e sob a ótica das elites, colaboraria muito mais com o projeto modernizador em curso. Assim, o aparecimento de doenças na região também passa a ser associado à chegada dos migrantes.¹⁶⁵

Em Belém, a propaganda para atrair imigrantes foi marcada pela organização de álbuns com descrições da cidade que foram enviados para a Europa, sendo relevante destacar os que foram organizados nos governos de Paes de Carvalho (1900) e Augusto Montenegro (1902). É certo afirmar que havia sim interesse dos sucessivos governos locais em atrair pessoas de outras regiões do Brasil e da Europa para a Amazônia, principalmente com o desenvolvimento da economia da borracha. Essa iniciativa foi intensificada na segunda metade do século XIX, especialmente após a proclamação da República. Houve um investimento considerável na imigração por parte dos governos republicanos, porém, esta política de imigração não foi tratada da mesma forma nesses governos.

Durante o governo Lauro Sodré, a imigração foi regulamentada pela Lei n. 223, de 30 de junho de 1894, que discriminava os imigrantes nacionais, pois assegurava aos estrangeiros que pretendessem estabelecer-se no estado como agricultores ou industriais favores diversos, bem superiores aos que eram praticados em outros estados. Ainda assim, nessa administração a quantidade de imigrantes estrangeiros registrada é bem inferior à do governo seguinte. Entre 1895 e 1897, registrou-se a entrada de 2906 imigrantes estrangeiros, sendo que foram localizados em colônias 1664 e tiveram outro destino 1242. No governo Paes de Carvalho, entre 1897 e 1901, registraram-se 27652 imigrantes estrangeiros. Os localizados em colônias foram 18406 e os que tiveram outros destinos, 9246.¹⁶⁶

O ano de 1912 é apresentado como o mais satisfatório possível em relação à saúde pública: “chega a ser excepcional a nossa situação sanitária”¹⁶⁷. Os fatores que teriam contribuído para esse quadro estariam relacionados ao trabalho desempenhado pelo serviço

¹⁶⁵ DIAS, Edinéa Mascarenhas. **Manaus (1890- 1910):** a ilusão do Fausto. Manaus: Valer, 1999.

¹⁶⁶ BORGES, Ricardo. **O Pará Republicano 1824-1929:** ensaio histórico. Belém: Conselho Estadual de cultura, 1983

¹⁶⁷ PARÁ, 1912. Mensagem dirigida pelo governador João Antônio Luiz Coelho ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará,** 1912. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 02 ago. 2023. p. 41.

sanitário do Estado. O impaludismo, que atormentava os subúrbios, também tinha sido combatido, considerando-se, inclusive, extinta a epidemia. Se em 1911 havia uma certa preocupação com a varíola, chama atenção para o discurso sobre a moléstia em 1912, quando afirmou-se que não havia casos da doença naquele momento.

Ao afirmar que a varíola não irrompera epidemicamente naquele ano, reafirmou-se também no referido relatório que a doença não era natural da nossa região, manifestando-se aqui apenas quando era importada de outras regiões, assim

A varíola, não a temos presentemente. Continuo a assegurar-vos quanto vos hei dito nas mensagens anteriores: essa doença não existe endemicamente no Estado, e os casos de óbito, que temos tido, ou são de indivíduos aqui chegados já doentes, ou devidos a contágio determinado por variolosos que trouxeram o mal incubado, escapando à vigilância do porto.¹⁶⁸

Ainda que as epidemias de varíola grassassem com certa frequência em Belém, segundo dados apresentados por Arthur Vianna, o autor mostra que no governo do primeiro bispo do Pará, D. Frei Bartholomeu do Pilar, no período de 1721 a 1733, teria eclodido uma forte epidemia de varíola na região. Entretanto, discursos como esse, proferido no relatório de 1912, tentam desviar dessa teoria de que a varíola era uma “velha conhecida” dos paraenses, que não era característica de nossa região, mas sim, existia uma causa exógena para ela: essa causa estaria vinculada àqueles que migravam para o estado, que ou já estavam doentes ou teriam trazido o mal incubado.

Frequentemente apareciam nesses relatórios a preocupação com a chegada dos vapores, que também eram acusados de ameaçar a salubridade pública da cidade. Assim aconteceu em 1913, em que mais uma vez a epidemia de varíola foi atribuída à população externa, nesse caso daqueles que embarcaram a bordo do vapor Sergipe. Não foi dito no relatório a origem do vapor, mas atribui-se a ele a importação de mais uma epidemia de varíola que se propagou na região. Assim, afirmou-se “Reconhecida essa origem foi necessário, já fora de tempo andar à procura dos passageiros aqui desembarcados que espalhariam entre nós o contágio. A propagação do mal era inevitável, sem culpa dos nossos serviços, e deu-se rápida e com as formas mais violentas”¹⁶⁹.

¹⁶⁸ PARÁ, 1912. Mensagem dirigida pelo governador João Antônio Luiz Coelho ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1912. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 02 ago. 2023. p. 41.

¹⁶⁹ PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Éneas Martins ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1913. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 02 ago. 2023. p. 19.

Ainda nesse ano, o Hospital São Sebastião recebia alguns enfermos acometidos de varíola, sendo 22 variolosos em junho; 19 em julho e, em agosto, 4, sendo o último a entrar no hospital em função da moléstia em 13 de agosto. Depois não houve mais notificações. De todo modo, esses dados não permitem identificar o perfil das vítimas, qual sua naturalidade, gênero, raça, se faziam parte da população advéncia ou eram paraenses, já que se afirmou que essa epidemia teria sido ocasionada pela chegada de um vapor oriundo de outra região, que teria contribuído para a propagação da doença na cidade. Ainda com esses casos de varíola, o estado sanitário da capital nesse ano foi considerado como bom pelo poder público, sendo apenas os casos de importação das doenças que ameaçariam nosso estado sanitário.

Em 1915, outra grande seca eclode no Ceará. Sabendo-se que uma das consequências dos períodos de estiagem era o deslocamento para outras regiões, essa preocupação com a chegada de novos migrantes para a o Estado do Pará começou a se intensificar nos relatórios novamente, pois a chegada desse grupo social significava para o poder público também a propagação de doenças, especificamente a varíola, considerada como um mal que não era endêmico da nossa região.

O relatório apresentado por Enéas Martins, em 1915, faz menção a uma epidemia de varíola que teria sido implantada no estado, mas extinta em abril do ano anterior. Novamente a origem das epidemias é relacionada à uma população externa. Nesse caso, a doença teria sido importada do sul da República. Apesar disso “nada de anormal perturbava a marcha regular de nosso estado sanitário até dezembro do anno referido”, quando casos de impaludismo se manifestaram.

Ainda nesse mesmo ano, 3 casos de varioloides foram internados no Hospital São Sebastião, segundo dados do relatório, importados a bordo dos vapores Pará e Guanabara, procedentes do Sul da República e do Amazonas. Embora a saúde pública do estado fosse considerada satisfatória, a preocupação ainda se manifestava, tendo em vista que acreditavam que as doenças se proliferavam na cidade via importação de outros estados contaminados pelas moléstias. Sendo assim, sabendo que os compatriotas do Ceará estavam sofrendo com uma nova seca, retornou-se à preocupação com a chegada desses sujeitos, pois

A seca que devasta os sertões cearenses determinou a imigração de grande número de compatriotas nossos para o Estado. Afim de evitar a possível importação da varíola 85acinaç Estado e sua disseminação entre nós, instituiu-se o serviço de 85 vacinação

e revacinação a bordo dos vapores procedentes do Sul, de todos os imigrantes destinados ao Estado, serviço já em sua execução.¹⁷⁰

A deflagração da seca trazia o medo da chegada dos migrantes cearenses e, junto deles, a varíola também. Sendo a seca um fenômeno que desestrutura a vida daqueles afetados por ela, era também traduzida como fome, miséria e migrações, um acontecimento capaz de desregular toda a ordem e provocar, inclusive, perdas de referências. Segundo Frederico Neves¹⁷¹, a origem desse ponto de vista estava relacionada à grande seca vivenciada em 1877, quando a cidade de Fortaleza é invadida por inúmeros sertanejos. Mistura-se a isso epidemias, crimes, desacatos, dentre outros. Assim, se nos anos anteriores os relatórios haviam diminuído a frequência com que buscavam responsabilizar os migrantes cearenses pela presença da varíola na capital paraense, parece que com a seca de 1915 essa responsabilização volta a se intensificar.

Cabe destacar como essa ideia que vincula o sertanejo cearense ao retirante, flagelado, que já era comum desde a grande seca de 1877, fica ainda mais expressiva a partir da seca de 1915. É nesse contexto, principalmente, que intensificam as imagens e textos que circulavam em boa parte da imprensa do país associando o cearense à miséria e a fome. Tal associação tem uma grande contribuição para a formação do que veio a se regionalizar, nas primeiras décadas do século XX, como “Nordeste”.¹⁷²

Segundo Neves, nesse contexto veiculavam pela imprensa brasileira diversas imagens e textos sobre os chamados retirantes da seca, associando esse grupo à miséria, fome e doenças, ou seja, tudo aquilo que se contrapunha à imagem civilizada que o período republicano queria demonstrar, opondo-se ao atraso do período imperial. Portanto, esse retirante era uma imagem que deveria ser negada, superada, era considerado um entrave ao progresso, mas também eram aqueles que mereciam a caridade e a filantropia da população de “bem” e dita civilizada.

Dessa forma, percebemos que os discursos encaminhados pelo poder público buscavam, na maioria das vezes, responsabilizar as correntes migratórias pela disseminação da varíola na região, entendendo que essa doença não existia endemicamente no Estado; portanto, sua causa devia ser sempre exógena. Assim, desde a seca de 1877, que elevou a migração cearense para

¹⁷⁰ PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Éneas Martins ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1915. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 02 ago. 2023. p. 18.

¹⁷¹ NEVES, Frederico de Castro. Curral dos Bárbaros: Os campos de concentração no Ceará (1915-1932). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 93-122, 1995.

¹⁷² NEVES, Frederico de Castro. Corpos em exposição: Retirantes pobres na imprensa brasileira (1915). **Embormal**, v. 10, n. 19, p. 130-143, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/embormal/article/view/3246>.

o estado do Pará, mensagens que relacionavam esses sujeitos às epidemias de varíola tornaram-se frequentes. Era comum que esse migrante fosse chamado de retirante ou flagelado, que associasse a seca a outros problemas sociais, que de fato estavam relacionados à ela, como a migração, a fome e a miséria. Entretanto, parece que tais problemas encontraram uma justificativa perfeita para que o poder público pudesse responsabilizar esses migrantes pela eclosão de epidemias de varíola na região.

Assim, a ideia de que a varíola teria sido importada para a região ganha ainda mais espaço no período republicano, que também é marcado por ideias de civilização e progresso, o qual contrastava com uma cidade pestilenta e propícia a doenças como a varíola. Nas primeiras décadas do século XX, especificamente no governo de Augusto Montenegro, percebe-se que essa defesa da importação ganha ainda mais espaço, mas ela se estende para além do seu governo, já que em 1915 os cearenses aparecem novamente relacionados à varíola. Agora com a seca, que assolava o Ceará, o poder público paraense retornaria suas preocupações com a chegada desses migrantes. Mas de que forma os principais periódicos da época contribuíram também para intensificar esse discurso difundido na historiografia e também pelos políticos? É o que veremos no tópico a seguir.

2.3 O discurso sobre os migrantes cearenses nos periódicos

Por entre a leva de retirantes cearenses, que desembarcarão hontem do vapor Ceará via-se um quadro que tocava a todos os corações bem formados. Via-se ali, no meio daquela pobre gente açotada pelos horrores da secca e da fome, um infeliz pae que trazia nos seus braços descarnados o cadáver de um filhinho. A innocente criança poucas horas havia exhalado o ultimo alento, cerrando os olhos a este mundo podre de mizerias.¹⁷³

A chegada dos migrantes cearenses à capital paraense não era repercutida apenas pelo poder público nos relatórios oficiais, mas também era difundida pelos principais periódicos da época, que buscavam retratar, de modo bastante estereotipado, a chegada dos nordestinos, principalmente os que migravam do Ceará aqui para a região. Dessa forma, no presente item buscaremos mostrar o modo como esses migrantes eram representados nas páginas de jornais e de que modo esse veículo de comunicação pode ter contribuído para intensificar a relação que era feita do cearense e as doenças, sobretudo a varíola.

Os jornais, além de constituírem-se em meios de comunicação capazes de informar eventos, promover transformações e divulgar notícias, também são construtores de relações

¹⁷³ A província do Pará, 1880, p. 3.

sociais, divulgadores de propostas políticas e discursos. São espaços de manifestação capazes de proferir sentenças de grande alcance, a partir de julgamentos feitos por jornalistas, divulgadores eficientes de projetos políticos, sociais, culturais, etc. A documentação hemerográfica não pode ser tomada como homogênea. A pluralidade de interesses e de formas a partir das quais os jornais se manifestam constitui uma característica fundamental desse tipo de fonte.¹⁷⁴

Em 1877, o jornal *A Província do Pará*¹⁷⁵ trazia vários destaques sobre o que acontecia nas outras províncias do país. Principalmente enfatizava a situação do Ceará, em específico em relação à seca e seus desdobramentos. A partir do mês de junho desse ano, é possível encontrar inúmeros tópicos sobre os imigrantes cearenses, as complicações provenientes da seca, a miséria em que viviam os retirantes, pedidos de passagens para migrar e bazar ofertados para ajudar os “compatriotas cearenses”.

No dia 9 de março de 1877, o jornal *A Província do Pará* trazia um relato intitulado *Efeitos da secca no Ceará*¹⁷⁶, o qual apontava a miséria como consequência da seca na região. Logo mais, uma outra notícia intitulada *À caridade publica recorre o cearense*, na qual Benedito Correa Lima, cearense, morador da colônia de Benevides, pedia ajuda para poder transportar sua família do Ceará para o Pará. Segundo o cearense, ele havia recebido cartas de seus familiares relatando “a miséria em que se debate e quiçá a morte que acerca-lhe”.¹⁷⁷

No ano de 1879, inúmeras mensagens noticiavam a situação do Ceará no periódico *A Província do Pará*. Geralmente essas notícias apareciam na revista das províncias, espaço destinado para destacar os principais acontecimentos das províncias do país, mas havia uma frequência muito grande com que o Ceará era noticiado nesse espaço. Dentre os principais acontecimentos que apareciam nas notícias relacionadas ao Ceará, o de maior destaque era a seca, devido ao contexto, mas também os desdobramentos desse fenômeno.

O ano em questão é marcado por centenas de notícias sobre a varíola no Ceará, trazendo, inclusive, o quadro de mortalidade dessa região e destacando as vítimas dessa moléstia. No dia 12 de janeiro, a *Revista da Província* atentava para a mortalidade elevada na região flagelada

¹⁷⁴ LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

¹⁷⁵ A Província do Pará foi o periódico que persistiu por mais tempo no estado, encerrando suas atividades 125 anos após a primeira edição. O jornal foi criado no dia 25 de março de 1876 por três figuras de destaques da sociedade paraense como: Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Serqueira e Antônio Lemos. Para um debate mais aprofundado sobre a imprensa paraense no século XIX consultar: SENDAS, Phillippe; SEIXAS, Netília. Comunicação & História: A imprensa de Belém no alvorecer do século XX. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.1120123774>.

¹⁷⁶ A Província do Pará, 09/03/1877, p. 3.

¹⁷⁷ A Província do Pará, 07/06/1877, p. 3

pela seca, alegando que “Durante o mês de dezembro ultimo fallecerão na capital 1.015 pessoas, sem incluir as victimas de varíola”¹⁷⁸. Entretanto, em 22 de janeiro o jornal já noticiava uma possível diminuição de casos da doença na região, afirmando que “Na capital dessa província conquanto continue em grau de declínio a epidemia de varíola, os óbitos regulavam de 80 a 90 diariamente”.¹⁷⁹

A relação entre a varíola e o Ceará era frequente, talvez só não fosse mais expressiva do que a associação entre o Ceará e a seca, mas de certa forma essas notícias estavam relacionadas. Nota-se que a mortalidade no Ceará, apresentada pelo *A Província do Pará* no dia 12 de janeiro, era elevada, sendo 1.015 o número de mortos, sem contar as vítimas da varíola. Entretanto, o periódico não apresentou o número de mortos pela varíola para que pudesse estabelecer uma comparação ou ter uma real dimensão sobre os estragos provocados pela doença naquela região. O jornal dava um destaque para as consequências da moléstia no Ceará, mas também noticiava quando a epidemia entrava em declínio ou até mesmo quando declaravam a enfermidade extinta naquela região.

Esses discursos, que enchiam as páginas de jornais, disputavam espaço também com as mensagens que alertavam para a chegada desses cearenses, atingidos pela seca, miséria e varíola, causando um sentimento que muitas vezes parecia contraditório entre a elite paraense, que pretendia se mostrar receptiva e caridosa, ao mesmo tempo em que apresentava um certo medo do que a chegada desse migrante poderia representar em uma cidade que começava a querer se mostrar como moderna e civilizada. A preocupação era visível. No dia 23 de janeiro, *A província do Pará* destacava os créditos solicitados pelo presidente do Ceará para socorros públicos. Em seguida, indagou-se: “A quanto não chegará toda a despeza feita para socorrer às victimas da secca nas diversas províncias?”¹⁸⁰. No mesmo dia, o jornal apresentava a mortalidade na capital do Ceará em 1878, que era o dobro da atual população da capital do Pará.

Nem sempre as notícias veiculavam apenas o que estava acontecendo no Ceará, mas também era destinado um espaço para noticiar a realidade do cearense na região amazônica. Tais relatos permitem inferir que aquele sertanejo que migrou da sua terra natal para fugir dos períodos de estiagem também encontrou duras realidades na Amazônia. No dia 28 de janeiro, o boletim do dia no tópico denominado *Notícias do Amazonas* apresentava um pouco da realidade encontrada por esse migrante: “O inverno no Rio Negro cahira rigoroso. O estado sanitário melhorava, mas a carestia de generos alimeticios nas povoações do mesmo Rio

¹⁷⁸ *A Província do Pará*, 12/01/1879, p. 2.

¹⁷⁹ *A Província do Pará*, 22/01/1879, p. 2.

¹⁸⁰ *A Província do Pará*, 23/01/1879, p. 2.

assumia grandes proporções. O estado sanitário dos núcleos coloniais de retirantes cearenses no Rio Negro não era lisonjeiro”¹⁸¹. Também no tópico boletim do dia, já em 8 de fevereiro, noticiava-se sobre a varíola em Teffé, afirmando que “Às últimas notícias grassava a varíola em Teffé, entre os retirantes cearenses”¹⁸². Dias depois, uma notícia intitulada *Medicamentos para Macapá* informava que haviam enviado uma ambulância para a região com medicamentos destinados ao tratamento dos retirantes cearenses que ali existiam.

Os relatos anteriores permitem identificar que a realidade desses migrantes não foi difícil apenas no Estado do Pará: outras localidades da região amazônica, que também eram destino desse grupo, foram da mesma maneira marcadas por dificuldades, doenças, precariedades e, de certa forma, tiveram uma experiência aproximada, com os migrantes sendo, inclusive, responsabilizados pela propagação de doenças nessas regiões também. Silva¹⁸³ procurou analisar a forma como o poder público local tentou combater as doenças que se manifestavam na capital do Amazonas, cidade que passava por um processo semelhante ao enfatizado. Naquele contexto, nos discursos médicos propagados em Manaus, a culpa das doenças recaía sobre os migrantes, acusados de trazerem em seus corpos as doenças que assolavam a cidade. Dentre esses migrantes destacavam-se, inclusive, aqueles oriundos do Nordeste. Assim, os discursos utilizados para culpar esse migrante se respaldavam no lugar de origem, na recusa desses sujeitos em receber tratamento, nas condições precárias em que viviam, dentre outros.

Dessa forma, as notícias que circulavam informando que as epidemias, sobretudo a de varíola, grassava nos pontos de habitações dos retirantes cearenses parecia mais ter o intuito de afirmar esse grupo como doentes para engrossar o discurso de que eles traziam as enfermidades para a região do que questionar as precárias condições de sobrevivência que encontraram na região em que migraram para fugir das secas e os demais problemas que os atingiam em sua terra natal. Esse processo, no entanto, não estava restrito à região paraense, como as informações contidas nos periódicos da época nos permitem observar.

Se é verdade que existia um espaço expressivo para noticiar a intensidade com que a varíola se propagava no Ceará nas páginas de *A Província do Pará*, também não deixavam de informar quando essa epidemia começava a entrar em declínio e até mesmo ser considerada extinta na região. Assim, no dia 27 de fevereiro, a notícia que constava no tópico *A varíola no*

¹⁸¹ A Província do Pará, 28/01/1879, p. 2.

¹⁸² A Província do Pará, 08/02/1879, p. 2.

¹⁸³ SILVA, Júlio Santos da. **Adoecendo na cidade da Borracha: Manaus (1877-1920)**. 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, 2012. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4762>.

Ceará era que “Na capital dessa província era considerada extinta a epidemia de varíola. No interior ainda grassava a mesma epidemia, mas com pouca intensidade”¹⁸⁴. Novamente, no mesmo dia, na revista das províncias era informado que “Com a extinção da epidemia de varíola melhorava bastante o estado sanitário da capital”¹⁸⁵.

Tais informações que veiculavam no jornal da capital paraense sobre a erradicação da varíola no *Ceará* contrastam, de certa forma, com as mensagens enviadas pelo poder público no mesmo período. Ainda que a imprensa informasse sobre a extinção da varíola naquele estado, aqueles que migravam dessa região para o *Pará* continuavam a ser responsabilizados pela manifestação dessa doença na região amazônica. É importante destacar que algumas vezes aconteceu de a varíola ser considerada extinta no *Ceará*. Inclusive o médico cearense Guilherme Studart¹⁸⁶ aponta que as autoridades cearenses haviam considerado a doença erradicada também em 1901.

Assim, as notícias apresentadas nas páginas de *A Província do Pará* em 1879 relacionadas aos cearenses versavam sobre a seca, a escassez das chuvas ou a abundância delas quando retornavam. As condições em que viviam esses migrantes na região amazônica, como vimos, muitas vezes era de uma realidade marcada por doenças, mas não somente a varíola: uma notícia de 25 de março afirmava que os retirantes cearenses localizados em Santarém estavam sendo acometidos pelas febres intermitentes¹⁸⁷.

Além disso, ainda sobrava espaço para denunciar a postura desse migrante: exemplo disso, no dia 6 de maio, *A Província do Pará* trouxe um panorama dos migrantes cearenses que aqui chegaram, mas havia um tom de indignação e denuncia no relato, pois esse retirante não queria seguir o destino que teriam lhes oferecido, alegando que: “Da colonia Benevides, segundo ouvimos, tem sahido já muito delles, que vagueam errantes, exlorando a boa-fé dos incautos, pois, está provado que estes e outros muitos retirantes, não se querem sujeitar a trabalho algum, e logo que são obrigados ao serviço, retirão-se”¹⁸⁸.

Ora, os jornais como instrumentos de comunicação que atuavam a serviço de interesse de alguns grupos contribuíram para reforçar imagens e também para denunciar comportamentos, cumprindo o papel de atuar na defesa da legalidade e da ordem civil,

¹⁸⁴ *A Província do Pará*, 27/02/1879, p. 2.

¹⁸⁵ *A Província do Pará*, 27/02/1879, p. 2.

¹⁸⁶ STUDART, Guilherme (Barão de). **Climatologia, epidemias e endemias no Ceará**: memória apresentada ao 4 congresso médico latino-americano do Rio de Janeiro. [1909]. Ed. Fac-sim, Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

¹⁸⁷ *A Província do Pará*, 25/03/1879, p. 2.

¹⁸⁸ *A Província do Pará*, 06/05/1879, p. 2.

denunciando aquilo que consideravam prejudiciais a ordem pública¹⁸⁹. Assim, também não se omitiam em expor comportamentos dos migrantes cearenses, caracterizados como aqueles que prejudicavam toda uma ordem, pois eram vistos como os que traziam doenças, contribuíam para violência, vadiagem e mendicância.

Dessa forma, os periódicos estavam frequentemente denunciando as consequências da seca para os cearenses, como em uma notícia intitulada *Horrores da secca no Ceará*, publicada no dia 16 de junho de 1877, que narra o abandono de duas crianças que foram deixadas pelas suas mães, as quais o redator afirmava que estavam extenuadas pelo cansaço e pela fome, em um rancho. Esse relato, no entanto, não era único, pois logo em seguida ele conta “Mais a diante do lugar onde se deu esse facto, uma outra desgraçada mãe, no auge do desespero pela fome que a devorara, atira o filhinho de peito que trazia ao colo na areia abrasada pelo ardentíssimo sol e vae como louca a procura de um bocado para saciar a fome”¹⁹⁰. O articulista chama atenção para esses fatos desencadeados pela terrível seca que flagelava o Ceará e temia pelo fato de que ainda era o começo dessa calamidade, que já tinha ceifado a vida de quatro crianças pela fome.

A situação do estado sanitário do Ceará era amplamente repercutida na imprensa paraense, que sempre trazia um panorama principalmente sobre o desencadeamento das epidemias de varíola naquela região. Assim, noticiavam os casos, as taxas de mortalidade e até os momentos em que a enfermidade era considerada extinta pelas autoridades governamentais. Mas é certo que a forma como a epidemia grassava no Ceará preocupava também as autoridades paraenses, tendo em vista que nesse contexto a capital recebia grande quantidade de migrantes cearenses. Dessa forma, havia o medo de que junto com os cearenses migrasse também a varíola. Destarte, foi publicado no dia 16 de julho de 1877 em *A Província do Pará* no tópico *Saúde do porto*:

A presidência da província recommendou ao dr. inspector da saúde do porto que, visto estar grassando com intensidade a varíola na capital do Ceará, e no intuito de evitar que se propague aqui esse mal, satisfaça as prescrições estabelecidas anteriormente pela mesma presidência ácerca da febre amarela; outrossim que verifique se os emigrantes cearenses tiveram vaccinas regulares, devendo, no caso negativo, mandal-os apresentar ao respectivo dr. Comissário para serem vacinados.¹⁹¹

Nota-se na fala acima a preocupação com a chegada desses migrantes ao Pará, visto que as notícias do estado sanitário do Ceará não eram nada satisfatórias, pois uma intensa epidemia

¹⁸⁹ FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Páginas antigas: uma introdução à leitura dos jornais paraenses, 1822-1922. *Margens*, v. 2, n. 3, p. 245-266, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/3040>.

¹⁹⁰ *A Província do Pará*, 16/06/1877, p. 2.

¹⁹¹ *A Província do Pará*, 16/07/1877, p. 2.

de varíola havia eclodido na região, deixando as autoridades paraenses em alerta sobre como evitar que esse mal se propagasse também na capital paraense. Cabe destacar a preocupação com a vacinação desses migrantes, sendo função das autoridades sanitárias averiguar se esses cearenses que aqui chegavam estavam com sua vacina regular. Essa era medida profilática considerada bastante profícua pelo poder público para conter a varíola, embora encontrasse bastante resistência entre a própria população paraense¹⁹², mas havia uma preocupação, como mostra a fonte, em verificar se esses migrantes estavam em dia com a vacinação ou em vacinar a população paraense por conta da chegada de migrantes cearenses, como mostra essa notícia do dia 16 de julho de 1877:

O sr. dr. Comissário vaccinador provincial recebeu ordem da presidência para activar o mais possível o serviço da vaccinação. E' de esperar que os demais facultativos da capital empreguem também por sua parte, como costumam fazer, todos os esforços no sentido de inocular a vacina no maior numero de pessoas possível, como como actualmente grassa com intensidade esse mal na província do Ceará¹⁹³.

Assim, é possível perceber que a imprensa também cumpria seu papel em associar o migrante cearense às doenças. Embora o discurso não fosse semelhante ao disseminado pelo poder público, que via na presença do migrante em geral, não somente o nordestino, uma oportunidade para responsabilizar esse grupo pelas epidemias de varíola que assolavam a capital paraense. Além disso, o poder público afirmava, de maneira mais direta, que a varíola se disseminava em Belém via importação de outras regiões contaminadas, visto que não tínhamos a doença em nossa região de maneira endêmica, sendo sempre um fator externo responsável por propagar a moléstia.

Dessa forma, os jornais, que tinham sua própria lógica para relatar ou reconstituir o passado, como memória ou história, segundo Figueiredo¹⁹⁴, contribuíram para resumir a imagem do sertanejo cearense a partir de todos os problemas que atravessavam sua vida, como a fome, a falta de trabalho, a miséria, desnutrição e, principalmente, as doenças. Assim, talvez fosse mais fácil culpabilizar um grupo tão vulnerável e sem recursos para sobreviver pelas mazelas que atingiam nossa região, como era o caso das epidemias de varíola.

¹⁹² Para um debate mais aprofundado ver também: SILVA; Jairo de Jesus Nascimento da; SILVA, Julia Rafaela. Vacina e resistência popular às profilaxias oficiais em Belém do Pará. In: ARAÚJO, Telmo Renato da Silva; COSTA, Tony Leão da. SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da (Org.). **Amazônia: História, Culturas e Identidades**. 1. ed. Belém: Editora Dalcídio Jurandir, 2021, p. 39-76.

¹⁹³ A Província do Pará, 16/07/1877, p. 2.

¹⁹⁴ FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Páginas antigas: uma introdução à leitura dos jornais paraenses, 1822-1922. **Margens**, v. 2, n. 3, p. 245-266, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/3040>.

É importante pontuar que não é raro na história das grandes epidemias que atravessaram a humanidade essa tentativa de usar um grupo social como bode expiatório para doenças. Segundo Jean Delumeau¹⁹⁵, era comum que uma população, por mais espantada que estivesse, procurasse buscar culpados para o acontecimento que os vitimava. Portanto, segundo o autor, existiam os culpados potenciais a quem podia voltar-se a agressividade coletiva, sendo estes os estrangeiros, viajantes, marginais ou aqueles que não estão bem integrados a uma comunidade específica ou simplesmente porque vêm de outros lugares e acabam se tornando suspeitos. Exemplos de culpados potenciais segundo Delumeau são os judeus e os leprosos, considerados culpados pela propagação da peste negra de 1348-1350. Além disso, os espanhóis também vão atribuir à origem flamenga uma epidemia disseminada na Península Ibérica em 1596.

Nota-se que os discursos advindos do poder público não eram tão semelhantes àqueles disseminados pela imprensa, que certamente cumpria um outro papel, assim como não estava sempre em consonância com a explicação atribuída por Arthur Vianna para a disseminação da varíola na capital paraense. Entretanto, ainda que esses discursos fossem reproduzidos de diferentes formas, por cumprirem distintas funções, parece que estavam igualmente aparelhados em atribuir a origem da varíola em Belém à migração cearense para a região.

O cruzamento dos relatórios governamentais com os dados apresentados por Arthur Vianna na obra *Epidemias no Pará* muitas vezes contrasta em relação às informações sobre o quadro sanitário do estado. É certo que Vianna utilizava-se das fontes institucionais para reconstituir as epidemias no Pará. Porém, os dados expostos pelo autor nem sempre eram semelhantes com os relatórios enviados pelo governo.

Se em alguns momentos os números apresentados por Vianna destoavam do que aparecia nas fontes institucionais, uma coisa é certa: tanto o discurso dele quanto as mensagens enviadas pelos governantes da época estavam bem comprometidos em defender a tese da importação da varíola, afirmando que a capital paraense era um terreno infértil para a propagação dessa moléstia. Tanto Vianna quanto os governantes da época associavam o migrante, aquele que não fazia parte do cenário da região, como o responsável por trazer consigo, da sua terra natal, em seu corpo, a varíola, um mal que não era natural da nossa região, mas se propagava com facilidade a partir das correntes migratórias e em função do improfícuo serviço do porto.

Além disso, cabe destacar como essa tese se intensifica ainda mais no período republicano, contexto pautado pelas ideias de civilização e progresso, no qual não havia espaço

¹⁹⁵ DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**. Uma cidade sitiada. São Paulo, companhia das Letras, 2009.

para uma cidade infestada de moléstias, pois contrastava justamente com o ideal de civilização que se pretendia alcançar. Assim, era muito mais apropriado encontrar uma causa exógena para as doenças que se proliferavam do que admitir que estávamos distantes do ideal de salubridade pública pretendido, que afirmariam a sociedade paraense como moderna.

Portanto, ainda que o migrante nordestino, sobretudo o cearense, não fosse o único alvo das mensagens enviadas pelo poder público, pela obra de Arthur Vianna e pela imprensa, é certo que era o principal responsabilizado e aquele que ganhava maior destaque. Os discursos que ora pareciam demonstrar uma certa compaixão por esse migrante, flagelado pela seca, fome, miséria e doenças, também usavam desses problemas que atravessavam a vida do sertanejo cearense como forma de sustentar a tese de que esse grupo era culpado por trazer consigo doenças oriundas de sua terra natal, tornando-se, assim, esse migrante um alvo fácil para a culpa.

As páginas dos periódicos, que traziam diariamente notícias sobre a seca, as chuvas, o quadro sanitário do Ceará, a chegada dos migrantes cearenses na capital paraense e o estado físico e psicológico em que chegavam, os bazares promovidos pelas alta sociedade paraense em prol dos retirantes cearenses, também engrossaram o caldo do que se pensava sobre o cearense e que anos mais tarde iria se popularizar como nordestino em si e todo o estigma que esse grupo social passou a sofrer.¹⁹⁶

Para que fosse possível uma análise mais minuciosa sobre esses discursos, trouxemos também as matérias que apareciam na *Folha do Norte*¹⁹⁷ para pensar de que forma esses migrantes foram retratados num dos principais periódicos de circulação do contexto, conhecido por sua oposição a Antônio Lemos, um dos fundadores da Província do Pará. O jornal, que tem sua primeira edição já no período republicano, não deixava de mostrar as principais mazelas que atingiam a sociedade paraense, como é o caso das epidemias, que contrastavam com o ideal de civilização idealizado no alvorecer da república.

O ano de 1900 é marcado por inúmeras matérias sobre o alastramento da varíola, casos suspeitos, remoção para isolamento e a chegada de imigrantes, como os cearenses. Chama atenção uma matéria publicada na *Folha do Norte* no dia 01/02 intitulada *Saúde do Porto*, que denunciava a chegada de em torno de 800 e 1000 passageiros do Ceará e alegava que: “Impossível manter hygiene, verdadeiros focos de infecção, torna-se impraticavel qualquer

¹⁹⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

¹⁹⁷ Um dos principais periódicos do período, *A Folha do Norte* teve sua primeira publicação em 01 de janeiro de 1896, com Enéas Martins e Cipriano Santos como seus principais fundadores. Tinha como objetivo principal fazer oposição a Antônio Lemos. Em 1974, o jornal encerra suas atividades no cenário paraense.

medida fisco sanitario, fazendo perigar saude demais passageiros”¹⁹⁸. O diretor do distrito sanitário terminava o telegrama pedindo instruções afim de evitar quaisquer prejuízos, afirmando que o estado atravessa um momento calamitoso.

Entre as notícias que circulavam sobre o alastramento da varíola, inclusive no interior do estado, chama a atenção para uma matéria publicada no dia 10 de agosto de 1900 sobre a “Varíola no Acará”¹⁹⁹, que comunicava o aparecimento da enfermidade na colônia cearense do Acará. Mas o que mais chama atenção de fato na matéria é a denúncia de que as autoridades não haviam enviado nenhuma medida profilática para evitar a propagação da epidemia, sequer isolado os doentes, pondo em risco não só a população da colônia como também aqueles que viviam nas proximidades. Sendo assim, qual era a intenção por trás da atitude das autoridades em negligenciar o alastramento da varíola em uma colônia cearense?

Ainda em 1900, grande era a quantidade de notícias sobre a peste no Ceará que mereceram destaque na *Folha do Norte*. Nos meses de agosto e setembro foram quase que cotidianas as matérias que informavam o leitor sobre a situação da epidemia no estado. No dia 30 de agosto de 1900, o periódico informava sobre os casos suspeitos da enfermidade na região e afirmava que “o pânico que reinava pela seca, fome e miséria, redobrou”²⁰⁰, visto que, além dessas mazelas, agora o cearense também estava vulnerável à epidemia de peste bubônica que começava a se alastrar pelo Estado. Em meados de setembro, no dia 6, o jornal informava que embora os jornais da capital cearense não trouxessem a confirmação da peste no Ceará, o estado sanitário do referido estado não poderia ser considerado satisfatório.

A seca de 1877 provocou um impacto no imaginário político e social das elites brasileiras. Conforme analisou Neves²⁰¹, era constantemente retratada na *Folha do Norte* também e, concomitante às notícias sobre a seca, ressurgiam os debates sobre a importância da caridade voltada para os flagelados da seca, como eram comumente chamados. Dentre as matérias relacionadas ao tópico da caridade, chama atenção a publicada no dia 16 de dezembro de 1900 intitulada “Por Caridade”, em que consta um relato de um cearense muito doente que recorria à caridade pública por “achar-se impossibilitado de prover pelo seu trabalho as suas necessidades”²⁰². É interessante que esses cearenses que migraram para a Amazônia à procura

¹⁹⁸ A Folha do Norte, 01/02/1900, p. 2.

¹⁹⁹ A Folha do Norte, 10/08/1900, p. 2.

²⁰⁰ A Folha do Norte, 30/08/1900, p. 2.

²⁰¹ NEVES, Frederico de Castro. “Desbriamento” e “Perversão”: Olhares ilustrados sobre os retirantes da seca de 1877. **Proj. História**, São Paulo, n. 27, p.167-189, 2003.

²⁰² A Folha do Norte, 16/12/1900, p. 2.

de retomar os laços perdidos de proteção e lealdade²⁰³ acabaram sendo vitimados por doenças pelas quais foram culpabilizados.

Tais matérias não eram incomuns de serem veiculadas nos periódicos. No dia 15 de março de 1905, a *Folha do Norte* trazia o apelo de um cearense que recorria à caridade também por ter sido acometido de uma enfermidade, a qual não é especificada na matéria, para que pudesse regressar a sua cidade natal;

Um moço cearense, prostrado ha 8 longos meses por uma grave enfermidade, que o impossibilita de trabalhar, precisando de um auxilio pecuniário para ir à sua terra natal tratar-se, recorre, por nosso intermédio, afim de facilitar-lhe ao menos a passagem. Qualquer ebolo poderá ser enviado à Folha, que o transmittirá ao interessado.²⁰⁴

A matéria era atualizada cada vez que algum membro das elites locais fornecia algum auxílio, sendo no dia 16 de março de 1905 publicada a notícia de que uma senhora cearense havia enviado uma ajuda para que o referido cidadão pudesse regressar à sua terra natal afim de tratar sua enfermidade. Já no dia 22 de março de 1905, outro caso de um cearense que necessitava retirar-se deste estado por motivos de doença, caso que não parece ter sensibilizado as elites locais, pois no dia 27 de março a *Folha* fazia novamente um apelo “para os corações bem formados para que o infeliz moço enfermo possa, mudando de clima, recuperar sua saúde perdida”.

Lacerda²⁰⁵, ao analisar as cenas da vida cearense na capital do Pará analisou as dificuldades enfrentadas pelos cearenses em Belém, que chegaram até mesmo a viver em situação de indigência e a solicitar retorno para sua terra natal em função do mau estado de saúde que apresentavam. A historiadora enfatiza que alguns solicitavam regressar mesmo em momentos que sua cidade natal estava sendo assolada pela seca, enfatizando, assim, as dificuldades para sobreviver na terra para a qual se deslocaram em busca de melhores oportunidades.

Todavia, cabe ressaltar que nesses anos de 1904 e 1905, em que muitos cearenses solicitavam retorno para a sua terra natal por seu mau estado de saúde, grassava epidemicamente a varíola não só na capital paraense como também em interiores, causando um verdadeiro pânico na população e deixando as autoridades sanitárias em alerta. No dia 24 de

²⁰³ A Folha do Norte, 16/12/1900, p. 2.

²⁰⁴ A Folha do Norte, 15/03/1905, p. 2.

²⁰⁵ LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. 2006. 346 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16072007-105321/pt-br.php>.

novembro de 1905, no tópico *Saúde do porto*, noticiava-se que “O aparecimento de moléstia suspeita no Ceará vai dar ensejo ao que o Sr. Marianno de Aguiar ponha em prática mais uma vez, a pretexto de garantir-nos contra a invasão do mal”²⁰⁶. Embora não fosse especificada a moléstia que se alastrava no Ceará, é perceptível o alarde que era provocado entre as autoridades públicas locais com a chegada desses migrantes para a capital paraense, pensando na varíola como uma doença “importada”, e não endêmica da região. No dia 07 de setembro do mesmo ano, uma matéria intitulada “Varíola em Belém” noticiava que “a população estaria alarmada com a invasão da moléstia”²⁰⁷.

Neste contexto em que a população era assolada pelas epidemias de varíola na capital paraense, as medidas profiláticas consideradas profícuas pelo poder público também ganham destaque nas páginas dos jornais, como é o caso da vacina. Mas o que chama atenção é uma matéria publicada na *Folha do Norte* no dia 28 de novembro de 1905 intitulada de “A vaccina cearense”, em que parecia ter sido levantada uma pequena discussão acerca da qualidade da vacina desenvolvida pelo farmacêutico cearense Rodolpho Theophilo, afirmando que:

A Folha foi mal informada, sr. redactor, quanto à qualidade da lymphá vacciniica vinda do Ceará, para o governo deste Estado. E’ ella preparada pelo habil farmacêutico sr. Rodolpho Theophilo, nome subjamente conhecido nas sciencias e nas letras, no nosso paiz. Elle tem dedicado os melhores dias de sua vida e a sua maior e mais pujante actividade, na heroica e abnegada cruzada contra a varíola e outras moléstias que affligem os seus conterrâneos. Dias e noites ele visita e cura ricos e pobres, vaccina, aconselha preceitos de hygiene, sem outra recompensa senão essa de satisfazer o seu altruísmo, a vontade de seu magnânimo e leal coração. Nessa lucta encarniçada contra a varíola tem tido as melhores provas de que a lymphá vaccinica por elle preparada é boa, é superior, mesmo. Tem sido mal recompensado, é certo; mas a historia virá dizer o quanto elle fez pelo meu infeliz Ceará que elle ama como os que mais o amam.²⁰⁸

A matéria escrita por Guilherme Abreu para a *Folha* traz, ao que tudo indica, uma resposta a um possível descrédito que o jornal teria feito à vacina produzida pelo farmacêutico cearense. Todavia, no dia seguinte, 29 de novembro de 1905, a *Folha do Norte* traz uma resposta a Guilherme Abreu, em outra matéria intitulada “A vaccina cearense”, na qual responde que não era intenção da *Folha* “deprimir o demérito do habil pharmaceutico Rodolpho Theophilo, de quem, aliás, somos amigos”²⁰⁹, mas que estavam apenas afirmando que a vacina teria surtido resultados negativos, fato comprovado por clínicos. Entretanto, o jornal afirma que

²⁰⁶ A Folha do Norte, 24/11/1905, p. 2.

²⁰⁷ A Folha do Norte, 07/09/1905, p. 2.

²⁰⁸ A Folha do Norte, 28/11/1905, p. 2.

²⁰⁹ A Folha do Norte, 29/11/1905, p. 2.

o resultado negativo “em nada destroe a actividade do ilustre pharmaceutico nem o seu altruísmo”.²¹⁰

Cabe destacar, portanto, a relação da população paraense com a vacina, pois concomitante à presença da varíola na região, também são os debates sobre a cura para a enfermidade. Assim, a vacina enquanto método oficial chegou em Belém quase que simultaneamente à prática da variolização, que consiste num método popular, sendo os dois até confundidos por suas semelhanças. A população paraense, no entanto, apresentava uma certa aversão à vacina e à maioria das medidas profiláticas emanadas pelo poder público, mas no que concerne ao método jenneriano, o repúdio estava relacionado à experiência dessa população com a medida, sendo o primeiro registro da utilização da vacina em Belém em 1819.^{211; 212}

Os jornais, enquanto espaços de manifestações capazes de proferir sentenças e julgamentos, contribuíram para construir essa imagem do cearense que chegava na Amazônia como doente, miserável, faminto, indigente e até aproveitador. Em uma notícia cujo título era “Pelos infelizes”, a *Folha do Norte* do dia 07 de maio de 1906, trazia o caso de um cearense que, a bordo do vapor Velhote Silva, se atirou na água. O motivo que teria levado o homem a cometer tal atitude, segundo o próprio, era em função dos maus tratos que recebia do “seu senhor”, homem que o contratou para extrair borracha na Amazônia.

O comandante do vapor saiu em defesa do homem que havia contratado o cearense, alegando que o infeliz sofria de mania de perseguição e havia se jogado no rio em decorrência dos delírios da febre que estava acometido. A matéria, no entanto, traz uma denúncia dos “senhores”, considerados traficantes de carne humana, que vão para o Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Maranhão, estados que constantemente apareciam flagelados pela seca, para buscar mão de obra, e acabam inserindo essas pessoas em péssimas condições desde que chegam a bordo, sendo o vapor que embarcava esses migrantes comparados aos navios negreiros do contexto da escravidão.

As péssimas condições em que embarcavam esses migrantes fica perceptível pelas inúmeras notícias de falecimento a bordo que apareciam nas páginas de jornal ou de situações em que a pessoa contraía alguma doença durante a viagem, como foi noticiado no dia 15 de

²¹⁰ A Folha do Norte, 29/11/1905, p. 2.

²¹¹ SILVA; Jairo de Jesus Nascimento da; SILVA, Julia Rafaela. Vacina e resistência popular às profilaxias oficiais em Belém do Pará. In: ARAÚJO, Telmo Renato da Silva; COSTA, Tony Leão da. SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da (Org.). **Amazônia: História, Culturas e Identidades**. 1. ed. Belém: Editora Dalcídio Jurandir, 2021, p. 39-76.

²¹² Para um debate mais aprofundado sobre a vacina antivariólica ver também: FERNANDES, Tania Maria. **Vacina antivariólica: ciência, técnica e poder dos homens (1808-1920)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

março de 1905 na matéria intitulada “Varíola a bordo”, na qual consta que o criado Raymundo, natural do Ceará e que estava a bordo, acabou contraindo a varíola. No dia 30 de março de 1905, o jornal noticiava mais um falecimento a bordo de um cearense, dessa vez por disenteria.

Nem bem corriam as notícias de uma nova seca que assolara o Ceará e as elites locais já começavam a organizar festas e bazar em prol das “vítimas da secca”. O ano de 1904 é marcado por diversas matérias para ajudar os “flagellados da secca”. Em 1915, quando novamente uma grande seca atinge o Ceará, o assistencialismo invade as páginas de jornal e a miséria do povo cearense passa a ser retratada nas páginas dos periódicos paraenses. No dia 4 de julho de 1915, uma matéria intitulada “A secca de 1915” dizia que “O Ceará atravessa uma de suas crises de fome”²¹³ e apontava que a seca de 1915 teria efeitos mais complicados do que a de 1877. No dia 18 de julho de 1915, a folha publicava uma notícia que dizia que um distinto cavalheiro, amigo dos editores do jornal, iria distribuir esmolas, no largo de Nazareth, aos imigrantes cearenses que haviam chegado ultimamente a esta capital.

No dia 21 de julho de 1915, uma matéria cujo título era “Assistência aos flagellados pela secca” informava as atitudes que a liga humanitária estava tomando em prol desse grupo social que sofria em consequência da estiagem. Neves²¹⁴, buscou analisar os sentidos atribuídos aos retirantes da seca de 1877, tanto pelas elites locais quanto do Rio de Janeiro. A partir disso, consegue desvelar que os debates realizados naquele crítico momento do Império versavam sobre a caridade, trabalho e a moralidade. O historiador mostra como o discurso de um comendador proferido a D. Pedro II e sua esposa acaba sendo o pontapé inicial desse movimento de caridade que passa a circular para as vítimas da seca e que enchiam as páginas dos periódicos, inclusive os da capital paraense, como a *Folha do Norte* e a *Província do Pará*.

A presente seção objetiva compreender como os discursos veiculados pelos principais periódicos da capital paraense podem ter contribuído para essa imagem do cearense enquanto vetor da varíola e, mais do que isso, como vetor do antiquado, como sinônimo de atraso, miséria, pobreza e doenças. As doenças, mais do que um evento biológico, são fenômenos socioculturais e é nesse ponto que se tornam tema de estudos de historiadores. É por meio da epidemia também que podemos ter um retrato da sociedade bem como suas imposições aos indivíduos.

²¹³ A Folha do Norte, 04/07/1915, p. 2.

²¹⁴ NEVES, Frederico de Castro. “Desbriamento” e “Perversão”: Olhares ilustrados sobre os retirantes da seca de 1877. **Proj. História**, São Paulo, n. 27, p.167-189, 2003.

De acordo com Charles Rosenberg²¹⁵, podemos entender as epidemias como manifestações para além do campo biológico e que devem interessar apenas aos médicos e cientistas, mas como acontecimentos históricos e socialmente construídos no que concerne os sentidos sociais que são atribuídos; esse processo marca o enquadramento da doença²¹⁶. Portanto, nos interessa entender a doença como determinante da experiência humana²¹⁷, compreendendo que a arte, literatura, a moral, as relações sociais e as expectativas de futuro são atravessadas a partir da experiência da doença e da morte²¹⁸.

Dessa forma, consideramos fundamental reconstituir a experiência da população paraense com as epidemias de varíola na segunda metade do século XIX e início do século XX e a associação que é feita dessa enfermidade com a migração cearense para que se possa ter uma outra compreensão da sociedade paraense nesse contexto, pois como afirmou Roy Porter, “A história geral sem um entendimento da história da medicina se empobrece e a história da medicina sem uma compreensão da sociedade também se empobrece”²¹⁹.

Assim, pretendemos nesse capítulo analisar nos discursos presentes na historiografia de Arthur Vianna, nas fontes institucionais, como mensagens enviadas pelo poder público, relatórios sanitários e através da imprensa, de que forma se consolidou a tese que atribuía aos migrantes, sobretudo os cearenses, a responsabilização pela eclosão de epidemias na capital paraense, um problema que já fazia parte da região desde o século XVII, como afirma Vianna, mas que vai ser atribuído, principalmente a partir da década de 1870, aos migrantes cearenses e considerado pelo poder público não como um problema natural da região, mas originado via importação de províncias contaminadas.

A existência desses discursos, porém, nos levou à inquietação de identificar qual a origem dessa associação entre as epidemias de varíola e a migração cearense para a Amazônia. Assim, no próximo capítulo, buscaremos cruzar as epidemias de varíola em Belém e no Ceará afim de buscar identificar ocorrências simultâneas de epidemias de varíola nas duas regiões, as medidas profiláticas utilizadas em cada região, índice de mortalidade e perfil das vítimas da doença para que, além de estabelecer uma comparação entre as epidemias em cada região,

²¹⁵ ROSENBERG, Charles. Framing disease: illness, society and history. ROSENBERG, Charles; GOLDEN, Janet (Eds.), **Framing disease**. Studies in cultural history. New Brunswick/New Jersey: Rutgers University Press, 1992.

²¹⁶ KROPF, Simone Petraglia. Ciência, saúde e desenvolvimento: a doença de chagas no Brasil (1943-1962). **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, pp. 107-124, 2005.

²¹⁷ CUETO, Marcos. El pasado de la medicina: la historia y el oficio. Entrevista com Roy Porter. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/qQNkSnKhHPsbLV8Hct5RTsG/?lang=es&format=pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023.

²¹⁸ *Ibid.*

²¹⁹ *Ibid.*, p. 2011, tradução nossa.

estabelecer um fio condutor que nos permita identificar as possíveis origens da tese que defendia que os migrantes cearenses eram responsáveis pela eclosão de surtos epidêmicos de varíola na região amazônica.

Dessa forma, consideramos até aqui que o comportamento de responsabilizar os cearenses pelas epidemias de varíola pode estar relacionada à tendência de buscar sempre, por parte de autoridades, uma origem exógena para as epidemias, mas também de considerar classes pobres como sinônimo de “classes perigosas”. Continuaremos a seguir buscando compreender a possível relação dos cearenses com as epidemias de varíola, atentando-se para a possibilidade de serem mais vítimas do que causadores das moléstias na Amazônia.

CAPÍTULO TERCEIRO

A dramaturgia das epidemias de varíola em belém

CAPÍTULO 3 – A DRAMATURGIA DAS EPIDEMIAS DE VARÍOLA EM BELÉM²²⁰

No ano de 1888, marcado por uma forte epidemia de varíola, o jornal *Diário de Notícias* publicara uma matéria cujo título era *A penosa morte de Ernesto Maués* que trazia o seguinte relato do seu estimado cunhado:

Morreste, meu querido cunhado e amigo, entregaste tua alma ao nosso Creador, sem que eu pudesse estreitar contra meu peito, dando te um abraço de despedida eterna.

Não, que ignorasse a tua enfermidade; porém, deteve me porque foste vítima de uma cruel molestia (a varíola) e por isso não pôde estar a teu lado afagando te na hora do teu ultimo suspiro.

Descansa em paz, meu sempre lembrado cunhado e querido companheiro; no meu coração ficarás eternamente gravado, porque sempre soubeste ser amigo sincero, bom esposo e exemplar pae de familia, á quem deixaste n'este mundo, que é valle de tribulações, chorando a tua ausencia.

Aos teus queridos irmãos e á tua dedicada esposa (minha querida irmã) eu tributo as minhas sentidas condolencias.

Camarão, 11 de dezembro de 1888.

Manoel Miguel Pereira (*Diário de Notícias*, 11 de dezembro de 1888, p. 3).

O lamento de Manoel Miguel Pereira, publicado no periódico mencionado acima em razão da perda do seu cunhado Ernesto Maués, vítima de varíola, expõe como as doenças devem ser entendidas para além de um conceito biológico, algo objetivo, mas também como fenômenos socioculturais, carregados de subjetividades e que são construídas socialmente por aqueles que tem sua vida atravessadas por este fenômeno.

Ao perder seu cunhado para uma doença que dizimava a sociedade paraense no século XIX, Manoel nos mostra como as epidemias são eventos capazes de transformar o cotidiano de uma dada comunidade em um determinado espaço de tempo e que ritos que poderiam ser comuns em outros contextos sofrem alterações a partir da eclosão de uma epidemia, como o próprio ato de se despedir de seus entes queridos e participar dos atos fúnebres como velório e enterro. Os impactos provocados por diversas epidemias em variados contextos têm suscitado o interesse de historiadores debruçados a entender os impactos provocados por essas doenças

²²⁰ O conceito de dramaturgia utilizado no título deste capítulo é uma referência à obra de Charles Rosenberg, na qual o autor afirma ser possível criar uma estrutura narrativa que pode ser observada em diferentes contextos epidêmicos. Esses padrões recorrentes caracterizariam uma dramaturgia da epidemia, a qual o autor divide em quatro atos. Consultar também: SILVEIRA, Anny Jackeline Torres da; NASCIMENTO, Dilene Raimundo. **A doença revelando a história: uma historiografia das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

contagiosas e como estas podem ser reveladoras dos problemas que circundam as sociedades atingidas por esses fenômenos.

A historiadora Anny Silveira analisa como a eclosão de uma epidemia provoca mudanças significativas na vida cotidiana ao desorganizar serviços, promover fuga, isolamento e intervir nas relações, nos hábitos e nas crenças sociais de toda uma comunidade que tem sua vida marcada por experiências epidêmicas²²¹. Sendo esse justamente o caso de Manoel, que não pôde estar ao lado de seu cunhado em seu último suspiro ou se despedir adequadamente, pois o familiar havia sido acometido de uma doença infecto-contagiosa. Sendo Manoel ciente de que assim deveria ser, embora lamentasse, deixa claro a crença nos preceitos da higiene da época ao afirmar que Ernesto Maués não ignorara a enfermidade.

De acordo com Charles Rosebnrg²²², os fenômenos epidêmicos possuem aspectos em comum que tornam possível criar uma espécie de imagem do que seja uma epidemia através do exame de alguns padrões recorrentes em experiências epidêmicas passadas. Assim, seria possível estabelecer um enredo que vai compondo uma sequência de atos. O primeiro ato estaria relacionado ao processo de aceitação da presença da epidemia, o qual pode acontecer lentamente em função do medo e dos interesses ameaçados. O segundo ato consiste na elaboração de explicações para o surgimento da epidemia. Já o terceiro ato é marcado pelas ações coletivas de enfrentamento da doença, enquanto o quarto ato seria um olhar retrospectivo para o contexto vivenciado e as lições que se podem extrair do acontecimento.²²³

Dessa forma, objetivamos neste último capítulo desta dissertação reconstituir as epidemias de varíola em Belém na segunda metade do século XIX e início do século XX a partir do modelo explicativo proposto por Charles Rosenberg²²⁴, afim de que, a partir deste percurso em que busco mostrar as notícias que denunciavam o surgimento de uma epidemia, as teses explicativas para a eclosão da varíola em Belém do mencionado período, as ações de enfrentamento organizadas pelo poder público e o momento de declínio da epidemia, seja possível encontrar um fio condutor que possa nos esclarecer os motivos que levaram os cearenses que migraram para Belém entre 1877 e 1915 a serem associados e culpabilizados pela moléstia que já dizimava a população paraense desde meados do século XVIII.

²²¹ SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres. A crônica da espanhola em Belo Horizonte. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (Orgs). **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

²²² ROSENBERG, Charles. Framing disease: illness, society and history. ROSENBERG, Charles; GOLDEN, Janet (Eds.), **Framing disease**. Studies in cultural history. New Brunswick/New Jersey: Rutgers University Press, 1992.

²²³ SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres. Epidemia: evento ou narrativa. In: **ANPUH–XXII Simpósio Nacional de História**, João Pessoa, 2003.

3.1 “Bate-nos à porta um hospede impertinente”

A varíola não era uma desconhecida da sociedade paraense entre a segunda metade do século XIX e início do século XX. De acordo com a historiografia amazônica, os primeiros indícios da moléstia na região aconteceram ainda no século XVII. O historiador Rafael Chambouleyron²²⁵ indica que no decorrer dos séculos XVII e XVIII, a população do Maranhão e Pará foi assolada por vários surtos epidêmicos, dentre eles a bexiga, que influenciou no desenvolvimento das atividades econômicas e nas formas de organização do trabalho compulsório.

Assim, cada vez que uma epidemia de varíola irrompia na capital paraense, as notícias se espalhavam pelos principais periódicos da cidade e preocupavam as autoridades governamentais, que não deixavam de transparecer esta preocupação nos relatórios, embora precisassem zelar pela imagem salubre da cidade, que se pretendia moderna e civilizada. Em 1890, um ano após uma intensa epidemia de varíola que flagelara a população de Belém, o *Diário de Notícias* alarmava para novos casos da doença na cidade, noticiando que:

Bate-nos á porta um hospede impertinente, que todos os annos, quasi com pontualidade ingleza nos visita.

Bate-nos á porta o inimigo terrivel que, periodicamente, dá combate á população d’este Estado, ceifando milhares de vidas.

(...) Quando então, ella surge medonha e zombeteira, enchendo os hospitaes e os cemiterios, é que o governo escancara as arcas do thezouro, encommenda lympha para o estrangeiro, nomeiando se comissões medicas, constroem hospitaes para variolosos, etc, etc, etc.

Ao chamar atenção para os novos casos da moléstia em Belém, o articulista destaca os impactos provocados pela varíola na urbe, lotando os hospitais e cemitérios e fazendo milhares de vítimas. Para o jornalista, no entanto, é de se indignar os estragos consequentes da doença, pois não são desconhecidos os meios profiláticos eficazes para conter sua propagação, sendo estes a vacinação e a revacinação. A matéria traz uma indagação sobre os motivos que levariam o Estado a não investir severamente nessas medidas, se a razão seria a economia. Entretanto, o articulista defende que essa tentativa de economizar na profilaxia contra a doença sairia muito mais cara aos cofres do Estado e ainda a tornaria inviável depois de evitar os estragos provocados pela enfermidade.

²²⁵ CHAMBOULEYRON, Rafael. ‘Formidável Contágio’: epidemias, trabalho e recrutamento na Amazônia Colonial (1660-1750). *História, Ciências e saúde-Manguinhos*, v. 18, n. 4, p. 987-1004, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000400002>.

Mal se anunciara a presença da varíola e já era perceptível as mudanças provocadas no cotidiano a partir do momento que o mal se alastrara entre os cidadãos, como é o caso de reportagem publicada no mesmo periódico durante a epidemia de 1888 sobre o dia dos finados, que trazia a seguinte reivindicação:

Tendo aparecido na imprensa a idéa de não abrir-se o cemiterio de Santa Izabel no dia 1 de novembro, por causa da reinante epidemia da variola, o povo começa a revoltar-se com a projectada prohibição.

Dia consagrado á commemoração dos mortos, os que ahi têm os que lhes foram caros na vida, não podem prescindir da visita, que significa a saudade que lhes váe n'alma: d'ahi a revolta do povo e, se, fôr levada a efeito a prohibição, com certeza teremos feia salsada no cemiterio. Vejam o que fazem...²²⁶

Quando uma epidemia era anunciada, iniciavam-se as ações que visavam combater a propagação da doença. Assim, em 1905, durante um surto epidêmico de varíola, ganhou força as procissões religiosas nas ruas da cidade que clamavam pelo fim da peste que ceifava a vida de centenas de pessoas no início do século XX. Contudo, nem sempre essas procissões eram bem vistas, como podemos ver na fala do articulista em reportagem publicada na *Folha do Norte*:

Continuam cada vez mais avolumados, os grupos de pessôas que todas as noites percorrem as ruas desta capital com velas acesas e cantando preces a São Sebastião.

No intuito de pôr paradeiras a essas manifestações que não só impressionam tristemente, não havendo nem sempre nelas o respeito devido, como expõe o povo mais facilmente ao contagio do mal, o rvd. monsenhor governador do bispado, ao que sabemos, enviou circulares a todos os parochos e capelães desta capital mandando fazer preces publicas nas egrejas e capelas.

Oxalá todos os catholicos compreendam, a inconveniencia que ha em andarem em grupos pelas ruas em vez de acorrerem aos templos, logar proprio para as suas exhortações piedosas.²²⁷

A reportagem acima traz uma crítica às preces religiosas que pediam a São Sebastião para que intercedesse pelo fim da varíola em Belém, pois tais procissões que aconteciam em grupos avolumados de pessoas representavam o risco de contágio ainda maior da doença. No entanto, a principal queixa realizada parecia ser pelas preces serem feitas publicamente nas ruas e não nas igrejas e capelas, locais que eram considerados apropriados para esse tipo de manifestação de fé. No dia 19 de novembro do referido ano, o jornal já noticiava que as preces pelo fim da epidemia estavam acontecendo dentro das igrejas. No entanto, no dia 21 de

²²⁶ Diário de Notícias, 21/10/1888, p. 2.

²²⁷ Folha do Norte, 15/11/1905 p. 2.

novembro a *Folha do Norte* voltava a noticiar sobre as preces religiosas que percorriam as ruas da cidade, publicando que:

Continuam a percorrer as ruas de Belém, a noite, grupos de pessoas, de velas acesas, entoando preces a São Sebastião. São estes os versos que os populares cantam:

Imagem de Christo
 Meu Santo Varão
 Livrae nos da peste
 Meu São Sebastião.
 Valei-me, Mãe Gloriosa,
 Socorrei os filhos seus
 Dos nossos grandes pecados
 Pedimos perdão a Deus²²⁸.

Em Belém, desde o século XVIII, haviam procissões para pedir o fim da epidemia. De acordo com o historiador Otaviano Vieira, nos anos de 1748 a 1750, Belém foi marcada por uma intensa epidemia que vitimou boa parte da população da época. Durante o período de contágio, a cidade fora apresentada como um paraíso violado, perdendo seu estado paradisíaco e vista como um purgatório. Havia nesse contexto uma perspectiva religiosa, que associava a origem das doenças como fruto do castigo divino. Portanto, era necessário dialogar com o sagrado e pedir aos céus para que a cidade voltasse ao seu estado paradisíaco.

Assim, neste contexto epidêmico, Belém foi marcada por inúmeras missas, procissões, novenas e sermões, pois acreditava-se que a epidemia era produto do castigo divino, sendo necessário clamar aos céus para pôr fim a doença²²⁹. Todavia, nota-se que ainda que as procissões permaneçam no século XIX, havia um contra discurso médico se impondo contra essa prática de cura e, por sua vez, a medicina se impondo como controladora da cura.

É válido destacar o papel da religião em momentos de epidemia, que servem de suporte em meio às perdas de entes queridos, a possibilidade da morte ou como uma esperança de intervir no curso da epidemia, como é o caso dos populares paraenses que saíam às ruas clamando para que São Sebastião acabasse com a peste. Aliás, cabe destacar a importância dos santos nestes momentos, pois haviam aqueles que eram considerados capazes de intervir sobre doenças específicas, como é o caso do São Sebastião, considerado santo antipestilencial²³⁰.

²²⁸ Folha do Norte, 21/11/1905, p. 2.

²²⁹ VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. “Parecia que até o céu se fatchara ao clamor do povo aflito”: epidemia no Grão-Pará (1748-1750). *História Unisinos*, v. 26, n. 1, p. 28-38, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/hist.2022.261.03>.

²³⁰ SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres. A crônica da espanhola em Belo Horizonte. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (Orgs). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004.

De acordo com Jean Delumeau, as pessoas estabeleceram uma relação entre a morte de São Sebastião, que havia morrido crivado de flechas, com a proteção do santo contra as enfermidades. Assim, explica que desde meados do século VII, ele havia sido invocado contra as epidemias, mas foi a partir de 1348 que seu culto ganhou ainda maiores proporções²³¹. Delumeau traz ainda uma descrição de um padre português à figuração de São Sebastião, afirmando que:

A imagem do santo mártir tem também uma chave suspensa a uma flecha que lhe transpassa o coração; essa chave lhe foi remetida pelo senado municipal durante a peste que grassou há setenta anos – Deus nos proteja e seu retorno – afim de que o santo livre esta cidade de tão grande mal, como o fez deste então até o presente. Desse modo, ninguém ousa retirar-lhe essa chave.²³²

Assim como em outros contextos e localidades, em Belém também se recorria a São Sebastião durante as epidemias, por ser considerado o “advogado da peste, da fome, da guerra e do mal das águas da companhia”²³³. O santo, considerado capaz de interceder pelas principais mazelas que flagelavam a população paraense, deu seu nome ao hospital destinado ao tratamento dos variolosos, fundado em 1898 durante a gestão do governador José Paes de Carvalho. O hospital estilo barraca-campanha contava com 120m de comprimento e 22m de largura²³⁴, sendo todo de madeira e pintado em cores claras, como podemos ver na imagem a seguir:

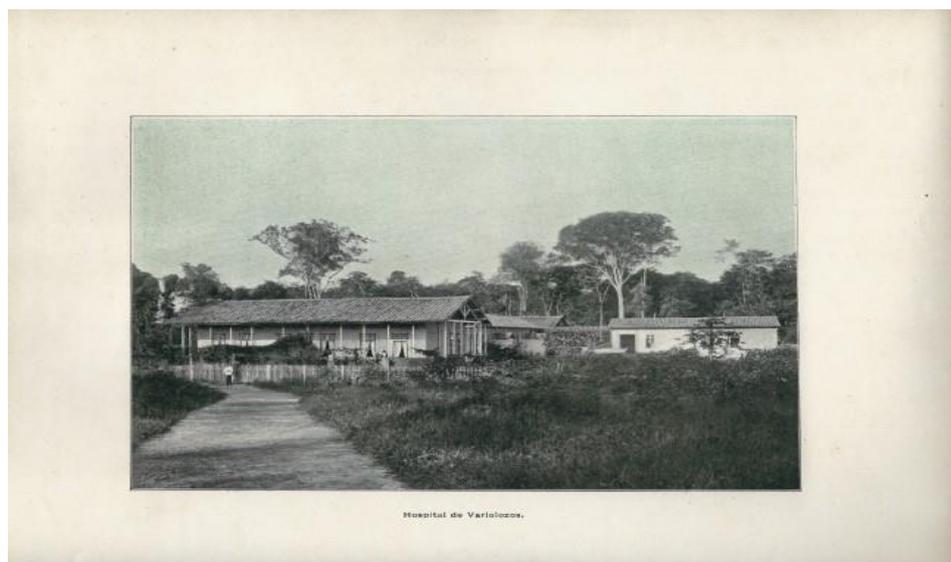
²³¹ DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

²³² *Ibid.*, p. 168.

²³³ Diário de Notícias, 17/01/1897, p. 3.

²³⁴ VIANNA, Arthur. **Epidemias no Pará**. 2. ed. Belém: UFPA, 1975.

Figura 1 – Hospital dos Variolozos



Fonte: Lemos; Fidanza, 1902.

Cabe pontuar que se o início de uma epidemia era compreendido como uma vontade divina em muitos contextos, o momento em que os obituários começavam a apontar o declínio era também muitas vezes entendido como fruto da misericórdia divina, como fica perceptível em uma matéria publicada em 1885 no *Diário de Notícias*, que trazia a seguinte constatação: “Pelo que se nota no obituario, parece que a Divina Providencia, compadecendo-se do nosso povo, pôz termo á marcha destruidora da varíola”²³⁵.

Assim, a doença, que provocava alterações no cotidiano, perda de entes queridos, medo da morte iminente e apoio na religiosidade, mobilizava setores da sociedade na busca por respostas para o surgimento da enfermidade. Na seção a seguir, buscaremos mostrar as principais causas atribuídas às epidemias de varíola em Belém.

3.2 “Estamos invadidos pela epidemia de varíola”

Dentre os comportamentos coletivos em tempos de peste, um dos mais recorrentes é a busca pelo que Jean Delumeau denominou de bode expiatório. A vasta literatura²³⁶ da história

²³⁵ Diário de Notícias, 22/05/1885, p. 2.

²³⁶ Sobre a literatura consultar: DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009; ROSENBERG, Charles. **Explaining epidemics and other studies in the history of medicine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995; BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo**. Campinas: Unicamp, 2004; SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres. **A crônica da espanhola em Belo Horizonte**. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (Orgs). **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

das doenças tem mostrado que as tentativas de encontrar culpados para a eclosão de epidemias ou pandemia são recorrentes durante estes eventos. As epidemias de varíola que impactaram a vida da população paraense entre a segunda metade do século XIX e início do século XX seguiram um padrão semelhante às demais epidemias na tentativa de encontrar teses explicativas para um acontecimento tão devastador numa cidade que almejava ser exemplo de salubridade. É dessa forma que os migrantes cearenses vão ser vistos como responsáveis por trazer a varíola para Belém e constantemente associados à doença como um grupo que poderia apresentar risco de contágio, como fica evidenciado na seguinte reportagem em que pedia providencias, pois:

No marco da Légua existe uma população superior a 600 almas, compostas em grande parte de cearenses não vacinados.

Seria de toda a conveniencia que a presidencia providenciasse a respeito.

A companhia urbana tem estabelecido 7 viagens para aquella localidade, sendo 3 pela manhã e 4 á tarde.

Com transporte fácil, é imperdoável que se deixe aquella população sujeita a ser atacada d'um momento para outro de variola.

Bem lembrado.

A variola continua a fazer victimas, principalmente no 3 districto, onde trabalho de vacinação pouco aproveitou.

Se a epidemia não extinguir-se agora, com a mudança de estação, com certeza, com a entrada do verão, ella terá de desenvolver-se.

Trabalhe-se, pois, na vacinação e revaccinação que a epidemia sera suffocada.²³⁷

Já durante a epidemia de varíola de 1888, o mesmo periódico publicara um relato do Sr. Dr. Uchôa, responsável pelo serviço de vacinação, em que solicitava que a imprensa compreendesse os esforços empreendidos tanto por ele quanto por seus colegas de ofício para vacinar a maior parte da população. Entretanto, alertava para as dificuldades do serviço e pedia compreensão pois:

E' grande exigencia querer que três médicos no curto espaço de 40 dias tenham vaccinado a população de nossa capital, que já não é tão pequena como parece á primeira vista, e sobre tudo não contando com o concurso de habitantes que algumas vezes negam-se, ou não procuram os medicos encarregados da vacinação.

Que a epidemia da variola tem estacionado e mesmo declinado sensivelmente é um facto que não se póde contestar e só se póde attribuir isso á vacinação ultimamente feita, e que de hoje em diante será procedida em maior escala pelos medicos ultimamente commissionados pelo governo.

Nota-se mais que no numero dos fallecidos diariamente conta-se sempre tres e mais cearenses ou maranhenses, gente recentemente chegada a esta capital e que não são na maior parte vaccinados por serem dos sertões d'aquelas províncias.

Pará, 28 de novembro de 1888

Dr. João Uchôa.²³⁸

²³⁷ Diário de Notícias, 13/05/1884, p. 2.

²³⁸ Diário de Notícias, 28/11/1888, p. 3.

Os casos acima trazem informações sobre a vacinação nos anos de 1884 e 1888, que foram marcados por intensa epidemia de varíola e, como próprio dessa dinâmica da epidemia, suscitou debates sobre medidas profiláticas, dentre elas aquela escolhida como mais profícua pelo poder público, a vacinação. A primeira fonte chama atenção para o alto índice de não vacinados do Marco da Légua, sendo que boa parte desses não vacinados eram cearenses. O articulista traz em sua fala uma denúncia para que o poder público se responsabilize em vacinar aquela população para que a epidemia possa ser sufocada, pois, do contrário, ela iria atingir proporções ainda maiores com a chegada do verão.

Já o Dr. Uchôa parece encontrar nos cearenses e maranhenses uma desculpa perfeita para o insucesso da vacinação em Belém, atestando que apesar do crescimento populacional de Belém nas últimas décadas, os poucos médicos responsáveis pela campanha de vacinação estavam conseguindo pôr em curso a imunização da população, o que pode ser comprovado pelos obituários, em que apareciam sempre um quantitativo expressivo de cearenses e maranhenses, população adventícia que, segundo o médico, não estão em dia com a vacinação por serem dos sertões do Ceará e Maranhão.

Dessa forma, fica perceptível na fala do médico como ele utiliza a população imigrante, sobretudo aqueles que vinham do Ceará e do Maranhão, como uma comprovação para mostrar que ao contrário do que a imprensa propagava, a vacinação estava sim dando resultados e sendo realizada regularmente tanto por ele quanto pelos Drs. Godinho e Lima Guimarães, justificando que: “Já invoquei o testemunho dos moradores de diversas ruas por onde tenho vacinado grande numero de pessoas, e creio que até hoje não houve quem contestasse que avançamos”²³⁹. Dr. Uchoa afirma, inclusive, que a epidemia estaria declinando e que isso era incontestável e graças à vacinação, pois as principais mortes seriam dessa população externa que não havia sido imunizada em sua terra natal.

De acordo com Franciane Lacerda, a presença dos migrantes cearenses na capital mobilizava uma série de medidas emanadas tanto pelos poderes públicos quanto pela própria população paraense na tentativa de ajudar os recém-chegados que vinham em grandes quantidades para a cidade. Dessa forma, medidas como doação de remédios, internação de doentes, esmolas e a própria vacinação, como podemos ver nas reportagens citadas acima, são ações frequentes que tinham como objetivo manter o controle e a ordem. Além disso, as teorias higienistas da época, o medo dos miasmas, das aglomerações, entre outros, provocava um

²³⁹ Diário de Notícias, 28/11/1888, p. 2.

alarde entre as autoridades sempre que se anunciava mais uma seca no Ceará e, conseqüentemente, a vinda de migrantes para o Estado.²⁴⁰

A chegada dos migrantes cearenses à capital paraense provocava um medo das chamadas ações de multidão. O historiador Francisco Neves analisou a multidão como sujeito político na capital cearense no período entre as secas de 1877 e 1915, mostrando de que forma esse contexto, marcado por uma remodelação urbana de Fortaleza baseada nas noções de civilização e progresso, estava ameaçado pela constante presença dos retirantes da seca, que se contrapunham ao que era entendido como sinal de progresso e civilização.

O autor mostra como a vinda em massa desses retirantes para a capital cearense provocava o medo das ações que poderiam ser encabeçadas por esse grupo social que, composto por sujeitos que eram vistos como miseráveis, doentes, famintos e que, portanto, poderiam atacar casas e comércios e liderar uma verdadeira rebelião ou um levante geral dos pobres. A elite intelectual da época, dentre eles o farmacêutico cearense Rodolpho Theophilo, viam uma correlação entre a pobreza e a criminalidade, visto que o crime passa a ser entendido como uma forma de confronto à situação de extrema miséria em que viviam os retirantes para que pudessem sobreviver²⁴¹.

A historiadora Kênia Rios²⁴² abordou de que forma a seca de 1930 ocupava espaço na imprensa de Fortaleza e colaborou para disseminar o pavor da chegada dos retirantes na capital cearense e como esse sentimento de temor aos pobres da seca virou hábito entre a classe dominante local. De acordo com a autora, os textos jornalísticos ampliavam esse sentimento de medo em relação à chegada dos flagelados.

Semelhante situação podemos observar em Belém na segunda metade do século XIX e início do século XX com as matérias publicadas nos principais periódicos da época, que serviam ainda mais para engrossar esse estereótipo do migrante cearense enquanto flagelado, doente e miserável. No ano de 1884, em que Belém novamente atravessava uma grave epidemia de varíola, o *Diário de Notícias* expunha o caso do cearense Joaquim Lopes Barbosa, informando que:

²⁴⁰ LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. 2006. 346 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16072007-105321/pt-br.php>.

²⁴¹ NEVES, Frederico de Castro. Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877-1915). **Trajeto** (UFC), Fortaleza, v. 6, n.6, p. 113-138, 2005.

²⁴² RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

O subdelegado do 2 distrito do Anajás communicou ao dr. chefe da policia que desapareceu de um barracao, no rio Carumbé, n'aquele districto, onde se achava em tratamento, o cearense Joaquim Lopes Barroso, que d'esta cidade havia seguido para o dito logar e foi acometido de variola; sabendo-se apenas que o enfermo internou-se pelas matas, na ocasião em que com a febre delirava.²⁴³

Mas casos como esse estavam longe de ser isolados, pois no mesmo jornal e ano era noticiada mais uma ocorrência de um suposto cearense que se encontrava abandonado na rua sem que fosse, entretanto, divulgado suas condições de saúde ou o motivo pelo qual estava no estado em que foi encontrado, o qual era o seguinte:

Perto da casa do subdelegado do 3 districto, e em frente á residencia do secretario do governo, esteve achado desde anteontem um desgraçado, que parece ser cearense e mendigo. Passou dia e noite ali, suportando sol e chuva, sem haver a quem d'elle se compadecesse fazendo-o recolher á Santa Casa.²⁴⁴

Marta Emisia Jacinto buscou compreender as articulações entre seca e pobreza no final do século XIX e início do século XX e de que forma a imprensa e fotografia atuaram na rede de produção dessa memória. A autora mostra de que maneira os relatos sobre a seca nos meios de comunicação se desdobraram em outros problemas como fome, miséria e doenças e, portanto, buscou compreender como essas imagens foram convenientes para produzir uma memória sobre hábitos alimentares e formas de corpos que, ao serem referenciadas nos períodos de estiagem, definiram o lugar de atraso daqueles que sofriam com as mazelas da seca.²⁴⁵

Não raro nos periódicos paraenses eram veiculadas as situações em que se encontravam os migrantes cearenses na capital cearense. Boa parte desses relatos mostravam situações precárias nas quais esses indivíduos se encontravam, quase sempre sendo adjetivados como “infeliz”; “miserável”; “desgraçados”, dentre outros. As características às quais esses sujeitos eram assemelhados na imprensa e as condições em que viviam contribuía para veicular esse grupo social como uma nação de flagelados. No ano de 1884, novamente o *Diário de Notícias* publicara a situação em que se encontrava uma cearense. Dessa vez trazia o caso de uma mulher conhecida como Anna Maria da Conceição, a qual havia sido encontrada no seguinte estado:

Hontem, ás 6 horas da manhã, foi encontrada morta, em uma espelunca á travessa d'agua das flores, a cearense Anna Maria da Conceição.

²⁴³ Diário de Notícias, 05/07/1884, p. 2.

²⁴⁴ Diário de Notícias, 17/02/1884, p. 2.

²⁴⁵ BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Imprensa e fotografia: imagens de pobreza no Ceará entre final do século XIX e início do século XX. **Projeto História**, v. 24, São Paulo, 2002.

O 1 delegado de policia fez transportar o cadaver da infeliz para o hospital da Santa Casa, de onde seguio para o cemiterio de Santa Izabel, depois de proceder-se a corpo de delicto pelo sr. dr. inspector da saude publica.²⁴⁶

A reportagem trazida pelo periódico sobre a morte da cearense Anna Maria da Conceição é bastante sugestiva para pensar na realidade desses migrantes em relação às doenças na capital paraense. O ano de 1884 é marcado por forte epidemia de varíola que vitimou boa parte da população paraense, embora a matéria não faça nenhuma associação entre a epidemia e a morte de Ana. Contudo, traz algumas reflexões sobre os infortúnios em que boa parte dos cearenses que migraram para o estado no século XIX encontraram por aqui.

O próprio local onde Anna Maria foi encontrada morta atesta para essas condições precárias. Segundo o articulista do jornal, a cearense fora encontrada sem vida em uma “espelunca”, termo utilizado para se referir às habitações consideradas insalubres e, como já analisado anteriormente, a maioria das moradias desses migrantes eram as hospedarias e cortiços, consideradas como foco de miasmas e, portanto, proliferadoras de doenças²⁴⁷. Já em 1888, o mesmo periódico trazia um triste relato sobre a situação em que se encontrara a cearense Rosa Maria dos Anjos e também seu filho, conforme podemos apresentado na seguinte descrição: “A cearense Rosa Maria dos Anjos, achando-se enferma e sem meios para poder tratar-se em sua casa, apresentou-se á policia, pedindo que mandassem n’a recolher, com um seu filho menor, de 2 annos, ao hospital da Caridade”.²⁴⁸

Novamente o jornal apresenta a cruel realidade que enfrentavam esses migrantes em relação às doenças na capital paraense. Dessa vez a cearense Rosa Maria encontrava-se doente e sem recursos para que pudesse custear seu tratamento. De acordo com Magda Costa²⁴⁹, as epidemias desenvolvidas na segunda metade do século XIX fizeram surgir na sociedade paraense uma preocupação em relação à saúde coletiva, em que tanto a assistência médica quanto a assistência caritativa, na atenção que ofereciam aos enfermos pobres, procuravam, sobretudo, afastar e isolar os focos do que se acreditavam como perigosos às condições de saúde de toda a sociedade.

²⁴⁶ Diário de Notícias, 28/05/1884, p. 2.

²⁴⁷ No livro *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista. Brasil 1890-1930*, a historiadora Margareth Rago analisa no quarto capítulo como as habitações populares foram alvos do que a autora chamou de disciplinarização do proletariado por meio das classes dominantes, representados pela burguesia industrial, higienistas e o poder público.

²⁴⁸ Diário de Notícias, 17/06/1888, p. 2.

²⁴⁹ COSTA, Magda Nazaré Pereira da. **Caridade e saúde pública em tempo de epidemias**. Belém 1850-1890. 2006. 108 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

O hospital de caridade, ainda de acordo com a historiadora, incorporado à Santa Casa de Misericórdia no ano de 1807, atuou como forma de assistência social aos pobres enfermos, indigentes, miseráveis, migrantes sem recursos que não tinham como custear um tratamento para a enfermidade que os atingia. Como visto no capítulo anterior desta dissertação, o relatório apresentado à presidência da província de 1878 mostra que existiam no Hospital da Caridade um número expressivo de migrantes cearenses acometidos das mais variadas enfermidades.

Cabe destacar que a relação dos migrantes cearenses com a varíola estava marcada no cotidiano da cidade, na qual aqueles que eram acometidos nem sempre recorriam ou tinham condições de recorrer aos hospitais para o tratamento de sua enfermidade, como é o caso trazido pela *Folha do Norte*, em 1905, sob o título *Variola – triste lua de mel* de uma moça de aproximadamente 16 anos de idade cujo nome era Alexandrina e sua mãe, uma mulher cearense, conhecida no bairro como Velha Uruçú.

No caso apresentado pelo jornal, o Dr. Albino Cordeiro Junior, então delegado sanitário que estava encarregado de desinfetar as casas do quarteirão infectado pela varíola na Avenida Almirante Tamandaré, recebeu uma denúncia de um dos desinfetadores, que na noite anterior quando fazia a remoção de uma variolosa na casa de n.10, estava deitada, doente, “uma moça e que apresentava os característicos do morbus que assola essa cidade”. Recebendo a denúncia, o delegado sanitário dirigiu-se ao endereço, mas já não encontrara a doente, apesar de ter revistado toda a casa. Ao não encontrar a variolosa, Dr. Albino Junior foi informado por uma moradora que a enferma “havia saído para a inspectora da hygiene afim de se vacinar”²⁵⁰. Segundo o articulista, a resposta parece ter deixado o delegado sanitário satisfeito apesar que a mulher estava mentindo, mas seguiu fazendo a desinfecção de quase todas as casas, o que, segundo consta, foi feito sem reclamação alguma dos moradores.

É então que a história ganha uma reviravolta, pois decorrida uma hora que o pessoal da higiene havia se retirado e os comentários na rua sobre o desaparecimento da moça haviam cessado, eis que volta o Dr. Albino Junior “acompanhado de duas praças, e surpreende no portão a tal mulher occultadora dos variolosos, e que é conhecida no bairro por Velha Uruçú”. Conforme informa o periódico, não deu nem tempo de a mulher fugir, pois rapidamente o Dr. Albino Junior entregou-a aos praças, que a encaminharam para a chefatura de segurança, onde ficou detida. Posteriormente, o médico encontrou a moça que estava com varíola em um quarto da casa.

²⁵⁰ Folha do Norte, 12/01/1905, p. 2.

A moça que estava sendo ocultada pela Velha Uruçú chama-se Alexandrina, “tem 16 anos de idade mais ou menos e ainda no ultimo sabado contrahira nupcias com a praça do corpo auxiliar do Estado”. Alexandrina fora removida para o Hospital de Isolamento pelo Dr. Albino Junior e o delegado sanitário Bernardo Rutowicz cuidou de vacinar e revacinar os moradores deste quarteirão. No final da matéria, o articulista chama atenção para a responsabilidade dos moradores do bairro em relação à proliferação da varíola no perímetro, alegando que “Não resta duvida que a contaminação do mal nessa pobre gente foi devida á imprevidencia, a um mal entendido terror ás medidas de saneamento”, responsabilizado principalmente a Velha Uruçú “que é a mãe das mulheres variolosas”. E finaliza com um apelo pedindo que fiquem só nesses casos “e que não tenham peor consequencia esse consentimento”, trazendo um alerta para a população paraense sobre os perigos de ocultar pessoas acometidas de varíola.

O caso denunciado na reportagem acima chama atenção sobretudo para a relação dos populares paraenses com as medidas encaminhadas pelo poder público para conter a proliferação da varíola; no caso, o isolamento. De acordo com Jairo Silva²⁵¹, havia uma grande desconfiança entre as classes populares em relação às políticas de saúde encaminhadas pelo poder público e, conseqüentemente, uma forte rejeição a essas medidas em função dos desacertos, do caráter autoritário dessas políticas como também pela existência de práticas alternativas de cura que se apresentavam como alternativa às políticas oficiais. Conforme analisou o historiador, a cada nova epidemia de varíola, intensa era a cobrança por parte da imprensa para que as autoridades responsáveis colocassem em prática o isolamento dos indivíduos infectados pela doença e a intensificação do discurso higienista aumentou ainda mais essa cobrança.

Entretanto, esta ação fiscalizadora recaía quase que exclusivamente sobre os mais pobres, que embora não proovessem dos recursos necessários para arcarem com um tratamento particular, recusavam as políticas públicas, mesmo no início do século XX²⁵², como podemos atestar no caso da jovem Alexandrina, ocultada pela sua mãe, conhecida no bairro como Velha Uruçú.

O caso da filha variolosa ocultada por sua mãe ganhou as páginas dos jornais por vários dias. No dia 14 de janeiro de 1905, dois dias após o primeiro acontecimento que envolvia as

²⁵¹ SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. **Da Mereba Ayba à varíola: isolamento, vacina e intolerância popular em Belém do Pará, 1884-1904**. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4580>.

²⁵² *Ibid.*

duas mulheres, a *Folha do Norte* apresentou uma nova reviravolta na história. A conhecida Velha Uruçú, que havia sido encaminhada para a chefatura de segurança onde ficou detida por esconder Alexandrina, sua filha de 16 anos que havia contraído a varíola, também acabou contraindo a doença. Dizia a reportagem que “A Velha Uruçú, que quizera ocultar aquela assim como duas outras suas filhas, consoantes já noticiamos, e que por esse motivo fôra presa á estação de segurança, foi dahi levada, com febre alta para o Hospital da Caridade”. A matéria ainda informa que ao manifestar claramente as bexigas “na pobre mulher”, esta foi removida para o Hospital São Sebastião onde “se acham tambem em tratamento suas trez filhas”.²⁵³

A segunda matéria aponta para a questão de que Alexandrina não havia sido a única filha da Velha Uruçú que estava sendo ocultada pela mulher, visto que ao noticiar a remoção desta para o Hospital de isolamento, a reportagem informa que lá estavam também em tratamento as três filhas da mulher. Mas o que levava a Velha Uruçú esconder do delegado sanitário que sua filha havia contraído a doença contagiosa e, assim, correr o risco de também ser acometida pela mesma moléstia, como dias depois acabou acontecendo?

As razões desse comportamento aversivo a prática do isolamento, por parte dos populares, a quem era principalmente destinado essas medidas, vão muito além da “ignorância” ou “desleixo higiênico”, como nos mostra a historiografia sobre o tema. Dentre alguns fatores que explicam essa postura, podemos citar a condição dos hospitais e enfermarias destinados ao tratamento desses enfermos. Inicialmente, para o tratamento dos variolosos, existia a enfermaria José Bonifácio, que era alvo de críticas em função das instalações inadequadas e por não conseguir atender à demanda do crescente número de variolosos. O Hospital de Isolamento destinado a estes doentes também recebeu inúmeras críticas da população.

Cabe destacar ainda que a política de isolamento era marcada por um caráter autoritário, visto que as remoções eram obrigatórias, além de causar sentimentos como constrangimento, sofrimento e desconforto. Além disso, era expressivo o número de mortes ocorridas nas enfermarias ou hospitais criados pelo poder público, o que intensificava o sentimento de que quem era encaminhado para estes locais não retornaria²⁵⁴, como foi o caso da própria Alexandrina.

Dez dias após noticiar que Velha Uruçú fora encaminhada da detenção para o Hospital de Isolamento por ter contraído a varíola, assim como as suas filhas, as quais havia ocultado do

²⁵³ Folha do Norte, 14/01/1905, p. 2.

²⁵⁴ SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. **Da Mereba Ayba à varíola: isolamento, vacina e intolerância popular em Belém do Pará, 1884-1904**. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4580>.

serviço de remoção de variolosos, a *Folha do Norte* comunicava aos seus leitores, em matéria intitulada *Variola lua de...lucto* que “No Hospital de isolamento falleceu, no sabado ultimo, a desaventurada mocinha Alexandrina Maria de Araujo”. O jornal lamentara a morte de Alexandrina, que havia se casado há 4 dias, sem deixar de responsabilizar a mãe da jovem pelo acontecido, afirmando que “O seu mal fora se agravando dia a dia, rapidamente e ainda mais com a commoção recebida pelo terror de ser recolhida ao isolamento e pela fuga a que obrigara sua mãe, a velha Uruçú, que afinal alli tambem se acha acommettida de varíola”²⁵⁵. E, por consequência disso, transformou-se uma lua de mel em lua de luto. A reportagem ainda comunica que a primeira das variolosas removidas da Avenida Almirante Tamandaré, de nome Jesuina, que era irmã das duas outras que já faleceram, havia recebido alta no último sábado, sendo removida para a casa n. 10. Entretanto, seu estado de saúde ainda era visto como preocupante, pois a febre não a deixava.

Sob o título “Variola: consequências do terror – A velha Uruçú”, no dia 30 de janeiro de 1905, mais de 15 dias após a primeira notícia, o caso da mulher conhecida como ocultadora de variolosos ganhava um triste desfecho nas páginas da *Folha do Norte*. A reportagem anunciava logo no início que “vae tendo um triste fim aquella pobre gente moradora da casa n. 10, que por sua imprevidencia, junta a um mal entendido terror pelas medidas sanitarias postas em pratica para debelar a variola, se oppoz a estar formalmente”. O articulista já inicia defendendo que o trágico fim da história desta pobre gente era culpa de seu próprio descuido, bem como de uma ignorância em relação às políticas de saúde encaminhadas pelo poder público para conter a proliferação da varíola.

O jornalista traz uma retrospectiva de todo o caso para os leitores, apontando para o momento em que Jesuina Maria da Conceição, uma das filhas da Velha Uruçú e que estava em constante contato com a sua mãe, havia sido acometida pelo flagelo que assolava a capital paraense. De acordo com o jornal, o Dr. Albino Cordeiro Junior tomou as providencias necessárias, removendo a bexigosa, e interditou o compartimento que estava sendo ocupado por Jesuina. Entretanto, “nem bem o medico virara as costas, a velha Uruçú violava a interdicção, abrindo o aludido compartimento e retirando a rêde e peças de roupa da variolosa que foram conduzidas para a casa n. 10 e dahi lavadas sem as precauções hygienicas”.

A prática de isolamento dos variolosos, que atingiu seu apogeu nos primeiros anos do século XX, também ganhou novas características, com o que ficou conhecido como “cordão sanitário”, que consistia não só no isolamento dos doentes, como também de sua casa, rua e

²⁵⁵ Folha do Norte, 24/01/1905, p. 2.

bairro, além de impedir o trânsito de pessoas nessa localidade²⁵⁶. Foi justamente o que aconteceu na avenida em que moravam a Velha Uruçú e suas filhas, as quais foram vitimadas pela varíola, sobrevivendo apenas uma ao que se sabe. Entretanto, como podemos observar na reportagem, tal isolamento não foi respeitado pela mãe das enfermas, que adentrou o espaço que estava isolado para buscar os pertences de suas filhas, como a rede e peças de roupas. Tal atitude foi duramente criticada pelo periódico e, mais uma vez, a postura da mulher era considerada como fator primordial para o que viria acontecer com suas filhas e consigo mesma dias depois, pois, segundo o jornal: “Dahi a onze dias era acometida de variola uma irmã de Justina, em estado de gravidez e um dia após mais outra, a infeliz moça que dias antes se casava”. Ainda dizia o jornal que “A velha Uruçú, que empregava todos os meios para evitar que a ultima filha fosse removida para o hospital de Isolamento, foi conduzida presa para a estação de segurança, ahi no xadrez, manifestou alteração mental, sobrevindo-lhe violenta febre”.

Ao concluir esse lamentável caso que assolara os moradores da Avenida Tamandaré, que já tinha vitimado duas filhas da Velha Uruçú, a matéria informava que esta “recebida ao hospital de caridade, no dia seguinte appareceram-lhe as bexigas, sendo transportada para o isolamento. Morreu na madrugada de hontem”. A mulher, conhecida por todos em seu bairro como Velha Uruçú, se chamava na verdade Maria Ignacia de Araujo. Era cearense, viúva e tinha 48 anos de idade. A matéria serve para ilustrar também de que forma esses cearenses estavam lidando com a doença, especificamente a varíola, na capital paraense, a partir da história da Maria Ignacia, natural do Ceará, conhecida como Velha Uruçú, que segundo informou a *Folha do Norte* “não foram poucos os trabalhos que a infeliz dera, devido ao seu estado de loucura furiosa”²⁵⁷.

A população migrante, destacadamente a de cearenses, gerava uma preocupação para o poder público, como já analisado anteriormente. Os migrantes eram associados como culpados por várias mazelas que atingiam a cidade, sendo a doença só mais uma dessas. Neste caso, podemos pensar como o fato de ser cearense interage na representação de Maria Ignácia. Conhecida no seu bairro como Velha Uruçú, a cearense estava representando uma ameaça à salubridade da capital ao ocultar suas filhas que haviam contraído varíola. Ao se mostrar

²⁵⁶ SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. **Da Mereba Ayba à varíola: isolamento, vacina e intolerância popular em Belém do Pará, 1884-1904**. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4580>. p. 91.

²⁵⁷ Folha do norte, 30/01/1905, p. 2.

contrária às políticas de saúde consideradas profícuas pelo poder público, a cearense foi, inclusive, representada como alguém que sofria de *loucura furiosa*.

É certo que casos como o da cearense conhecida por todos do seu bairro como Velha Uruçú e de suas filhas não eram incomuns nas páginas dos jornais e, frequentemente, haviam denúncias sobre casos de pessoas que estavam ocultando enfermos de varíola. Assim, ainda em 1905, a *Folha do Norte* informava que havia recebido informações de que na rua Demétrio Ribeiro existiam diversos casos de varíola que estavam sendo tratados ocultamente, consistindo em grave perigo de contaminação. O jornal fazia um apelo para que os moradores que soubessem de casos não deixassem de enviar suas denúncias, ressaltando *que* “Lembramos á população que o regulamento sanitario pune com a multa de 500\$ e prisão ás pessôas que occultarem em suas casas pessôas accometidas de varíola”.²⁵⁸

O medo da remoção para o isolamento parecia, inclusive, criar uma rede de solidariedade entre aqueles que eram os principais alvos dessas políticas públicas, como podemos ver em um caso narrado pelo *Diário de Notícias* cujo título era “O dia do benefício é a vespera da ingratidão”. A reportagem trazia a história de duas mulheres que moravam na rua do Rosario, sendo que uma delas havia sido atacada de varíola, assim “sua companheira, condoendo-se do seu estado, tratou-a como filha, não consentindo que a levassem para o hospital”. Entretanto, logo após de curada, revela-se um caso de ingratidão, pois “esquecendo-se de tantos benefícios, convidou a uma sua amiga para dar pancadas na sua bemfeitora”²⁵⁹.

Casos como esses apareciam frequentemente nas páginas dos principais periódicos e eram alardeados principalmente em função do risco que a presença desses enfermos atacados de varíola representava quando em contato com outros cidadãos. Portanto, a imprensa estava sempre vigilante e cobrando o poder público para que realizasse a remoção desses doentes para as enfermarias e hospitais encarregados. Entretanto, a resistência a essas medidas era forte entre os populares, como mostra outra matéria do *Diário de Notícias* no mesmo ano, em que uma mulher chamada Adriana, moradora da travessa Bom Jardim, era acusada de ter em sua casa duas doentes de varíola, ao que o articulista fazia um apelo, pois “sendo isso um perigo á vizinhança, pede-se á autoridade policial que as mande remover para o hospital José Bonifácio”²⁶⁰, evidenciando o caráter autoritário dessas remoções.

O medo das remoções para os hospitais e enfermarias que sentiam os populares não era injustificável, uma vez que alguns relatos atestam para as condições precárias dos espaços

²⁵⁸ Folha do Norte, 30/10/1905, p. 2.

²⁵⁹ Diário de Notícias, 25/05/1888, p. 3.

²⁶⁰ Diário de Notícias, 27/06/1888, p. 2.

destinados ao tratamento destes doentes. Uma reportagem trazida pelo *Diário de Notícias* no ano de 1887 mostra as condições em que estes enfermos eram tratados nesses locais, como é o caso de um migrante pernambucano, que estava instalado na enfermaria José Bonifácio e por lá mesmo acabou falecendo. Segundo o articulista, uma pessoa de inteira confiança havia informado ao jornal que há dois meses aproximadamente “fôra retirado em uma padiola do hospital destinado aos acometidos da variola (bexiga), estrada José Bonifácio, o cadaver de um pernambucano, victima d’esta terrivel epidemia, que ali fôra jogado sem que ao menos houvesse quem de si cuidasse! Infeliz creatura!”²⁶¹

Assim, além de configurarem como o principal alvo das políticas de saúde emanadas pelo poder público, os mais pobres também eram os principais atingidos por doenças como a varíola, como podemos ver nas inúmeras matérias de jornais que alertavam para os inúmeros casos de “*indigentes variolosos*”, como eram chamados nos jornais, aqueles que eram alvo das campanhas de caridade realizada pela elite paraense que, para além de mostrar seu ideal cristão ao ajudar os mais pobres, também buscava evitar que a varíola se propagasse ainda mais e fizesse vítima entre os membros das classes mais abastadas da sociedade.

Quando mais uma epidemia de varíola irrompia a capital paraense, o *Diário de Notícias* buscava mostrar aos seus fiéis leitores sobre “o estado enfermo em que se acha a infeliz população de Belém”²⁶². Seguindo um comportamento padrão aos contextos epidêmicos, o articulista buscava anunciar na matéria a “invasão” de mais uma epidemia da varíola, caracterizando a doença como uma “hóspede”, que “entraram na capital com a maior facilidade”. A utilização desses termos, portanto, traz a ideia de que a doença não seria natural de Belém, mas aqui chegou por outras vias. Ressalta também as providências que deveriam ser tomadas para “debelar a causa pestifera que nós produz um cem numero de males”. Sobretudo, chama atenção na matéria para as principais vítimas da matéria, pois, segundo o jornalista “A variola, essa terrivel destruidora da classe desfavorecida, parece que já fez estação permanente n’esta cidade”.

Em outra matéria publicada pelo mesmo periódico, informava-se para a constância com que a varíola ia fazendo vítimas na capital dia após dia, “existindo atacadas do mal, nos subúrbios muitas pessôas”²⁶³. O jornalista conclui a matéria informando que seria muito conveniente que as autoridades governamentais realizassem o quanto antes o serviço de vacinação e revacinação. Também não era incomum os jornais mostrarem as condições em que

²⁶¹ Diário de Notícias, 03/06/1887, p. 2.

²⁶² Diário de Notícias, 19/06/1888, p. 2.

²⁶³ Diário de Notícias, 22/02/1888, p. 3.

se encontravam alguns pobres enfermos, como é caso ilustrado pelo mesmo jornal do indigente Manoel Narciso de Brito, que estava “accommettido de variola, e já com ela toda vizível, esperando pelo carro para o conduzir ao hospital José Bonifacio”²⁶⁴. Segundo a reportagem, Manoel estava aguardando há um bom tempo as ordens para que fosse realizado o serviço de remoção, entretanto “ellas não foram dadas, porque, disque o telephone não funciona ou está interrompido. Já é muita misericórdia”.

Casos como o de Manoel não eram raros de serem retratados pelo jornal, que durante a epidemia de varíola de 1884 trouxe o caso de Torquata Maria da Conceição, uma indigente variolosa que desejava ser recolhida para a enfermaria José Bonifácio e, sendo assim, procurou a polícia para relatar o caso, onde lhe responderam que “não era possível transportar a enferma, em consequencia de se achar cheia aquella enfermaria”²⁶⁵. O jornalista indaga na reportagem, que mostra o descaso em que viviam as pessoas que não tinham recursos e que eram acometidas de varíola, “se é certo que a enfermaria José Bonifacio já não póde comportar mais camas e receber enfermos, para onde deverão ser transportados os indigentes variolosos?”.

Os inúmeros casos de indigentes acometidos de varíola que ganhavam as páginas dos jornais acabaram mobilizando a elite local, que precisavam estar em dia com seu ideal cristão e ser caridosos, mas, principalmente, também precisavam agir para conter o avanço da epidemia e ser mais uma vítima da terrível moléstia que assolava a cidade. É dessa forma que essa elite vai organizar uma série de eventos para arrecadar fundos para o tratamento dos chamados indigentes variolosos, como mostra uma matéria publicada pelo *Diário de Notícias* em 1883, em que anunciava-se que: “Recebemos um exemplar da bonita poesia escripta pelo dr. Julio Mario e recitada pela menina dr. Guilhermina Braule Freire da Silva no concerto musical promovido pela distincta pianista paraense D. Idalia França, em favor dos indigentes variolosos do Maranhão, e que teve lugar hontem á noite no salão do theatro da Paz. Agradecemos”.²⁶⁶

É importante destacar que muitos desses eventos, que visavam arrecadar fundos para os indigentes variolosos, aconteciam no Teatro da Paz, prédio que refletia as transformações urbanas que ocorreram em Belém na segunda metade do século XIX, fruto das riquezas proporcionadas pela economia gomífera. O espaço era principalmente utilizado para o entretenimento da elite intelectual do período e expressava o lado esplendoroso da Belle Époque²⁶⁷. Contudo, a promoção desses eventos nos revela o caráter excludente desse projeto

²⁶⁴ Diário de Notícias, 02/09/1888, p. 2.

²⁶⁵ Diário de Notícias, 15/02/1884, p. 2.

²⁶⁶ Diário de Notícias, 18/02/1883, p. 2.

²⁶⁷ SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas Produzindo a Belle-Époque** (1870 - 1912). 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2000.

modernizador, como nos mostra outra reportagem trazida pelo mesmo jornal, comunicando aos seus leitores que:

Vamos ter brevemente no nosso theatro um espetaculo, cujo produto será em beneficio dos variolosos indigentes.

Esta bonita e louvável idéa foi resolvida entre alguns moços de nossa sociedade, sendo escolhido para a recita projectada um drama do sr. Paulino de Brito e uma comedia do sr. Marques de Carvalho.

Felicitando os promotores de uma tal obra de caridade, felicitamos igualmente aos talentosos moços, cujos trabalhos literarios foram preferidos.²⁶⁸

Além disso, ganhara as páginas dos jornais na época a presença de um grupo musical composto por três pessoas que percorriam as ruas da cidade pedindo esmolas que seriam destinadas aos indigentes variolosos. De acordo com o *Diário de notícias*, “na tarde de domingo, sahio um grupo de moços mascarados, imitando os cegos lyricos, que ahi andam á esmolar a caridade publica”²⁶⁹. O jornal constantemente publicava a ações desse grupo e atualizava para os seus leitores a quantia que tais moços conseguiam arrecadar a cada saída e a atualização destes valores sempre que aumentava. Assim, no dia 26 de fevereiro, informava o jornal para o seu público que “a collecta produzio a quantia de 83\$560 rs, que nos foi hontem entregue para sel-a, com a primeira, á comissão de socorros públicos”.²⁷⁰

A situação da saúde dos indigentes não era nada satisfatória. No ano de 1888, em que forte epidemia de varíola tomava conta da capital paraense, o mesmo jornal informava sobre a mortalidade da cidade, comunicando que “Durante o semestre de janeiro a junho d’este ano, faleceram n’esta capital 1.373 pessoas, sendo 751 indigentes”²⁷¹. Ainda que o periódico não mencione a causa da morte destas 1.373 pessoas, sabemos que este ano foi marcado por um elevado índice de mortalidade causado pela varíola. Além disso, as matérias publicadas anteriormente atestam a quantidade de indigentes que foram vitimados pela bexiga, doença que estava associada às condições de vida às quais esses indivíduos estavam submetidos.

Ao analisar os impactos da gripe espanhola no cotidiano da cidade de Belo Horizonte, a historiadora Anny Silveira mostrou como os pobres ocuparam o lugar de “bode expiatório” durante a referida pandemia; entretanto não na posição de causadores da doença, como em outros contextos e outros grupos sociais, mas por contribuírem para a disseminação da enfermidade na cidade. Conforme analisou a autora, existia naquele contexto a noção de que

²⁶⁸ Diário de Notícias, 07/02/1884, p. 2.

²⁶⁹ Diário de Notícias, 19/02/1884, p. 2.

²⁷⁰ Diário de Notícias, 26/02/1884, p. 3.

²⁷¹ Diário de Notícias, 21/09/1888, p. 2.

miséria e sujeira eram sinônimas de doença, além das moradias em que residiam as classes pobres serem consideradas pelas concepções de higiene da época como prejudiciais à sociedade e contribuintes para a propagação de epidemias.

Outrossim, os pobres eram mal vistos por resistirem às políticas de saúde, por não recorrerem aos médicos e demais comportamentos que consistiam numa ameaça, pois impediam a ação das autoridades governamentais no controle à doença. O impacto da pandemia sobre os pobres, de acordo com Anny Silveira, mobilizou setores da sociedade que estavam movidos não apenas pelo altruísmo, mas pelo medo que a doença despertava.²⁷²

No intuito de frear o curso da epidemia de varíola e mostrar todo seu altruísmo, o bazar intitulado *Firmeza e Humanidade* promoveu, no ano de 1888, mais uma campanha de doação para aqueles que precisavam, dentre eles os enfermos de varíola. Assim, o *Diário de Notícias* veiculou que “os distintos cavalheiros, proprietários do Café Central, montaram um botequim no rez do chão do edifício, sendo o lucro das vendas aplicado em favor dos variolosos”. Além dos cavalheiros do café central, a matéria informava que “o sr. dr Miranda faz parte dos illustres clinicos que se offereceram a prestar serviços gratuitamente para os variolosos”²⁷³. As ações de caridade destinadas aos pobres que não tinham recursos para custear um tratamento considerado adequado para a varíola além de escancararem as desigualdades e a ineficácia da política de saúde do período, revelam os medos sociais que uma epidemia provoca em uma sociedade.

Sob o título *Grande cousa é ser nobre e grande! Triste cousa é ser pequeno e pobre!* Uma matéria publicada pelo *Diário de Notícias* trazia uma reclamação assinada pelos moradores da Pratinha que traziam uma reivindicação acerca da proibição do “transito de bexigosos pelas estradas de Nazareth e S. Jeronymo”, pois o mesmo seria realizado então pelas “*estradas da constituição e Conselheiro Furtado*”. A revolta trazida na reportagem era justificada pelo fato de as estradas em que seria realizado o trânsito de variolosos eram tão ou mais povoadas que as de Nazareth e S. Jeronymo, visto que “na pequena casa do pobre reside maior numero de pessôas do que no espaço do palacete do rico”.

Dessa forma, o risco de propagação da doença é tão provável nas estradas que foram proibidas quanto na Constituição e Conselheiro furtado, questionando então “Que distincção odiosa, medonha e insuportavel é esta?”. A matéria é finalizada com uma afirmação que permite ao leitor inferir sobre como as desigualdades ficam ainda mais escancaradas em contextos epidêmicos em que as políticas de saúde pública não são efetivas, pois:

²⁷² SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres. A crônica da espanhola em Belo Horizonte. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (Orgs). **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004. p.157

²⁷³ Diário de Notícias, 25/12/1888, p. 2.

Pois o pobre póde e deve correr o risco de ser acometido de bexigas e o rico não?
 Será possível que o governo trate de preservar do mal sómente a gente de Nazareth?
 Não! Isto não póde ser!
 Não nós importamos que os carros de bexiga passem pelos bairros dos pobres; mas o que não supportamos é que elles passem sómente por estes bairros. Queremos a indistincção, porque, não há quem tenha o direito de estabelecer distincção entre as classes da sociedade.

Moradores da pratinha.²⁷⁴

As epidemias de varíola em Belém entre a segunda metade do século XIX e início do século XX, embora com suas especificidades, que estão condicionadas ao contexto em que a doença fez seu cortejo, assemelham-se a outras epidemias, de varíola ou outras enfermidades, ocorridas em outro tempo e espaço. Isso ocorre pois os eventos epidêmicos podem gerar respostas sociais similares aos problemas impostos nestes contextos, ainda que em sociedades diferentes, como se fosse possível estabelecer uma noção do que é uma epidemia tendo como referência alguns padrões que são recorrentes durante estes eventos²⁷⁵. Dentre os comportamentos comuns em contextos epidêmicos, a busca por teses que explicam a aparição desses fenômenos estão sempre presentes na estrutura narrativa de uma epidemia. Em alguns contextos, a busca por elucidar o surgimento de uma doença contagiosa que atinge uma dada sociedade vem acompanhada pela responsabilização de um grupo ou a tentativa de encontrar causas exógenas para o aparecimento da enfermidade.

Ao analisar a dramaturgia da varíola em São Luís do Maranhão durante o século XIX, Mariza Bezerra identificou que existiam algumas teses explicativas para o desencadeamento da doença epidêmica na cidade, destacando algumas respostas dadas para a eclosão da bexiga, como os miasmas, tipo de “vício local” que favorecesse o surgimento da doença em São Luís, concepção de que o antigo cemitério era um foco irradiador da doença, mas havia principalmente a ideia de que a varíola havia sido importada para a região, sobretudo por meio daqueles que chegavam do Rio de Janeiro e Portugal²⁷⁶. Assim, percebemos que há uma certa tendência em depositar na imigração a causa para alguns problemas de ordem pública, no caso das doenças, como se o lugar de origem dos migrantes fosse sujo, subdesenvolvido.

²⁷⁴ Diário de Notícias, 25/11/1888, p. 3.

²⁷⁵ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (orgs). **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

²⁷⁶ BEZERRA, Mariza Pinheiro. A mortífera peste das bexigas: dramaturgia de varíola em São Luís. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; PIMENTA, Tania Salgado; MOTA, André. **No rastro das províncias**. Vitória: EDUFES, 2019.

A tese explicativa que buscava mostrar a presença da doença na região como fruto da importação de outros estados e regiões era comumente difundida na capital paraense, como vimos nos capítulos anteriores. Em 1888, o *Diário de Notícias* informava aos seus leitores assuntos pertinentes à salubridade da capital, comunicando que além das “pertinazes epidemias que ha annos perduram entre anos, febre amarella e beri-beri”, havíamos sido, durante o primeiro e o segundo semestre de 1887, “visitados pela variola, importada por um dos vapores da companhia brasileira, em fins de fevereiro ou março”.²⁷⁷

Como ficou explicitado nos capítulos anteriores, a principal causa para a eclosão das epidemias de varíola em Belém no referido contexto eram as correntes migratórias oriundas do Ceará. De acordo com Arthur Vianna, a horrível seca que devastou a província do Ceará elevou a migração deste grupo social para o nosso estado, abrangendo homens, mulheres e crianças que suplicavam por socorros, afirmando que: “Precisavam de roupa para cobrir o corpo, alimento para revigorar o organismo abatido, de remédios para curar as enfermidades, de empregos para ganhar a vida. Com eles emigrou a varíola”.²⁷⁸

Para buscar compreender os fatores que levaram à associação entre a varíola e a migração cearense para Belém, julgamos necessário analisar em que momentos esta doença se fez presente na capital cearense no contexto em que estes se tornam responsáveis pela eclosão da enfermidade na região que migraram. Segundo Barros²⁷⁹, o médico cearense Guilherme Studart verificou a incidência da varíola desde os tempos coloniais, registrando o aparecimento de surtos epidêmicos da doença nos anos de 1804; 1814; 1825; 1845; 1857; 1858; 1859; 1878 e 1890, sendo que a partir de 1891 começaram a aparecer registros frequentes da enfermidade na capital cearense. Tal ocorrência persiste, portanto, até 1901, quando a doença é considerada extinta na cidade em função de uma campanha de vacinação.

A constante presença da doença em Fortaleza, aliada às inúmeras dúvidas que se tinha acerca da etiologia da varíola no contexto do final do século XIX, mobilizou grande parte da classe médica cearense a elaborar explicações para a presença da enfermidade na capital. Havia uma forte associação entre períodos de estiagem com a varíola, mencionando-se nos jornais da época calamidades como a seca e a varíola conjuntamente. Essa tese explicativa baseava-se na ideia de que o surgimento de algumas doenças estava associado a determinadas estações

²⁷⁷ *Diário de Notícias*, 04/03/1888, p. 2.

²⁷⁸ VIANNA, Arthur. *As epidemias no Pará*. 2.ed. Belém: UFPA, 1975. p. 60.

²⁷⁹ BARROS, Karla Torquato dos anjos. “Falle a sciencia”: diferentes concepções sobre a varíola na capital do Ceará em fins do século XIX. *Revista Mosaico*, v. 2, n. 4, 2010.

climáticas ou atmosféricas, embora em 1891, quando a varíola novamente apareceu na capital cearense, o período de seca que se esperava não se confirmou.²⁸⁰

Ao analisar como se constituiu a assistência à saúde no Ceará entre 1877 e 1913, considerando os períodos de estiagem de 1877, 1888 e 1900, que também foram marcados por surtos epidêmicos de varíola, Janille Maia buscou mostrar os horrores da seca e como a varíola encontrou um ambiente propício para se proliferar dadas as condições precárias em que vivia grande parte da população cearense. Quando um período de seca era anunciado, as autoridades governamentais do Ceará expressavam profunda preocupação, sobretudo com a leva de retirantes que se encaminhavam para a capital cearense que deveria ser controlada. De acordo com a autora, a chegada de inúmeras pessoas à Fortaleza era anunciada nos jornais locais e de outras regiões em um tom pessimista e de grande preocupação²⁸¹ como, inclusive, podemos verificar em *A Província do Pará*, numa matéria intitulada *A secca no Ceará*:

Vai se perdendo a esperança de um inverno nessa provincia no corrente anno, pois apenas algumas chuvas cahiram em janeiro ultimo. Recrudescer de novo a entrada de retirantes do interior na capital, onde verificou-se existir nos primeiros dias do corrente anno 80.036 pessoas nos primeiros diversos abarracamentos. Calcula-se que esse numero elevar-se-há ao dobro em março, se até o fim de fevereiro não apparecerem chuvas abundantes.²⁸²

Ainda de acordo com Janille Maia, a seca e a varíola marcaram a história do Ceará e, conseqüentemente, estes assuntos não deixaram de ser denunciados pelos jornais da região, que constantemente anunciavam as conseqüências da seca e os inúmeros casos de varíola registrados na capital. Segundo levantamentos da autora, no final de 1878, o jornal *O Cearense* noticiava o enterro de 24.230 pessoas no cemitério Lagoa Funda entre 1 de novembro a 31 de dezembro. Além disso, os jornais locais faziam alarde sobre a chegada de um expressivo número de retirantes à capital cearense e retratava esse grupo como famintos, contrários à vacinação e com inúmeros problemas de saúde devido às condições precárias a que estavam submetidos.

Como visto no capítulo anterior, as condições de salubridade do Ceará também repercutiam nos periódicos paraenses e notícias sobre a varíola não eram raras de aparecerem, tanto quando a doença estava fazendo várias vítimas quanto em ocasiões em que era considerada extinta pelas autoridades sanitárias do Ceará. Em *A Província do Pará* era

²⁸⁰ *Ibid.*

²⁸¹ MAIA, Janille Campos. **O cortejo da moléstia: varíola, seca e assistência à saúde no Ceará (1877-1913)**. 2022. 270 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/53542>.

²⁸² *A Província do Pará*, 27/02/1879, p. 2.

noticiado que “Em Mecejana foi incendiado o hospital dos variolosos succumbindo no meio das chammas alguns doentes de bexigas e salvando-se somente 6 em um estado tao deplorável que talvez mui poucos sobrevivam”.²⁸³

As notícias veiculadas sobre o estado sanitário do Ceará em períodos que inclusive coincidiam com os de estiagem acarretou num grande fluxo migratório de cearenses para a capital paraense, os quais possivelmente contribuíram para tornar os migrantes cearenses como um alvo fácil para serem responsabilizados pela eclosão da varíola em Belém, na segunda metade do século XIX, ainda que reconheçamos que em alguns momentos houve, sim, a ocorrência simultânea de epidemias de varíola na capital paraense e na cearense. Todavia, a responsabilização dos cearenses pela “importação” da varíola para a capital paraense neste contexto parece partir muito mais da própria dinâmica dos surtos epidêmicos, contextos em que se torna comum a busca por um “bode expiatório” para explicar as causas do fenômeno, como aconteceu com as mulheres, judeus e homossexuais em outras doenças e outros momentos históricos²⁸⁴.

Ao mostrar de que forma a migração, seja estrangeira ou nacional, contribuiu para o aumento populacional ocorrido no final do século XIX e início do século XX, Cristina Cancela mostra a relação do número de migrantes oriundos da região Nordeste, sobretudo do Ceará, que vieram para a Amazônia no contexto estudado pela pesquisadora. Segundo a autora, após a seca de 1877\78 e 1888\89, cerca de 17.000 migrantes nordestinos haviam se deslocado para o estado do Pará. Com a grande seca de 1915\1916, vieram novas levas de migrantes nordestinos até a capital, totalizando cerca de 18.255 pessoas. Desse total aproximadamente 17.163 permaneceram no Pará e o restante se deslocou para o Amazonas e Acre.²⁸⁵

É certo que a vinda de inúmeros migrantes dessa região, que estava sendo flagelada, às vezes simultaneamente, pela seca e pela varíola, preocupava as autoridades sanitárias paraenses, principalmente porque, como vimos, a imprensa do Ceará, assim como a de outros estados, cumpria o papel de associar esses migrantes, que não eram bem vindos nem na capital cearense, a uma legião de famintos, doentes e até avessos às políticas de saúde, como a vacinação. Além disso, existia o medo das multidões, do que a chegada avolumada de retirantes cearenses que

²⁸³ A Província do Pará, 22/01/1879, p. 2.

²⁸⁴ MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **As doenças e os medos sociais**. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.

²⁸⁵ CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém - 1870-1920)**. 2006. 343 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-15012007-171851/pt-br.php>. p. 78.

estavam assolados pela fome, seca, miséria e doenças poderia causar na capital paraense, que naquele período se pretendia moderna e salubre de acordo com os preceitos da higiene.

Outrossim, embora ainda existissem muitas dúvidas em relação à etiologia da varíola naquele momento, as aglomerações eram vistas como problemas de saúde pública. Ao analisar a questão do medo na sociedade midiática, Nilson de Moraes²⁸⁶ aponta como a cultura do ocidente cria o medo e utiliza como ferramenta para produzir normas e regras sociais, afirmando que “Desta forma, o medo assume diferentes feições e modos de existência. O importante é que ele seja vivenciado e lembrado por todos, que seja parte do processo político e do controle social, o medo se insere numa lógica de espetáculo e controle”.²⁸⁷

Neste capítulo pretendemos, portanto, mostrar que as epidemias de varíola desencadeadas em Belém entre a segunda metade do século XIX e início do século XX produziu respostas similares que são possíveis de se observar em outras epidemias que aconteceram em diferentes sociedades. Embora as epidemias de varíola que irromperam a capital paraense no referido contexto obedecessem a lógicas que são próprias do seu tempo e espaço, como a culpabilização da corrente migratória oriunda do Ceará pela manifestação da doença na capital paraense, podemos inferir que a escolha do grupo social como bode expiatório é específica do contexto em função de esse ter sido um dos grupos que mais migraram para a região. Todavia, a escolha de um culpado está presente em outras epidemias que aconteceram em outras sociedades.

Procuramos, nesta seção, seguir o modelo explicativo proposto por Charles Rosenberg, mas não de um modo engessado. Assim, identificamos o momento em que a epidemia é anunciada enquanto um problema de saúde que não é mais possível de ser escondido; as teses explicativas que são dadas para sua aparição, que no caso de Belém estavam vinculadas à ideia de importação da doença oriundas, sobretudo das correntes migratórias do Ceará; as ações coletivas que visavam conter a propagação da doença, como a vacinação; isolamento; a caridade aos indigentes e até as preces feitas para São Sebastião. Além disso, o cortejo da epidemia nessa dramaturgia proposta por Charles Rosenberg teria fim com o abrandamento da doença e o olhar retrospectivo ou as lições que a sociedade poderia extrair daquele acontecimento, como podemos verificar na reportagem abaixo:

²⁸⁶ MORAES, Nilson Alves de. Doença e medo: charges, sentidos e poder na sociedade midiática. In: MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **As doenças e os medos sociais**. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.

²⁸⁷ MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **As doenças e os medos sociais**. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.

Decontestavelmente começa a declinar a mortalidade pela variola dentro da nossa capital, e é de justiça que se diga, graças ao serviço da vacinação, que tem sido feito ultimamente em grande escala. Estamos convencidos que os ignorantes refractarios, que não têm procurado o preservativo da vaccina, não tardarão a dizer que a extinção da epidemia é devida ás chuvas que devem apparecer por esses dias. Nós aqui da imprensa pedimos aos illustres medicos commissionados que redobrem o zelo no serviço de vacinação.²⁸⁸

A matéria trazida pelo jornal, que informa aos seus caros leitores sobre o declínio da epidemia de varíola, que havia ceifado inúmeras vidas, traz também as lições que podem ser extraídas deste triste contexto. O articulista, ao afirmar que a mortalidade estava declinando, não deixa de mostrar que este fato se deve ao serviço de vacinação, evidenciando as ações de enfretamento a doença e ao mesmo tempo trazendo uma lição sobre a epidemia, que só poderia ser debelada caso a população seguisse as recomendações encaminhadas pelas autoridades da saúde.

Assim, julgamos necessário neste capítulo mostrar os impactos da bexiga na sociedade paraense do contexto já destacado, a fim de que o leitor possa compreender que as doenças vão além de entidades biológicas, mas sim fenômenos socioculturais que podem servir de importante ferramenta para a leitura de uma dada sociedade e, portanto, desmascarar ainda mais seus problemas, como desigualdades, precária política de saúde, preconceitos, dentre outros.

²⁸⁸ Diário de Notícias, 23/11/1888, p. 2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O dicionário²⁸⁹ define como “doença” uma alteração biológica no estado de saúde de um ser, manifestada por um conjunto de sintomas perceptíveis ou não. Todavia, desde a revolução historiográfica francesa, os historiadores tem se debruçado em compreender a dimensão social da doença como um acontecimento que ameaça e modifica nossa existência, seja no campo individual ou coletivo e, visto que engloba aspectos sociais, a doença deve ser vista como um objeto da história.²⁹⁰

Dessa forma, seguindo o legado da história social, na presente dissertação buscamos compreender a doença para além de um conceito biológico, mas como um fenômeno sociocultural que desorganiza e reorganiza a estrutura de uma dada sociedade atingida pelo evento mórbido. Assim, buscamos fazer uma representação da varíola a partir do fluxo migratório cearense para a capital paraense entre a segunda metade do século XIX e início do século XIX.

A pesquisa documental aliada à literatura a respeito do tema e o contexto estudado nos permitiu chegar a algumas considerações sobre a relação entre as epidemias de varíola e a migração cearense para Belém entre 1877 a 1915. Ao analisarmos inicialmente as concepções sobre a varíola que circulavam entre os intelectuais, médicos e jornalistas do período, no primeiro capítulo desta dissertação, percebemos que pouco se sabia sobre a etiologia da doença, mas muita era a cobrança para que a classe médica encontrasse respostas para combatê-la. Ainda que se admitisse uma certa comunicabilidade da varíola, as concepções médicas em vigor na época pareciam não estar suficientemente consolidadas no sentido de poder se afirmar, com toda certeza, a origem da doença.

A classe médica parecia dividida em meio a pouca influência da teoria microbiana e maior influência das teses miasmáticas, que pensavam a propagação das doenças a partir de influências do ambiente, portanto, desviando da possibilidade de comunicabilidade das doenças entre os indivíduos. A imprensa, por outro lado, só reproduzia os discursos médicos ou governamentais. Ora, se naquele contexto pouco se sabia sobre a etiologia da doença, sua forma de transmissão, origem e propagação, o que teria levado a classe médica, autoridades governamentais locais e a imprensa a culpabilizarem os migrantes cearenses pela eclosão das epidemias de varíola em Belém entre a segunda metade do século XIX e início do século XX?

²⁸⁹ RIBEIRO, Débora. Doença. **Dicio**, s. d. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/doenca/>.

²⁹⁰ NASCIMENTO, Dilene Raimundo. A doença como objeto da história. In: **As pestes do século XX: tuberculose e AIDS no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 25-44. História e saúde collection.

Além disso, naquele contexto não havia efetivamente uma política de saúde pública, haviam apenas ações emergenciais emanadas do poder público em épocas críticas, como nas epidemias. Normalmente essas ações eram sustentadas por uma pequena verba chamada “socorros públicos”. Sendo assim, as poucas instituições públicas de saúde existentes à época se apresentavam como bastante ineficientes. Era o caso, por exemplo, da Junta de Higiene que, mesmo depois de reestruturada, em 1891, contava com um quadro bem reduzido de funcionários. Também não havia em Belém, até o início do século XX, segundo relatório apresentado à Inspeção Geral do Serviço Sanitário do Estado do Pará, em 1900, um serviço de verificação de óbitos, o que tornava inviável a possibilidade de que as autoridades governamentais locais pudessem precisar a origem das epidemias de varíola na região.

Dessa forma, consideramos que a associação entre as epidemias de varíola em Belém e a corrente migratória oriunda do Ceará insere-se na própria dinâmica dos contextos epidêmicos que comumente usa de bodes expiatórios para explicar o acontecimento mórbido, principalmente atrelando a população migrante à causa desses males, como em Belém, em que até meados de 1850, a causa para a eclosão da bexiga na cidade estava relacionada ao tráfico de escravizados e, a partir da década de 1870, defendia-se que o surgimento da doença estava relacionado à chegada dos migrantes cearenses à capital.

Cabe pontuar que a década de 1870 é marcada por um intenso fluxo migratório de nacionais e estrangeiros para a região. Todavia, os migrantes cearenses são os principais responsáveis para o crescimento populacional do Estado devido, principalmente, aos períodos de estiagem que assolavam os sertões cearenses e a possibilidade de trabalho proporcionados pela economia gomífera.

Contudo, a chegada desses migrantes na capital paraense, que se pretendia moderna e civilizada, não era bem vista, já que essa população contrastava com o ideal de civilização e progresso. Associados como retirantes e flagelados, os migrantes cearenses eram retratados na imprensa como miseráveis, famintos, doentes e havia ainda o medo de que uma multidão de pobres aglomerados poderia representar para a manutenção da ordem pública da Belém da Belle Époque.

O sertanejo que fugia da seca e era lido como retirante e flagelado não era bem quisto nem na capital cearense que, neste contexto, também se pautava no tripé civilização, progresso e salubridade. O fenômeno da grande seca de 1877 repercutiu não somente na imprensa do Ceará e do Pará, para onde boa parte desse grupo migrou, como também repercutiu na imprensa nacional, ajudando a cristalizar a imagem desse migrante como faminto, miserável, enfermo e causador da desordem.

A imprensa, como um meio de comunicação capaz de julgar e proferir sentenças, contribuiu para a construção do que era o migrante cearense na segunda metade do século XIX e início do século XX. Ora, o estereótipo criado sobre esse grupo e veiculado pelos principais jornais contribuíram para o bode expiatório ideal para as epidemias de varíola que eclodiram na capital paraense entre a segunda metade do século XIX e início do século XX.

Essas considerações nos colocam diante da constatação de que a tendência em responsabilizar os cearenses pelas epidemias de varíola estaria relacionada à tendência a buscar sempre, por parte de autoridades e médicos, uma origem exógena para as epidemias, mas também de considerar classes pobres sinônimo de “classes perigosas”, nos indicando a possibilidade de os migrantes cearenses serem mais vítimas que causadores das moléstias na Amazônia, como várias vezes se percebe em passagens dos discursos veiculados sobre o tema.

Por fim, vale ressaltar que os discursos mencionados, os quais atrelam as epidemias em Belém às correntes migratórias de nordestinos, foram reproduzidos pela historiografia dos mais diferentes matizes sobre o tema, na longa duração do século XIX ao século XXI, a ponto de se tornar lugar comum nas análises sobre epidemias na capital paraense, e, sem cair na armadilha da vaidade, consideramos que este trabalho contribui para lançar novas luzes sobre essa questão, relativizando uma tese cristalizada desde longa data.

FONTES

CAMPOS, Américo. Hygiene. In: **Quarto Centenário do Descobrimento do Brazil: O Pará em 1900**. Pará-Brasil: Imprensa de Alfredo Augusto Silva, 1900.

CAMPOS, Américo. Notícia sobre a pathologia medica do Pará. In: **Quarto Centenário do Descobrimento do Brazil: O Pará em 1900**. Pará-Brasil: Imprensa de Alfredo Augusto Silva, 1900.

GODINHO, João. Notícia sobre a natalidade, a nupcialidade e a mortalidade em Belém, no quinquênio de 1895 a 1899. In: **Quarto Centenário do Descobrimento do Brazil: O Pará em 1900**. Pará-Brasil: Imprensa de Alfredo Augusto Silva, 1900.

LAGOS, Gonçalo. Notícia sobre a meteorologia e climatologia medicas do Estado do Pará. In: **Quarto Centenário do Descobrimento do Brazil: O Pará em 1900**. Pará-Brasil: Imprensa de Alfredo Augusto Silva, 1900.

LEMOS, Antonio José de; FIDANZA, Felipe Augusto. **Álbum de Belém: Pará 15 de novembro de 1902**. Paris: Philippe Renouard, 1902.

LOBATO, Júlio. **Notas de um reporter: a vida dum reporter – reportagens nos hotéis e padarias de Belém**. Belém, PA: Typ. F. Lopes, 1916.

RELATÓRIO. **Relatório apresentado ao Governador do Estado Dr. Lauro Sodré em 30 de junho de 1892 pelo Dr. Cypriano Santos**. Belém: Biblioteca Orlando Bitar, Conselho Estadual de Cultura, 1892.

RELATÓRIO. **Relatório apresentado pelo Dr. Américo Campos a inspetoria geral do serviço sanitário do Estado do Pará**. Serviço de verificação de óbitos. Belém: Arquivo Público do Estado do Pará, 1900.

VIANNA, Arthur. **As Epidemias no Pará**. 2. ed. Belém: UFPA, 1975.

VIANNA, Arthur. **A Santa Casa de Misericórdia Paraense – Notícia Histórica (1650 - 1902)**. 2. ed. Belém: SECULT, 1992.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp Von. **Natureza, doenças, medicina e remédio dos índios brasileiros (1844)**. Brasiliana v. 154. Biblioteca pedagógica brasileira. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939.

LA CONDAMINE, Charles-Marie. **Viagem na América Meridional descendo o Rio das Amazonas**. Brasília: Senado Federal, 2000.

Relatórios de Presidente de Província

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador João Capistrano Bandeira de Mello Filho ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1877. Disponível em

<http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 28 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador José da Gama e Abreu ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1879. Disponível em

<http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 01 ago. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Miguel José d'almeida Pernambuco ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1889. Disponível em:

<http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 01 ago. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador José Paes de Carvalho ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1898. Disponível em:

<http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 28 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador José Paes de Carvalho ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1899. Disponível em:

<http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 28 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador José Paes de Carvalho ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1900. Disponível em:

<http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 28 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador José Paes de Carvalho ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1901. Disponível em:

<http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 29 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Augusto Montenegro ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1902. Disponível em:

<http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 29 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Augusto Montenegro ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1903. Disponível em:

<http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 29 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Augusto Montenegro ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1904. Disponível em:

<http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 29 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Augusto Montenegro ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1905. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 30 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Augusto Montenegro ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1906. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 30 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Augusto Montenegro ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1907. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 30 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Augusto Montenegro ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1908. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 31 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador João Antonio Luiz de Coelho ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1909. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 31 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador João Antonio Luiz de Coelho ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1910. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 31 jul. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador João Antonio Luiz de Coelho ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1911. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 01 ago. 2023.

PARÁ, 1912. Mensagem dirigida pelo governador João Antônio Luiz Coelho ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1912. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 02 ago. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Éneas Martins ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1913. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 02 ago. 2023.

PARÁ. Mensagem dirigida pelo governador Éneas Martins ao congresso legislativo do Estado do Pará. **Pará**, 1915. Disponível em: <http://ddsnext.crl.edu/titles/172#?c=4&m=0&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1510%2C251%2C4570%2C3224>. Acesso em: 02 ago. 2023.

Jornais

A Província do Pará

A Folha do Norte

Diário de Notícias

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

AMARAL, Alexandre de Souza. **Vamos à vacina? Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (1904-1911)**. 2006. 286 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4254>. Acesso em: 08 ago. 2023.

ARAÚJO, Avohanne Isabelle Costa de. **Alimentação, saúde e doenças carenciais em períodos de seca nos sertões do Rio Grande do Norte (1877-1915)**. 2022. 309 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/53541>. Acesso em: 20 set. 2023.

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. Imprensa e fotografia: imagens de pobreza no Ceará entre final do século XIX e início do século XX. **Projeto História**, v. 24, São Paulo, 2002.

BARROS, Karla Torquato dos anjos. “Falle a sciencia”: diferentes concepções sobre a varíola na capital do Ceará em fins do século XIX. **Revista Mosaico**, v. 2, n. 4, 2010.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: Um Haussmann tropical**. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria municipal de cultura, 1992.

BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo**. Campinas: Unicamp, 2004.

BEZERRA, Mariza Pinheiro. A mortífera peste das bexigas: dramaturgia de varíola em São Luís. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; PIMENTA, Tania Salgado; MOTA, André. **No rastro das províncias**. Vitória: EDUFES, 2019.

BEZERRA NETO, José Maia; GUZMÁN, Décio de Alencar. **Terra matura**: historiografia e história social na Amazônia. Belém: Paka-Tatu, 2002.

BEZERRA NETO, José Maia. Arthur nas Forjas da História. A Contribuição de Arthur Vianna para a historiografia paraense. In: FONTES, Edilza Joana de Oliveira; BEZERRA NETO, José Maia (orgs). **Diálogos entre História, Literatura & Memória**. Belém: Paka-Tatu, 2007.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras**: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, 1985.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BORGES, Ricardo. **O Pará Republicano 1824-1929**: ensaio histórico. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1983.

BURKE, Peter. **A escola dos annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo, editora da Unesp, 2010.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém - 1870-1920)**. 2006. 343 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-15012007-171851/pt-br.php>. Acesso em: 05 ago. 2023.

CANCELA, Cristina Donza; CASTRO, Lara de (Orgs.). **Nortes migrantes**: deslocamentos, trajetórias e ocupação na Amazônia brasileira. Brasília: Senado Federal, 2023.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo. Companhia das letras, 1996.

CHAMBOULEYRON, Rafael. ‘Formidável Contágio’: epidemias, trabalho e recrutamento na Amazônia Colonial (1660-1750). **História, Ciências e saúde-Manguinhos**, v. 18, n. 4, p. 987-1004, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702011000400002>. Acesso em 03 ago. 2023.

COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da Belle Époque e da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. **Revista Observatório**, v. 2, n. 5, p. 32-56, 2016.

COLETTA, Ricardo Della. Em novo ataque, Bolsonaro sugere que China faz guerra biológica com Covid. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/05/em-novo-ataque-bolsonaro-sugere-que-china-faz-guerra-quimica-com-covid.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2023.

COSTA, Magda Nazaré Pereira da. **Caridade e saúde pública em tempo de epidemias**. Belém 1850-1890. 2006. 108 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

CUETO, Marcos. El pasado de la medicina: la historia y el oficio. Entrevista com Roy Porter. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/qQNkSnKhHPsbLV8Hct5RTsG/?lang=es&format=pdf>. Acesso em: 03 ago. 2023.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo, companhia das Letras, 2009.

DIAS, Edinéa Mascarenhas. **Manaus (1890- 1910)**: a ilusão do Fausto. Manaus: Valer, 1999.

FERNANDES, Tania Maria Dias. Varíola: doença e erradicação. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (orgs). **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

FERNANDES, Tania Maria. **Vacina antivariólica**: ciência, técnica e poder dos homens (1808-1920). 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

FERREIRA, Luiz Mateus da Silva. **Terra, trabalho e indústria na colônia de imigrantes Dona Francisca (Joinville), Santa Catarina, 1850-1920**. 2019. 325 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-19082019-135708>. Acesso em: 18 set. 2023.

FERREIRA, Luiz Otávio. Uma interpretação higienista do Brasil Imperial. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. (Orgs). **Ciências, civilização e Império nos trópicos**. Rio de Janeiro: Access Editora, 2001.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Páginas antigas: uma introdução à leitura dos jornais paraenses, 1822-1922. **Margens**, v. 2, n. 3, p. 245-266, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/3040>. Acesso em: 04 ago. 2023.

FONTES, Edilza. O Paraíso chama-se Pará: o álbum Pará em 1900 e a propaganda para atrair imigrantes. In: BEZERRA NETO, José; GUZMÁN, Décio. **Terra matura**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

FONTES, Edilza. A Bubônica: o teatro do progresso em Marques de Carvalho. In: FONTES, Edilza Joana de Oliveira; BEZERRA NETO, José Maia (orgs). **Diálogos entre História, Literatura & Memória**. Belém: Paka-Tatu, 2007.

FONTES, Edilza. A bubônica: o teatro do progresso em Marques de Carvalho. **História em quarentena**, 2020. Disponível em <https://historiaemquarentena.blogspot.com/>. Acesso em: 05 set. 2023.

GARCIA, Ana Karine Martins. **A sombra da pobreza na cidade do sol**: o ordenamento dos retirantes na segunda metade do século XIX. 2006. Dissertação (mestrado em história). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. In: NOVAES, Adauto (Org.). **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KROPF, Simone Petraglia. Ciência, saúde e desenvolvimento: a doença de chagas no Brasil (1943-1962). **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, pp. 107-124, 2005.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. 2006. 346 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16072007-105321/pt-br.php>. Acesso em: 05 ago. 2023.

LE GOFF, Jacques. **As doenças têm história**. Tradução Laurinda Bom. Lisboa: Terramar, 1991.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAIA, Janille Campos. **O cortejo da moléstia: varíola, seca e assistência à saúde no Ceará (1877-1913)**. 2022. 270 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/53542>. Acesso em: 05 out. 2023.

MASTROMAURO, Giovana Carla. Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica: instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do século XX. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: ANPUH, 2011.

MENEZES, Maíra. A revolução pasteuriana como ponto de partida. **Instituto Oswaldo Cruz (IOC)**, 2022. Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/noticias/revolucao-pasteuriana-como-ponto-de-partida>. Acesso em: 03 maio 2023.

MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **As doenças e os medos sociais**. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.

MORAES, Nilson Alves de. Doença e medo: charges, sentidos e poder na sociedade midiática. In: MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **As doenças e os medos sociais**. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo. A doença como objeto da história. In: **As pestes do século XX: tuberculose e AIDS no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 25-44. História e saúde collection.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo; MAGALHÃES, Sônia Maria de. Medicina, saúde e doenças na história. **História Revista**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 1-2, 2015.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo; VIANNA, Eliza da Silva; MORAES, Monica Cristina de; SILVA, Danielle Souza Fialho da. O indivíduo, a sociedade e a doença: contexto, representação social e alguns debates nas histórias das doenças. **Khronos**, v. 6, p. 17, 2018. DOI: 10.11606/khronos.v0i6.150982.

NEVES, Frederico de Castro. Cural dos Bárbaros: Os campos de concentração no Ceará (1915-1932). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 93-122, 1995.

NEVES, Frederico de Castro. “Desbriamento” e “Perversão”: Olhares ilustrados sobre os retirantes da seca de 1877. **Proj. História**, São Paulo, n. 27, p.167-189, 2003.

NEVES, Frederico de Castro. Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877–1915). **Trajetos** (UFC), Fortaleza, v. 6, n.6, p. 113-138, 2005.

NEVES, Frederico de Castro. Corpos em exposição: Retirantes pobres na imprensa brasileira (1915). **Embornal**, v. 10, n. 19, p. 130-143, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/embornal/article/view/3246>. Acesso em: 01 out. 2023.

OLIVEIRA SOBRINHO, Afonso Soares de. São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 210-235, 2013.

PEREIRA, Leonardo. **As Barricadas da Saúde – Vacina e Protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

PORTER, Roy. **Das tripas coração: Uma breve história da medicina**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

PORTER, Roy. **História da medicina**. Rio de Janeiro. Editora REVINTER, 2006.

REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro, 1976.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RIBEIRO, Débora. Doença. **Dicio**, s. d. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/doenca/>. Acesso em: 03 jan. 2024.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RITZMANN, Iraci Gallo. **Belém: Cidade Miasmática**. 1997. 230 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

RODRIGUES, Silvio Ferreira. **Esculápios tropicais: A institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919**. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4306>. Acesso em: 02 ago. 2023.

ROSENBERG, Charles. Framing disease: illness, society and history. ROSENBERG, Charles; GOLDEN, Janet (Eds.), **Framing disease**. Studies in cultural history. New Brunswick/New Jersey: Rutgers University Press, 1992.

ROSENBERG, Charles. **Explaining epidemics and other studies in the history of medicine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SÁ, Magali Romero. A “peste branca” nos navios negreiros: epidemias de varíola na Amazônia colonial e os primeiros esforços de imunização. **Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental**, v. 11, n. 4, p. 818-826, 2008.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas Produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do Velho Intendente (1870-1912)**. Belém: Paka -Tatu, 2002.

SARGES, Maria de Nazaré. Fincando uma tradição colonial na república: Arthur Vianna e Antônio Lemos. In: BEZERRA NETO, José; GUZMÁN, Décio. **Terra matura**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SENDAS, Phillippe; SEIXAS, Netília. Comunicação & História: A imprensa de Belém no alvorecer do século XX. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.1120123774>. Acesso em: 07 ago. 2023.

SILVA, Diego Santos da. **“Tocados d’aquelle veneno mal”**: as epidemias em Belém na primeira metade dos oitocentos: 1800-1850. 2022. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, 2022. Disponível em: https://pphist.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2022/2022_Diego_SILVA_DISSERTACAO.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

SILVA, Júlio Santos da. **Adoecendo na cidade da Borracha: Manaus (1877-1920)**. 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, 2012. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4762>. Acesso em: 03 ago. 2023.

SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. **Da Mereba Ayba à varíola: isolamento, vacina e intolerância popular em Belém do Pará, 1884-1904**. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4580>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da. **Em busca da cura: a institucionalização da medicina acadêmica em Belém e sua relação com outras práticas terapêuticas entre 1889 e 1925**. Belém: CRV, 2017.

SILVA; Jairo de Jesus Nascimento da; SILVA, Julia Rafaela. Vacina e resistência popular às profilaxias oficiais em Belém do Pará. In: ARAÚJO, Telmo Renato da Silva; COSTA, Tony Leão da. SILVA, Jairo de Jesus Nascimento da (Org.). **Amazônia: História, Culturas e Identidades**. 1. ed. Belém: Editora Dalcídio Jurandir, 2021, p. 39-76.

SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres. Epidemia: evento ou narrativa. In: **ANPUH–XXII Simpósio Nacional de História**, João Pessoa, 2003.

SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres. A crônica da espanhola em Belo Horizonte. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (Orgs). **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres da; NASCIMENTO, Dilene Raimundo. **A doença revelando a história**: uma historiografia das doenças. Brasília: Paralelo 15, 2004.

SILVEIRA, Anny Jacqueline Torres. A varíola no Brasil do século XIX. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MACIEL, Ethel Leonor Noia (org.). **Uma história brasileira das doenças**: Volume 4. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2013.

STUDART, Guilherme (Barão de). **Climatologia, epidemias e endemias no Ceará**: memória apresentada ao 4 congresso médico latino-americano do Rio de Janeiro. [1909]. Ed. Fac-sim, Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

TEÓFILO, Rodolfo. **A fome**: cenas da seca do Ceará. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum**: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

VENDRAME, Maíra Ines. Micro história e história da imigração: pensando o problema do equilíbrio e da complexidade. **Revista tempo e argumento**. Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 267-288, 2018.

VENTURA, Deisy. Pandemia e estigma: nota sobre as expressões "vírus chinês" e "vírus de Wuhan". **Museu da Imigração**, 2020. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/pandemia-e-estigma-nota-sobre-as-expressoes-virus-chines-e-virus-de-wuhan>. Acesso em: 23 abr. 2023.

VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes**: história da família no sertão (1780-1850). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha: Hucitec, 2004.

VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. "Parecia que até o céu se fachara ao clamor do povo aflito": epidemia no Grão-Pará (1748-1750). **História Unisinos**, v. 26, n. 1, p. 28-38, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/hist.2022.261.03>. Acesso em: 08 ago. 2023.

VIGARELLO, George. **História das práticas de saúde – A saúde e a doença desde a Idade Média**. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

WEINSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia**: Expansão e Decadência (1850 - 1920). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.